EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

A UNIÃO

A UNIÃO 132 Anos

Ano CXXXII Número 073 | R$ 4,00



João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 27 de abril de 2025

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A EPC:09366790000106

Assinado de forma digital por EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A EPC:09366790000106
Dados: 2025.04.25 22:59:16 -03'00'

MITIGAÇÃO DOS IMPACTOS

Iniciativas ajudam paraibanos a enfrentar mudanças climáticas

Ações vão de cisternas a estações climatológicas para monitorar o aquecimento nos municípios. *Página 5*



Foto: Roberto Guedes

Projeto visa mapear e integrar os museus do estado

Parceria firmada entre a Secretaria da Cultura e o Instituto Brasileiro de Museus, a partir de um termo de cooperação, pretende identificar todos os espaços de memória presentes nos municípios, revelar suas reais necessidades, conectar saberes e públicos diversos e instituir políticas públicas duradouras para o setor.

Página 8

Memórias

Foto: Carlos Rodrigo



Petrônio Souto defendeu a pluralidade

Ex-presidente de ***A União*** *fez questão de cultivar o profissionalismo. "Para mim, jornalista é sinônimo de repórter".*

Páginas 14 e 15

Botafogo-PB joga contra o ABC-RN, hoje, pela terceira rodada da Série C

Belo busca manter 100% de aproveitamento na partida que acontece no Estádio Almeidão, em João Pessoa, a partir das 19h.

Página 21

Áreas verdes da capital são alvos de incêndios, lixo e desmatamento

Locais como a Mata do Buraquinho e a Barreira do Altiplano têm sinais de degradação que ameaçam a vida silvestre.

Página 20

Discursos de ódio contra as mulheres no ambiente virtual atraem adolescentes

Série de sucesso chama atenção para a difusão de falas misóginas e reacionárias entre jovens usuários das redes.

Página 7

■ "As câmeras não espicharam as suas lentes, como sempre o fizeram, em sua última chegada à sacada do Vaticano".

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ "Imagino que todo poeta tem o seu Augusto! Vez ou outra, nenhum escapa ao peso de sua sombra lírica!".

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

Novo filme une Marcélia Cartaxo com obra de Clarice Lispector

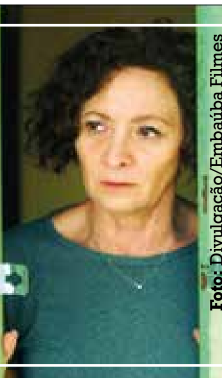


Foto: Divulgação/Embaúba Filmes

Atriz paraibana vive uma artista plástica em crise existencial no longa-metragem que faz uma incursão ao universo da escritora.

Página 9



Pensar

A capacidade de superar situações difíceis e seguir em frente é um exercício que encontra no perdão um elemento central. Mas, quais seriam os passos para alcançar esse objetivo? E como isso afeta a saúde e a vida social?

Páginas 29 a 32

Assine o Jornal A União agora: (83) 3218.6500 circulacao@epc.pb.gov.br

EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa
EDITORAÇÃO: Débora Borges

Editorial

A lei dentro de casa

A escravidão não terminou, de fato, no Brasil, com a assinatura da Lei Áurea pela princesa Isabel, em 13 de maio de 1888. Homens e mulheres, de variadas faixas etárias, continuaram, por exemplo, vivenciando, nos centros urbanos, situações de trabalho análogas à escravidão, do mesmo modo que, na Zona Rural, milhares de pessoas continuaram trabalhando em circunstâncias semelhantes ao antigo regime escravocrata.

O caso dos empregados domésticos é exemplar. Graças à luta incessante de líderes populares e de políticos comprometidos com os direitos trabalhistas dos contingentes sociais historicamente desassistidos, principalmente homens e mulheres negros, hoje, a categoria desfruta de vários direitos, como jornada de trabalho de oito horas diárias, seguro-desemprego, indenização em caso de despedida sem justa causa e aposentadoria.

Sabe-se, porém, que não poucos homens e mulheres, em centenas de residências espalhadas pelos campos e cidades deste país, ainda sobrevivem como se parentes fossem das famílias que as abrigam, quando, na verdade, não passam de empregados domésticos disfarçados, pelos patrões e patroas, cumprindo jornadas de trabalho extenuantes, alienadas, propositalmente, dos direitos que lhes reserva a legislação trabalhista.

São homens e mulheres que, afastados, às vezes, desde a mais tenra infância, de seus familiares, e depauperados física, psicológica e financeiramente, "entendem" que não têm para onde correr, pedindo socorro, motivo pelo qual se submetem a condições de trabalho degradantes, ainda mais, como foi dito, por serem falsamente tratadas como "parentes" pelas famílias que os exploram, não importando se é dia santo ou feriado.

Daí a importância da ação fiscalizadora do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), dos sindicatos e federações representativos das classes laboriosas, no sentido de identificar e punir os patrões e as patroas que exploram a mão de obra alheia, mais criminosamente ainda quando dissimulada, como do mesmo sangue fosse. Quem "presta serviços de forma contínua, subordinada, onerosa e pessoal" deve ser devidamente ressarcido pelo trabalho.

Hoje, celebra-se, no Brasil, o Dia do Empregado Doméstico. Parabéns, portanto, à tão importante categoria profissional, formada, entre outras especialidades, por homens e mulheres que cozinham, engomam e fazem faxina; cuidam de crianças, de animais e de jardins; lavam e passam roupas; vigiam, dirigem carros e fazem companhia aos doentes e idosos. E que nunca lhes faltem o devido respeito e os justos direitos sociais.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

A pedagogia do oprimido, de Paulo Freire

O clássico "Pedagogia do Oprimido", de Paulo Freire, patrono da Educação brasileira, foi concluído em outubro de 1968, quando ele estava exilado no Chile. No prólogo, intitulado "Primeiras palavras", afirma que a obra "é resultado das observações e reflexões — reunidas durante os cinco anos de exílio — acerca das atividades educativas que tivera a oportunidade de exercer no Brasil e na América Latina, incluindo o próprio Chile". A tese revolucionária defendida tem seu caráter pedagógico pautado na promoção da liberdade emancipatória, por meio do diálogo, da solidariedade e do companheirismo entre educadores e classes operárias.

A obra-prima foi elaborada inteiramente em manuscritos, que foram deixados sob a guarda de Jacques Chonchol, um dos principais ministros do governo de Salvador Allende. Depois que os entregou, nunca mais os viu, pois não ficara com qualquer cópia. Os originais permaneceram em poder do ministro por cerca de duas décadas, sendo levados por ele para Paris, onde instalou-se como exilado após a derrubada do governo Allende, no Chile. Por sorte, esses manuscritos não foram apreendidos quando as tropas de Pinochet invadiram a casa do ministro, não dando importância à pasta simples de cartolina que continha as folhas de papel almaço escritas à mão. Em 2013, Chonchol entregou os manuscritos à Universidade Nove de Julho, de São Paulo.

O livro foi proibido pela Ditadura Militar, permanecendo inédito até 1974. Nem se poderia esperar postura diferente do regime autocrático instalado no Brasil após o Golpe de 64, considerando que Freire inicia dedicando a obra: "Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam." Está na 50ª edição em português, embora tenha sido publicado pela primeira vez em inglês. É, sem dúvida, uma das obras brasileiras mais traduzidas e editadas no exterior.

A reação da direita, em todos os lugares do mundo, sempre é no sentido de tentar conter o potencial transformador da educação, em sua capacidade de moldar mentes e inspirar mudanças sociais. Paulo Freire critica a cultura do silêncio imposta aos oprimidos, que objetiva fazê-los desconhecer as condições que têm de transformar a realidade em que estão inseridos. Dá ênfase à necessidade de desenvolver um processo político, pela educação libertadora, visando despertar os indivíduos de sua opressão e gerar ações de transformação social.

Paulo Freire sustenta que se torna essencial uma consciência crítica da realidade, para que sejam superados os conflitos entre opressores e oprimidos, permitindo, assim, um maior engajamento no compromisso com a transformação social. O livro "Pedagogia do Oprimido" nunca perdeu a atualidade, não só porque continuam existindo os oprimidos, mas também porque se trata de uma obra considerada de grande valor na busca por criar, por meio da educação, "um mundo em que seja menos difícil amar", como afirma ao final da obra.

Continua causando impactos em várias gerações de educadores, na América Latina e no mundo, contribuindo para a definição de espaços de resistência ao autoritarismo político e demagógico. Segundo o escritor e educador Moacir Gadotti: "Paulo Freire escreveu sua Pedagogia do Oprimido, no contexto dos fortes movimentos emancipatórios da década de 60: movimentos de mulheres, estudantes, camponeses, trabalhadores, negros, movimentos sociais e populares".

> **O livro foi proibido pela Ditadura Militar, permanecendo inédito até 1974**
>
> Rui Leitão

Foto Legenda

Leonardo Ariel



Quando a arte recomenda cautela

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Francisco

"Tomei o seu nome por guia e inspiração no momento de minha eleição para bispo de Roma (...) Pelo exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral vivida com alegria e autenticidade".

É o que volto a ler nesta semana de luto universal e glorioso, na segunda Carta Encíclica do papa Francisco, *Laudato Si*, "sobre o cuidado da causa comum".

Que causa comum?

A que levara Paulo VI a advertir a FAO, há mais de meio século, sobre a necessidade urgente de "uma mudança radical no comportamento da humanidade (...) porque os progressos científicos mais extraordinários, as invenções técnicas mais assombrosas, o desenvolvimento econômico mais prodigioso, se não estiverem unidos a um progresso social e moral, voltam-se necessariamente contra o homem".

Francisco retoma a mesma preocupação dos seus antecessores, mas trazendo ou destacando no ecológico o pleno respeito pela condição humana: "O progresso humano autêntico possui um caráter moral e pressupõe o pleno respeito pela pessoa humana. (...) Assim, a capacidade de o ser humano transformar a realidade deve desenvolver-se com base na doação originária das coisas por parte de Deus".

Não podia faltar a Amazônia: "Os ecossistemas das florestas tropicais possuem uma biodiversidade de enorme complexidade, quase impossível de conhecer completamente, mas, quando estas florestas são queimadas ou derrubadas para desenvolver cultivos, e, em poucos anos perdem-se inúmeras espécies, essas áreas transformam-se em áridos desertos.

" Todavia, ao falar sobre esses lugares, impõe-se um delicado equilíbrio, porque não é possível ignorar também os enormes interesses econômicos internacionais que, a pretexto de cuidar deles, podem atentar contra as soberanias nacionais. Há propostas de internacionalização da Amazônia que só servem aos interesses econômicos das corporações internacionais".

A transcrição é longa, difícil de evitar como expressão da grande e única liderança espiritual destes nossos tempos. A alegria que inspirava a todos, desde o mais sofrido dos cadeirantes à mais inocente das crianças, ele próprio definiu-a em Francisco, seu guia:

"Tal como acontece a uma pessoa quando se enamora por outra, a reação de Francisco, sempre que olha o sol, a lua ou os minúsculos animais, era cantar, envolvendo no seu louvor todas as outras criaturas".

As câmeras não espicharam as suas lentes, como sempre o fizeram, em sua última chegada à sacada do Vaticano. Assim suponho. Quiseram evitar o *close* de um rosto de quem o riso se despedia.

> **As câmeras não espicharam as suas lentes, como sempre o fizeram, em sua última chegada à sacada do Vaticano**
>
> Gonzaga Rodrigues

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)
ASSINATURAS: Anual ..... R$385,00 / Semestral ..... R$192,50 / Número Atrasado ..... R$3,30
CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gpv.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

CUIDAR DO LAR

Programa muda a vida de centenas de famílias

Projeto da PMJP vem se tornando referência em políticas de habitação social

Lílian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Há um tipo de felicidade que nasce silenciosa entre paredes erguidas com cuidado. Um tipo de alegria que se revela no brilho de um novo piso, no barulho suave da porta que agora se fecha com segurança ou na cobertura que protege sem medo cada gota de chuva. É a casa, enfim, vestida de dignidade. Quando a estrutura ganha força, o coração da moradia pulsa com esperança. Na capital, esse sonho vem se tornando realidade para centenas de famílias por meio do programa Cuidar do Lar, da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP).

Instituído pela Lei nº 14.310/2021 e regulamentado pelo Decreto nº 9.977/2022, o programa teve início efetivo das obras em 2023. A proposta vai além da estética: trata-se de garantir conforto, segurança e salubridade a moradias de famílias com renda bruta de até dois salários mínimos. A iniciativa tem caráter permanente, com financiamento via Fundo de Desenvolvimento Urbano (Fundurb), e vem se tornando referência em políticas públicas de habitação social.

Atualmente, o Cuidar do Lar conta com 1.500 inscrições, das quais 600 imóveis já estão aptos para reforma, enquanto outros 900 aguardam regularização documental. A obra pode incluir desde acessibilidade até estrutura completa, com um investimento que pode chegar a R$ 11.800 por residência. "Cuidar do lar, dar qualidade de vida às pessoas de João Pessoa, que precisam e não têm condições de pagar. Não é material de construção; nós entregamos a casa pronta", explica a secretária municipal de Habitação Social de João Pessoa, Socorro Gadelha, ressaltando que a proposta não é estética, mas transformadora. "São pessoas que já têm uma casa, mas em condições muito precárias, e que não se encaixam em outros programas habitacionais por isso. Esse programa muda realidades", complementa.

Mais que cimento e tinta, o Cuidar do Lar entrega dignidade. Um lar sem goteiras, com portas firmes, banheiro funcional e segurança para os filhos brincarem. Uma casa onde o morador possa descansar sem medo, trabalhar com mais tranquilidade e viver com mais esperança. "É um programa permanente, com uma lei que garante sua continuidade. Tenho certeza que esse programa realmente muda a vida dos cidadãos de João Pessoa", garante Socorro Gadelha.

Premiado nacionalmente com o Selo de Mérito da Associação Brasileira de Cohabs e do Fórum Nacional de Habitação, o Cuidar do Lar representa a face mais humana da administração pública. "Esse é um programa permanente, com base legal, e que já mudou a vida de centenas de famílias. Ele é a cara da gestão humanizada que temos hoje, que cuida de verdade das pessoas", resume Socorro.



Fotos: Divulgação/PMJP



Iniciativa já reformou 350 residências em João Pessoa

Investimentos já chegam a R$ 3 milhões

Desde quando foi implantado, o programa Cuidar do Lar já transformou 350 residências e devolveu dignidade a famílias em situação de vulnerabilidade. Com investimentos que chegam a R$ 3 milhões, a iniciativa vai além da obra física: reconstrói sonhos.

Entre as pessoas beneficiadas está dona Alvina, que ganhou, além da sua casa reformada, a esperança de uma vida mais leve, em Oitizeiro. Já a dona de casa Ana Rodrigues, outra beneficiada pela iniciativa, descreve com emoção a mudança que viveu. "Minha casa estava muito danificada e eu não tinha condições de reformar. E, hoje, meu coração transborda de gratidão. É outra casa!", conta.

Já para Iricélia Martins, o sonho realizado tem raízes antigas: "Era um sonho que se arrastava há anos, desde o meu pai. Foi feito o telhado, a parte elétrica, as paredes, os quartos, o banheiro. A gente só tem o que agradecer", comemora.

Na casa de dona Severina Maria da Silva, mãe de três filhos e avó cuidadora, a reforma transformou a realidade. "Quando chovia, era uma agonia, molhava tudo. Mas agora tudo vai ser diferente. Minha casa vai ficar muito bonita", afirma. A obra incluiu teto, portas, janelas, instalações elétricas e hidráulicas, além da pintura completa.

Por trás de cada reforma, há uma equipe de engenheiros, arquitetos, assistentes sociais e advogados da Secretaria de Habitação Social (Semhab), que identifica, avalia e executa as mudanças com o máximo de agilidade e precisão.

Benefício

Para ser beneficiado pelo programa, é preciso ser proprietário de unidade habitacional e morar nela. O imóvel também precisa estar localizado fora de áreas de risco. A pessoa interessada em se inscrever precisa ainda ter, pelo menos, 18 anos (ou ser emancipado) e ser inscrito no Número de Identificação Social (NIS). Voltando para famílias com renda bruta de até dois salários mínimos, o programa prioriza casos com pessoas com deficiência, idosos, mulheres chefes de família e a menor renda.

Após a inscrição, a Semhab realiza uma visita técnica ao imóvel. A equipe — formada por engenheiro ou arquiteto e assistente social — avalia as condições do local e coleta os documentos necessários. A partir dessa visita, é produzido um laudo técnico e relatório fotográfico, que embasam a criação do Projeto Básico da obra.

Esse projeto inclui planta baixa, cortes, fachadas, cobertura, memorial descritivo, orçamento detalhado, cálculos de quantitativos e as especificações técnicas dos serviços. Com isso pronto, a obra é iniciada, com acompanhamento e fiscalização permanentes da equipe da Semhab.

A duração da obra varia de acordo com a complexidade da reforma, que pode incluir até 11 tipos de serviços: solução de esgoto, construção do primeiro banheiro, construção de um quarto, reforma no telhado, instalações de água e esgoto, instalações elétricas, reboco e pintura, portas e janelas, reforma de piso, acessibilidade e reformas de banheiro.

Ao fim da reforma, a secretaria elabora um relatório de execução, com fotos do antes e depois, que é assinado pela família beneficiada. Só então o sonho torna-se realidade completa: uma casa renovada, segura e acolhedora.

Inscrições

O programa segue sempre com inscrições abertas, por meio da plataforma Prefeitura Conectada, no *site* da prefeitura. Ao entrar na página, o cidadão deve clicar no ícone "Atendimento ao cidadão" e, em seguida, "Protocolos". Na sequência, é necessário efetuar o cadastro com uma conta de e-mail, para receber todas as informações sobre o andamento da solicitação da reforma. Após o cadastro, basta escolher o assunto "Semhab – Programa Cuidar do lar" e anexar os documentos descritos no formulário.



Por meio do *QR Code*, acesse o *link* do programa

UN Informe DA REDAÇÃO

STF DISCUTE INELEGIBILIDADE DE CANDIDATO QUE SUBSTITUIU PREFEITO POR OITO DIAS NA PB

O Supremo Tribunal Federal (STF) iniciou, na quarta-feira (23), a análise de uma ação que discute se a substituição do chefe do Poder Executivo por breve período, em razão de decisão judicial, é causa legítima de inelegibilidade para um mandato consecutivo. A questão é objeto do Recurso Extraordinário, com repercussão geral. No caso em julgamento, Allan Seixas de Sousa, eleito prefeito de Cachoeira dos Índios, em 2016, e reeleito em 2020, recorre de decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que manteve o indeferimento do registro de sua candidatura, porque ele havia ocupado o cargo por oito dias (de 31/8 a 8/9 de 2016), menos de seis meses antes da eleição. Segundo o Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB), a nova eleição configuraria um terceiro mandato consecutivo, o que é vedado pela Constituição Federal. Ao julgar recurso contra essa decisão, o TSE considerou que o entendimento está de acordo com a jurisprudência eleitoral, ou seja, que o exercício do cargo seis meses antes da data do pleito é causa de inelegibilidade, independentemente do período ou do motivo da substituição e da ausência de atos de gestão relevantes. Da tribuna, o representante do ex-prefeito argumentou que o pequeno período de exercício não caracteriza um mandato, já que ele estaria apenas cumprindo o dever de substituir o titular afastado por decisão judicial. Segundo o advogado, a norma constitucional visa evitar a perpetuação de mandatos, o que não teria ocorrido no caso. Ele alegou ainda que, nos oito dias em que ocupou o cargo, Souza não teria assinado atos que o beneficiassem na eleição. O julgamento continuará em data a ser agendada pelo presidente do STF, ministro Luís Roberto Barroso.

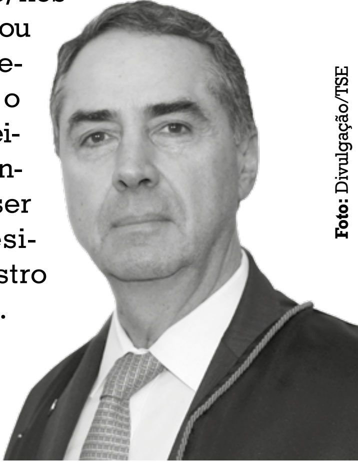


Foto: Divulgação/TSE

CAMINHOS DA INOVAÇÃO (1)

O Sebrae-PB já iniciou os trabalhos de construção de portfólio e planejamento estratégico da Rota Caminhos da Inovação da cidade. A consultora Vaniza Schuler, referência em turismo de negócios e inovação, com 38 anos de *expertise*, visitou o ecossistema de inovação local, formado por *startups*, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Fundação Parque Tecnológico da Paraíba (PaqTcPB).

CAMINHOS DA INOVAÇÃO (2)

A analista técnica do Sebrae-PB em Campina Grande, Ivana Sena, disse que o ecossistema da inovação é um grupo que vem trabalhando com 17 instituições de inovação desde 2015. "Nós resolvemos colocar a Rota Caminhos da Inovação como produto de turismo de negócios do nosso ecossistema. Vaniza Schuler fez uma validação no período do Neon do ano passado", comentou.

RADICALISMO DA DIREITA

O prefeito do Recife, João Campos, defende a manutenção de Geraldo Alckmin como o vice de Lula (PT) nas eleições de 2026 e projeta o aumento do radicalismo de direita nos cargos legislativos. "É uma posição clara e unificada dentro do partido [o PSB como vice de Lula], com a prioridade da manutenção do vice-presidente Geraldo Alckmin numa chapa presidencial", disse. Ele é o único candidato à presidência nacional do PSB, até agora.

PARCERIA NA DPE-PB

Um intercâmbio entre a Defensoria Pública da Paraíba (DPE-PB) e a Academia Paraibana de Direito deverá fortalecer o diálogo entre defensores públicos e o meio acadêmico. A proposta de parceria foi apresentada, na última sexta-feira (25), pelo presidente da academia, Boisbaudran Imperiano, durante visita à sede da Defensoria, em João Pessoa, e acolhida pela defensora pública-geral, Madalena Abrantes.

MONTEIRO INICIA CENSO DE IMÓVEIS PÚBLICOS

A Prefeitura de Monteiro deu início ao Censo dos Imóveis Públicos Municipais utilizados por particulares para fins comerciais. A ação foi instituída por meio de decreto da prefeita Ana Paula e tem como principal objetivo identificar, regularizar e garantir o uso adequado dos bens públicos. O levantamento será conduzido pela Secretaria de Administração, com apoio técnico de outras pastas.

Foto: Leonardo Ariel



Fernando Moura

Presidente da Fundação Casa de José Américo

"Queremos tornar esses tesouros acessíveis ao público e às futuras gerações"

Em entrevista, gestor fala sobre passado, presente e futuro da instituição que é referência em cultura e cidadania no estado

Lílian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

À beira-mar, em João Pessoa, a Fundação Casa de José Américo destaca-se como um dos mais importantes centros de memória, cultura e pesquisa da Paraíba. Fundada em 1980 e nascida a partir do acervo pessoal do escritor José Américo de Almeida, a instituição foi muito além da proposta inicial de um museu. Hoje, abriga setores diversos como a Hemeroteca, o Memorial da Democracia, a GibiZeca e, mais recentemente, o Centro de Estudos Arqueológicos. A Fundação Casa de José Américo não apenas preserva um riquíssimo acervo de cerca de 2,5 milhões de documentos, como também promove ações educativas, culturais e de estímulo à pesquisa, em constante diálogo com a sociedade. Com duas unidades em funcionamento e planos ambiciosos para os 50 anos da instituição, a Fundação reafirma seu papel como guardiã da identidade paraibana. Nesta entrevista, o presidente da instituição, Fernando Moura, fala sobre passado, presente e futuro, e revela como a instituição se reinventa para continuar sendo referência em cultura e cidadania. Confira:

A entrevista

Quais são os principais espaços que compõem a Fundação Casa de José Américo?

A Casa de José Américo é um espaço multifuncional que preserva memória, cultura, história e pesquisa. Possui uma estrutura bastante diversificada e rica em memória e cultura. Ela foi fundada no dia 10 de dezembro de 1980, inicialmente com o museu, que ocupa a casa que José Américo construiu e na qual morou, com base no seu acervo pessoal. O museu foi criado, oficialmente, em 1980, poucos meses após a sua morte, e inaugurado em 1982, após uma fase de organização e separação de documentos, muitos dos quais foram encontrados até dentro de galinheiros, em sacos, o que mostra o quanto o acervo é valioso e extenso. Nos últimos anos, criamos também o Centro de Estudo de Cultura Popular, a GibiZeca, que promove ações pedagógicas com histórias em quadrinhos, além de coleções de jornais na Hemeroteca, e o Centro de Estudos Arqueológicos, que está em fase de retomada para guardar e pesquisar materiais arqueológicos, com autorização do Iphan [Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional]. Ainda temos o Memorial da Democracia, que abriga acervos do Dops [Delegacia de Ordem Política e Social] e outros materiais relacionados à história política do estado.

E como esses espaços evoluíram ao longo do tempo? Houve alguma mudança ou expansão recente?

Sim, a evolução dos espaços foi bastante significativa ao longo dos anos. Começamos com o museu, que foi o primeiro setor, e, na década de 90, percebemos a necessidade de criar uma estrutura complementar para abrigar os arquivos de ex-governadores e figuras notórias da história da Paraíba. Nos últimos cinco ou seis anos, essa expansão foi ainda maior, com a criação de novos setores, como o Centro de Estudo de Cultura Popular, e a reestruturação da Hemeroteca e da Cordelteca. Essa expansão aconteceu naturalmente, a partir da percepção de que podíamos ampliar o papel da Casa na formação cultural e na produção de conhecimento da Paraíba.

Recentemente, foi criado o Centro de Estudos Arqueológicos. Qual é a proposta desse novo espaço?

Inauguramos no fim do ano passado, retomando um projeto dos anos 1990 que ficou parado por muito tempo. Agora, com mais estrutura, ele passa a funcionar como ponto de apoio à pesquisa arqueológica na Paraíba. Recebemos autorização do Iphan para endossar projetos de prospecção arqueológica, algo que, hoje, só a UEPB e nós fazemos no estado. Isso significa que, por exemplo, se alguém for construir em uma área suspeita de conter vestígios históricos, será necessário pedir autorização à Fundação. E, se encontrarem artefatos, eles ficarão sob nossa guarda. É um passo importante tanto para a ciência quanto para a geração de receita.

A Fundação também criou a GibiZeca. Como surgiu essa ideia?

A GibiZeca é um projeto que nasceu com o objetivo de estimular a leitura e o pensamento crítico a partir dos quadrinhos. Tivemos um impulso com o evento Imagineland, mas a ideia já vinha sendo construída antes disso. Utilizamos histórias em quadrinhos (HQs) da Turma da Mônica e valorizamos a produção local. A Paraíba, aliás, tem uma tradição pioneira: foi o primeiro estado do Nordeste a criar um personagem de quadrinhos, ainda nos anos 1950, a partir de um programa de rádio em Campina Grande, com Deodato Borges. Isso mostra que HQ também é cultura e memória — e a GibiZeca quer ser um portal de acesso a esse universo.

Quais nomes da HQ paraibana merecem destaque no acervo da GibiZeca?

Temos nomes brilhantes. Mike Deodato, filho de Deodato Borges, é hoje um artista consagrado internacionalmente, conhecido mundialmente por seus trabalhos com a Marvel. E o mais curioso é que ele construiu toda sua carreira morando aqui, em João Pessoa. Além dele, há Emir Ribeiro, Henrique Magalhães, criador da personagem Maria — sempre transgressora e atual —, e o Shiko, que já é nome de peso fora do país. A GibiZeca é um convite à pesquisa e ao encantamento com essa arte tão potente e acessível.

E quanto ao Memorial da Democracia, o que ele representa para a Casa?

É um projeto de grande importância histórica. Recebemos todo o acervo do Dops e, a partir das ações da Comissão da Verdade, estruturamos esse espaço como um centro de memória e reflexão. Nele também estão sendo integrados acervos do *marketing* político da Paraíba, desde 1982, com materiais de campanhas, jornais, fotografias, cartazes. O Memorial da Democracia é um espaço para entender o passado recente do país e do estado, e não apenas para preservar documentos, mas incentivar o debate. Ele reforça a função da Casa como um lugar de pesquisa, cidadania e enfrentamento do apagamento histórico.

A Casa está se preparando para um marco importante. O que podemos esperar dos 45 anos da Fundação?

A celebração dos 45 anos é uma etapa dentro de um planejamento maior, que mira os 50 anos da Casa, em 2030. Este ano coincide com os 100 anos da Revolução de 30, da Revolta de Princesa e da morte de João Pessoa. Estamos montando um projeto de longo prazo para marcar essas datas à altura da relevância histórica da Fundação. Mesmo que estejamos sob outra gestão até lá, queremos deixar tudo encaminhado: acervos organizados, exposições pensadas, infraestrutura moderna. A Casa precisa continuar sendo um espaço essencial para a memória e para a identidade da Paraíba.

Qual o tamanho do acervo da Casa atualmente?

Hoje, estimamos que temos cerca de 2,5 milhões de documentos. Entre livros, recortes, jornais, vídeos, correspondências e fotografias, é um universo documental vastíssimo. Só de negativos fotográficos, recebemos cerca de 250 mil há alguns anos, cobrindo desde Pedro Gondim até José Maranhão. Esse material traz registros de governadores, eventos públicos, momentos cotidianos e marcos históricos. É uma verdadeira mina de ouro histórica; e uma parte dele já está sendo digitalizada para o futuro Museu de História da Paraíba, no Palácio da Redenção. Aqui ficará o físico, lá será acessado o digital. Preservamos e compartilhamos ao mesmo tempo.

Como vocês estão lidando com a preservação e a digitalização de todo esse acervo?

A preservação e a digitalização são prioridades absolutas para nós. Temos uma equipe técnica especializada que trabalha na conservação do acervo físico, que inclui documentos, fotografias, negativos, jornais, livros, obras de arte e muito mais. Para garantir a integridade desses materiais, utilizamos caixas específicas de polietileno, ambientes controlados e técnicas de conservação avançadas. Quanto à digitalização, adquirimos uma tecnologia alemã de ponta, com uma máquina que combina tecnologia alemã e chinesa, capaz de digitalizar suportes amplos como jornais, cartazes e documentos de grande formato. Essa máquina é como uma espaçonave, extremamente eficiente e segura, permitindo que o material original seja preservado, enquanto disponibilizamos cópias digitais de alta qualidade. O desafio agora é armazenar tudo isso de forma segura — em nuvem, *HDs* e servidores. Isso exige investimento contínuo. Mas a meta é garantir que o material esteja disponível para pesquisadores e para o público em geral, sem comprometer a integridade do acervo físico. Nosso objetivo é deixar um legado sólido, que possa ser acessado por pesquisadores, estudantes e o público em geral, mesmo que a gestão mude ao longo do tempo.

Além de digitalizar, a Fundação também tem recebido muitos acervos particulares, certo?

Sim, e isso é um reconhecimento do papel da Fundação como guardiã da memória. Recebemos acervos de figuras como Simeão Leal, com mais de cinco mil livros e 600 obras de arte, além de cartas de nomes como Jorge Amado e Raquel de Queiroz. Também recebemos o acervo de Wills Leal, com material sobre cultura, turismo e carnaval, e de jornalistas como Walter Galvão, Martinho Moreira Franco e Gemy Cândido. A cada nova doação, nós nos sentimos honrados, mas também responsáveis. Não queremos apenas guardar, queremos tornar esses tesouros acessíveis ao público e às futuras gerações.

Seu acervo acumulado durante a pesquisa sobre Jackson do Pandeiro também está na Fundação?

Passei sete anos pesquisando e um ano escrevendo a biografia de Jackson. Quando terminei, fiquei com muito material em mãos — documentos, fotos, objetos pessoais. Aquilo parecia "queimar" nas minhas mãos. Não fazia sentido guardar só para mim. Então, distribuí o material entre o Memorial Jackson do Pandeiro, em Alagoa Grande, o Museu do Xaxado e, mais recentemente, parte desse acervo está vindo para a Fundação. O importante é que pesquisadores tenham acesso. Não quero que ninguém me ligue pedindo informação: quero que vá lá, veja, analise, critique, inclusive. Isso é democratizar o conhecimento e é isso que queremos com todos os acervos que estamos recebendo.

E qual a importância dessa ampliação constante dos acervos para a Fundação?

A Fundação Casa de José Américo já está consolidada como um dos maiores repositórios de memória do estado. Mas não basta guardar. É fundamental partilhar esse acervo com a sociedade. O conhecimento tem que circular. E esse movimento de receber novos materiais, organizar, preservar e disponibilizar precisa ser contínuo. A gente tem que pensar em médio e longo prazo. Em 2030, por exemplo, celebramos 50 anos da Fundação, 100 anos da Revolução de 30, da morte de João Pessoa... Não podemos ser pegos de surpresa. Precisamos de estrutura, visão e atualização permanente, para que a Fundação siga sendo útil ao povo da Paraíba, como sempre foi.

E como surgiu a unidade da Fundação em Tambaú?

A ideia era ampliar o espaço, mas aqui, no prédio sede, por ser tombado, não podemos construir mais. Tentamos alugar outras casas, mas sempre havia um problema: ou a casa era boa e a documentação era irregular, ou o contrário. Até que encontramos esse espaço na Avenida Nossa Senhora dos Navegantes, nº 122, em Tambaú, um antigo centro comercial com 14 salas. Lá, adaptamos o ambiente para receber acervos como o de Simeão Leal, que tem cinco mil livros e centenas de obras de arte. Não dava para colocar tudo "num puxadinho". Precisávamos de um espaço digno, com acesso confortável e com a técnica adequada de conservação. Foi assim que nasceu esse novo braço da Fundação.

Essa nova unidade também será usada para pesquisa?

Com certeza. Inclusive, oito grupos de pesquisa estão em andamento usando nosso acervo, todos com apoio da Fapesq [Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba]. Um dos projetos mais importantes é o que estuda o ano de 1930 — talvez o mais decisivo da história do Brasil e da Paraíba. Estamos reunindo tudo o que existe sobre 1930: livros, fotos, músicas, recortes, documentos. E não só daqui, mas de outros estados também. Vamos montar uma plataforma digital, para que qualquer pessoa pesquise sobre esse tema. E a nova unidade será o espaço físico onde isso tudo vai estar organizado. Pensamos não só em hoje, mas em 2030, 2040... para manter viva essa memória.

E há planos de organizar essa comemoração de 2030 com mais estrutura?

Sim. Estamos formatando uma comissão estadual que vai estruturar esse projeto. Vai ser criada por decreto, com representantes das universidades, da cultura, da educação, das instituições de memória. Em 2019, presidi a comissão do centenário de Jackson e foi uma experiência muito positiva. Agora é diferente, é maior. Queremos deixar tudo bem documentado, com relatório, planejamento, ações de médio e longo prazo. Mesmo que eu não esteja mais à frente da Fundação em 2030, queremos deixar tudo preparado para uma celebração à altura da nossa história.

MEIO AMBIENTE

Estado enfrenta mudança no clima

Poder público e sociedade civil desenvolvem iniciativas para entender e monitorar as alterações na temperatura

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com

As mudanças climáticas vêm se tornando cada vez mais comuns e podem ser sentidas por toda população, em maior ou menor grau. Dados da Organização Mundial de Meteorologia (OMM), agência da Organização das Nações Unidas (ONU), confirmam e alertam que a seca afetou amplas áreas das Américas, em 2023 e 2024, com impactos severos no Brasil. Isso é resultado de variações naturais do clima e também da ação humana, que contribui para alterar os padrões de chuva e elevar as temperaturas.

O relatório ainda mostrou que, desde os anos 1990, os períodos de seca têm se tornado mais frequentes e severos no país. Diante desse cenário, organizações do Poder Público, e também da sociedade civil da Paraíba, realizam ações e projetos com o objetivo de melhor entender e monitorar essas mudanças, além de mitigar seus impactos.

Em 2024, segundo uma nota técnica do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), mais da metade do território brasileiro sofreu com secas severas ou extremas, que afetaram diretamente cerca de 1,2 mil municípios.

De acordo com os números de março de 2025, do Monitor de Secas do Brasil, coordenado pela Agência Nacional de Água e Saneamento Básico (ANA), a Paraíba teve um agravamento da seca em razão das anomalias negativas de precipitação—quantidade de chuvas inferior ao normal —, e com isso a estiagem passou de fraca para moderada na região Centro-Sul do estado. Em janeiro, devido às chuvas acima da média, a seca havia sido atenuada em todo território paraibano.

O Monitor de Secas do Brasil traz dados mensais de cada estado do país, com o objetivo de integrar os conhecimentos técnicos e científicos já existentes, em diferentes instituições estaduais e federais, alcançando um entendimento comum sobre as condições de seca, como sua severidade, evolução espacial e no tempo e seus impactos sobre os diferentes setores envolvidos. A ferramenta ainda ajuda na tradução de dados e informações que possam ser utilizados como subsídio para a tomada de decisões, fortalecendo mecanismos de monitoramento, previsão e alerta precoce de secas.

Na Paraíba, a Agência Executiva de Gestão das Águas (Aesa) desenvolve o Sistema Estadual de Informações de Riscos Agrohidroclimáticos (Seira), uma plataforma que reúne informações sobre o clima, recursos hídricos e agricultura, de forma acessível, em um portal público disponível no *site* seira.aesa.pb.gov.br. O sistema ainda fornece um calendário agrícola de 23 culturas, como forma de auxiliar os agricultores a escolher as melhores épocas para o plantio.

O Seira foi desenvolvido pelo Governo da Paraíba, por meio da Aesa, em parceria com o Projeto Cooperar e com apoio do Banco Mundial. Segundo o gerente de Hidrometeorologia e Eventos Extremos da Aesa, Alexandre Magno, a Agência vem fazendo um monitoramento contínuo de todas as variáveis climáticas. "Atualmente, estamos em 96 pontos do Estado e em todas as 23 microrregiões geográficas, inclusive explorando, pela primeira vez, no mundo, a coleta de dados dentro da cidade, ou seja, o estudo do clima urbano, que é o que tem impactado na vida das populações", explica.

O gerente informa, também, que o trabalho foi iniciado cerca de dois anos, com a implantação das estações climatológicas para monitorar o aquecimento nos municípios paraibanos. "Elas têm trazido informações de temperatura, umidade, vento, radiação solar, precipitação, níveis de temperatura e umidade do solo, de modo que se forme um grande banco de dados, que pode dar suporte tanto a ações da agricultura familiar, como para a aplicação e desenvolvimento de tecnologias. O Governo investiu quase R$ 12,5 milhões, para a consolidação dessa rede, para termos um monitoramento efetivo".

Alexandre Magno ainda comenta que, muitas vezes, as mudanças climáticas possuem dados abstratos, mediante modelagens estimadas, e que a Paraíba vem avançando nesse sentido. "Temos hoje um monitoramento que está entre os mais modernos de todo país. Os dados poderão alavancar pesquisas e tomadas de decisão, trazendo um retrato da realidade do Estado sobre as mudanças climáticas".


Foto: Divulgação/Aesa
O monitoramento climático desenvolvido pelo Seira oferece informações fundamentais para se preparar contra as secas e as cheias

Agricultura familiar

O coordenador geral do Projeto Cooperar, Omar Gama, ressalta a importância do Seira para o desenvolvimento da agricultura familiar paraibana. "A Aesa instalou essas estações, com um equipamento de última geração, e elas tem um viés de informar às associações, aos sindicatos, e à sociedade de uma maneira geral, como é que vai ser a tendência de chuvas naquela região, e qual seria a melhor estratégia, a melhor hora do agricultor plantar. Eles ainda podem informar o tipo de cultura que deve ser plantada, por conta da quantidade de chuva que vai cair".

O Projeto Cooperar foi responsável também pela instalação de mais de nove mil cisternas, em 2024, ajudando a garantir segurança hídrica para que as famílias possam consumir e cultivar, especialmente na região do Semiárido paraibano. "Esse é um trabalho que a gente faz desde sempre, construção de cisternas, barragens, de passagens molhadas… Focamos também na questão dos dessalinizadores, no abastecimento de água completo, que pode ser oriunda de manancial existente, um açude, rio, ou de um poço que foi perfurado. No momento, esse é o foco principal das nossas ações", afirmou Omar Gama, esclarecendo que o Projeto tem 40 anos de existência, funcionando de forma cíclica, e cada novo ciclo conta com um financiamento e objetivos específicos.

Atualmente, por meio dos recursos que começaram a ser aplicados em 2019, e que devem ser concluídos este ano, o objetivo é melhorar o acesso à água, reduzir a vulnerabilidade agroclimática e aumentar a inserção de mercado das organizações de produtores da agricultura familiar da Paraíba. Os investimentos somam US$ 80 milhões — numa parceria do governo com o Banco Mundial —, beneficiando mais de 57 mil famílias em todas as regiões do estado.

Omar informa que um novo acordo de empréstimo está sendo firmado com o Banco Mundial para o desenvolvimento de outras ações do Projeto Cooperar, que terão um viés mais voltado aos problemas climáticos e ambientais. "Então a gente vai tratar de desertificação, o que pode ser feito para recuperação de matas ciliares, e vários aspectos para mitigar a questão da mudança climática que tem sido muito recorrente. A gente sabe do aquecimento global, de chuvas com uma intensidade maior ou falta de chuvas, e tudo isso vai ser palco do nosso próximo projeto, que deverá ser implantado a partir de 2026".

Outras ações voltadas à segurança hídrica realizadas pelo Governo do Estado aconteceram por meio do Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável da Paraíba (Procase). Com essa iniciativa, ao todo, foram 576 poços perfurados, 222 barragens subterrâneas construídas, 663 *kits* de irrigação instalados e 61 dessalinizadores, em 56 municípios paraibanos. Também foram promovidas ações de capacitação, assistência técnica para as famílias agricultoras, fortalecimento de quintais produtivos e outras atividades que beneficiaram mais de 20 mil famílias.

No momento, uma segunda etapa do projeto, deve atender a todos os 223 municípios paraibanos, e está em curso, por meio de financiamentos oriundos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida) e Governo da Paraíba.



Foto: Divulgação/Cooperar
As cisternas reservam água para o consumo diário e para a prática da agricultura familiar

Comitê de Enfrentamento das Emergências Climáticas

A Paraíba também se prepara para as intempéries do clima participando do Comitê Científico de Monitoramento e Enfrentamento das Emergências Climáticas (CCMEEC), iniciativa do Consórcio Nordeste, criada em outubro do ano passado.

Composto por dois representantes de cada estado, o Comitê visa uma atuação conjunta para enfrentar os desafios climáticos cada vez mais presentes no cotidiano da região, e do país de forma geral.

Segundo informações da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade da Paraíba (Semas-PB), que participou da criação desse espaço, o órgão tem atuado em diversas frentes para enfrentar os impactos das mudanças no clima.

No campo teórico, a Semas-PB investe na produção de estudos e diagnósticos que aprofundam a compreensão sobre os efeitos das alterações climáticas no estado. Além disso, a realização da 5ª Conferência Estadual do Meio Ambiente, por exemplo, foi um momento de debater esse tema, destacar a urgência climática e o papel essencial da educação ambiental na construção de sociedades mais sustentáveis. Os delegados eleitos irão participar da etapa nacional, que acontece em maio deste ano, em Brasília (DF).

Semas-PB

A secretaria investe na produção de estudos e diagnósticos que aprofundam a compreensão sobre os efeitos das alterações do clima

No aspecto prático, a secretaria desenvolve políticas públicas voltadas à adaptação climática e à gestão sustentável dos recursos hídricos, como os programas: Agente Jovem Ambiental (AJA), Voluntários em Ação e o Paraíba Mais Verde — composto por cinco projetos: Corredor das Águas; Viveiros Parahyba do Futuro, Cidade + Verde, Lixão Legal e Regulariza PB.

As ações são voltadas à restauração de áreas protegidas das bacias hidrográficas; fomento à biodiversidade; recuperação de áreas degradadas e de regiões contaminadas por resíduos sólidos urbanos; arborização urbana; regularização ambiental de imóveis rurais e outros aspectos. Em nota, a secretaria publicou que as iniciativas da Semas "reforçam seu papel na minimização dos impactos ambientais e sociais das mudanças climáticas, ampliando sua atuação junto a instituições científicas e órgãos governamentais, fortalecendo sua capacidade de resposta a eventos climáticos extremos e promovendo estratégias inovadoras para a construção de um futuro mais sustentável".

Sociedade civil

Não só o Poder Público, mas a sociedade civil também se organiza para enfrentar os impactos das mudanças climáticas e de uma possível seca prolongada. Um exemplo disso é a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), uma rede voltada a desenvolver e propagar ações de convivência no bioma.

Formada por mais de três mil organizações da sociedade civil de distintas naturezas —sindicatos rurais, associações de agricultores e agricultoras, cooperativas, ONGs, Oscip—, a ASA existe desde os anos 1990. Na Paraíba, no ano passado, a organização atendeu 3.684 famílias, desenvolvendo atividades como ações de capacitação e formação, construção de cisternas, barreiros e barragens, além da criação e fomento a banco de sementes.

ENEM

Estudantes se preparam para redação

Diversas estratégias são colocadas em prática para que se tenha o melhor desempenho na prova discursiva

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com

Para quem vai fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) 2025, a preparação já começou e alguns dos prazos já estão se encerrando. Os candidatos que pretendem concorrer a uma vaga numa instituição de ensino superior já começam a estruturar uma rotina de estudos para as provas que acontecerão no mês de novembro, e uma das principais preocupações é com a redação.

Na sua etapa discursiva, o Enem costuma exigir a elaboração de um texto dissertativo-argumentativo no qual o participante defenda um ponto de vista diante de um tema proposto. Utilizando argumentos bem estruturados, a produção textual deve incluir introdução, desenvolvimento e conclusão, e tem peso representativo na nota final.

Especialistas ainda garantem que, para ter um bom desempenho, é preciso aliar aprendizagem, treinamento e controle emocional. Por isso, para ter bom desempenho na redação do exame, muitos alunos preparam-se durante o ano inteiro, buscando intensificar uma rotina de leitura, treinamento da escrita e, em alguns casos, inscrevem-se em aulas extras específicas, nas quais são realizadas orientações de professores, por meio de correções de textos e dicas para um bom desempenho na avaliação. O objetivo é construir uma argumentação coerente e fundamentada, com clareza das informações expostas e evitando erros gramaticais.

Para Jean Pereira, que está fazendo o Enem pela segunda vez e vai tentar a seleção para o curso de Medicina, a redação é um dos grandes desafios. "O modelo textual dissertativo-argumentativo é um tanto desafiador, pois eu tenho uma certa dificuldade de argumentar, dependendo do tema", disse ele, que destaca que vem usando de algumas estratégias para contornar isso. "Para driblar tal dificuldade, eu faço redação uma vez por semana, seguindo o modelo do Enem. Também busco adquirir repertório sobre os principais eixos temáticos, como saúde, educação, tecnologia, questões sociais e segurança". Para auxiliar nos estudos, Jean também conta que faz um curso preparatório on-line, específico para a redação do Exame.

Preparação

O especialista destaca que, para se preparar de maneira qualificada, recomenda-se a prática da produção textual nos moldes solicitados pelo exame

Algumas das estratégias utilizadas pelo estudante estão dentro das recomendações do analista pedagógico da plataforma Redação Nota 1000, Leonardo Baroni. O especialista destaca que, para se preparar de maneira qualificada, recomenda-se a prática da produção textual nos moldes solicitados pelo exame, como já vem sendo feito por Jean. O mais indicado é que o estudante escreva uma redação por semana, ou, no mínimo, uma a cada 15 dias, buscando abordar diversas temáticas e assuntos. "O ideal é simular a realização da prova completa, sempre que possível, refazendo provas aplicadas em anos anteriores, no tempo máximo estipulado. Isso permite entender e se acostumar com o gerenciamento do tempo necessário para a prova", observa o analista.

Ainda de acordo com o profissional, outra estratégia importante e eficaz é que o candidato se mantenha informado sobre os principais assuntos e fatos da atualidade, por meio de jornais e *sites* de notícias confiáveis, o que ajuda a construir um repertório pertinente e bem embasado. Outra prática que ajuda nesse processo é buscar fazer a leitura crítica de obras literárias e a compreensão de fatos históricos, o que também enriquece os conhecimentos do candidato.

Leonardo Baroni evidencia ainda a importância de conhecer as competências que serão avaliadas no exame, que são cinco, cada uma delas valendo 200 pontos (domínio da norma culta, compreensão da proposta, organização argumentativa, coesão e coerência, além da proposta de intervenção). O especialista conclui, portanto, que conhecer a fundo os critérios de avaliação é uma prática que ajuda a direcionar melhor a redação.



Foto: Divulgaçã/MEC

O Enem divulgou o calendário anual com as etapas que precisam ser seguidas até o momento de execução do concurso

Psicóloga ressalta que emocional também pesa na hora da prova

Embora a preparação técnica seja essencial, outro fator que merece atenção por parte de quem vai fazer a prova é o cuidado com o lado emocional, para que problemas como nervosismo e ansiedade não atrapalhem o desempenho na hora do exame.

A psicóloga Adriana de Melo destaca que a família também tem um papel importante nesse sentido, oferecendo apoio e suporte, sobretudo aos adolescentes, cuja etapa da vida que pode ser cheia de desafios e autoexigência. "A gente percebe que uma prova, seja qual for, sempre mexe com o lado emocional. Com os adolescentes, isso se torna ainda pior, porque é uma fase em que há muita cobrança e comparações. Por isso, caso o adolescente seja muito pressionado desde cedo pela família, se tem aquela busca por perfeição, aquela comparação de querer estar sempre em primeiro lugar… isso tem um peso ainda maior", afirma.

Ela também diz que, na fase da adolescência, é comum as pessoas imaginarem que a qualificação no exame será algo decisivo em suas vidas, associar a ela o destino de todo seu futuro. Esse entendimento, muitas vezes, gera uma pressão excessiva em busca da aprovação. "Isso pode atrapalhar e influenciar na hora da prova, fazendo com que alunos, mesmo que tenham o conhecimento, não sejam aprovados. A pessoa fica nervosa, escreve e reescreve o texto, o tempo pode acabar ficando curto, e a pessoa se culpa e se cobra por isso", destaca.

Foto: Arquivo pessoal



"É essencial descansar, ter momentos de lazer. Se fica o dia todo estudando, tem uma hora que se esgota

Adriana de Melo

■ Adolescentes devem estar conscientes de que, caso não consigam a classificação, podem fazer a prova novamente

A psicóloga ainda ressalta que é essencial que os adolescentes entendam que, caso não consigam a classificação no exame, podem fazer a prova novamente no ano seguinte, e que a base de estudos não será perdida, ao contrário, vai se fortalecer para a tentativa futura. "É importante também entender que é essencial descansar, ter momentos de lazer. Se o adolescente fica o dia todo estudando, tem uma hora que se esgota. O ócio, a gente acha que é improdutividade, mas ele tem uma finalidade, para você se renovar, descansar e poder prosseguir", explica ela.

Adriana conclui enfatizando a importância do acompanhamento psicológico nesse processo, sobretudo em casos nos quais seja perceptível que a ansiedade e a insegurança estão atrapalhando o dia a dia do estudante. Sugere também, como uma forma de trabalhar a tensão e a autocobrança, a busca diária de hábitos mais saudáveis durante a rotina, defendendo que praticar exercícios físicos, dormir e se alimentar bem serão sempre aliados.

Cronograma

Na última sexta-feira (25), finalizou o prazo para aqueles estudantes que poderiam pleitear isenção do pagamento do processo seletivo. No mesmo dia, foi encerrado o período de justificativa de ausência dos estudantes que não compareceram às provas no ano passado, tendo em vista que esse é um dos critérios para que seja possível realizar o Enem neste ano.

O cronograma do Enem 2025 terá continuidade com o resultado preliminar das solicitações de isenção, que está previsto para ser divulgado em 12 de maio. O resultado final será divulgado em 22 de maio, segundo o calendário divulgado. Posteriormente, será aberto o período de inscrição, que ainda não tem datas definidas, mas já se sabe que compreenderá os meses de maio e junho. Por fim, a aplicação das provas está prevista para ser realizada nos dias 9 e 16 de novembro.

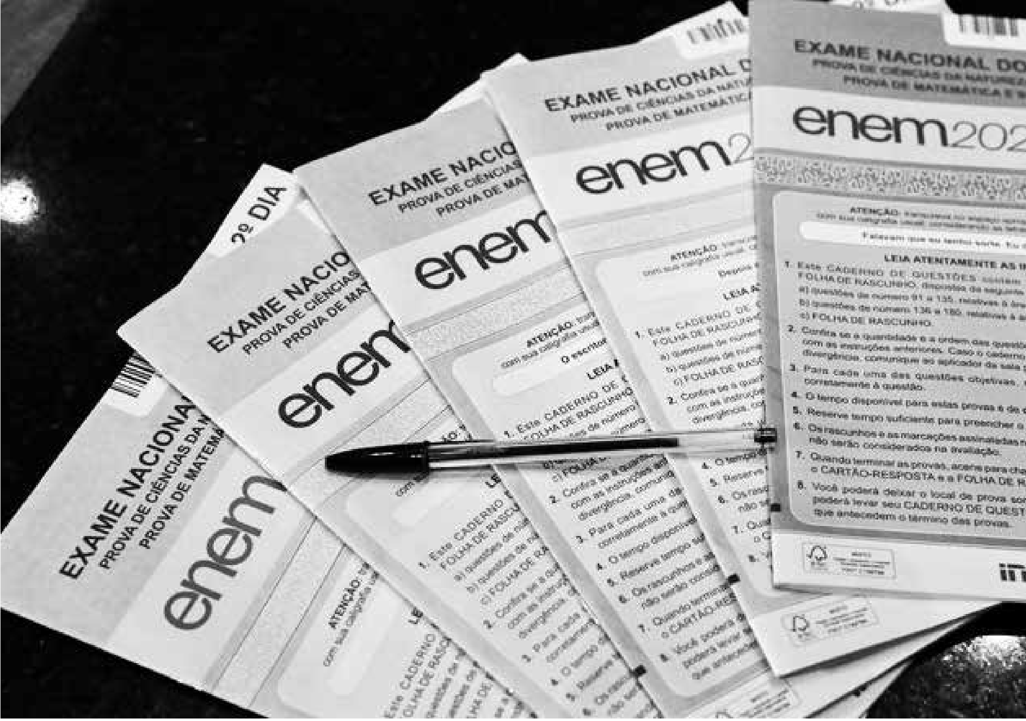


Foto: Divulgação/MEC

É necessário colocar em prática tudo que foi estudado no momento da realização da prova

Dicas para uma boa redação

Em 2023, Inep publicou uma cartilha com sujestões de diversas competências necessárias para se fazer uma boa redação no Enem.

- ■ Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa;
- ■ Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema;
- ■ Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista;
- ■ Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

RADICALISMO NA INTERNET

Ódio masculinista atrai adolescentes

Série de sucesso chama atenção para a difusão de discursos misóginos e reacionários entre jovens usuários das redes

João Pedro Ramalho
joaopramalhom@gmail.com

Os espectadores da série "Adolescência", lançada pela Netflix no mês passado, depararam-se com uma premissa perturbadora: um menino de 13 anos é acusado de assassinar, a facadas, uma colega de classe. Imediatamente após a acusação, a obra provoca o questionamento sobre como um jovem aparentemente pacato seria capaz de cometer um crime hediondo. A resposta, na ficção, alerta para um problema que ameaça a sociedade no mundo real: a popularização de discursos de ódio impulsionados por perfis, nas redes sociais, atrelados a uma cultura masculinista, conhecida como "machosfera". São conteúdos majoritariamente misóginos, veiculados em canais do YouTube, fóruns de discussão e outras plataformas digitais, ajudando a perpetuar a violência contra as mulheres.

Foto: Arquivo pessoal



É preciso, certamente, um tipo de pacto na forma como as *big techs* gerenciam seu conteúdo

Fernando Randau

De acordo com Mabel Dias, que pesquisa, em seu doutorado, a presença dos discursos masculinistas nas redes sociais, os perfis integrantes da "machosfera" apresentam-se como *coaches* de masculinidade e oferecem dicas de relacionamento. O problema é que as mensagens costumam discriminar as mulheres, apresentando-as como interesseiras e maliciosas e comparando-as a cobras, prontas para "dar o bote". Outro aspecto comum é o preconceito em relação à idade, com o discurso de que mulheres acima de 30 anos e mães solo devem ser descartadas do interesse romântico masculino. "Eles também estabelecem regras de como as mulheres devem comportar-se e vestir-se, controlando o corpo feminino e incentivando-as a serem submissas aos homens", afirma Mabel.

A pesquisadora aponta que parte desses discursos é fruto de uma reação conservadora à modificação nos papéis de gênero. Diferentemente do cenário do início do século 20, as mulheres, no Brasil, conquistaram mais direitos: podem votar, candidatar-se a cargos políticos e priorizar suas carreiras em detrimento da maternidade, se assim desejarem. Ao mesmo tempo, a população masculina passou a dividir responsabilidades, como a execução de tarefas domésticas. Contudo, nem todos receberam bem tais mudanças. "Alguns teóricos falam que os homens ficaram perdidos e não souberam lidar com esses avanços. Eles não queriam perder o privilégio que a sociedade machista colocou para o masculino, em detrimento do feminino, e o que muitos masculinistas fazem é colocar a culpa nas mulheres. Mas a culpa de tudo isso, inclusive da própria violência que os homens sofrem, é do machismo", completa.

Extrema direita

Essa reação violenta à conquista de direitos pelas mulheres ganhou força com a ascensão da extrema direita. O professor de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Fernando Randau, explica que esse grupo político tem um viés reacionário, marcado pelo desejo de retorno a um passado utópico, anterior à modernidade. Tal regresso implica o apagamento da voz feminina e o confinamento da mulher ao espaço privado. E os partidários dessa visão acabaram encontrando, no meio digital, o ambiente perfeito para a propagação de suas ideias — inicialmente, de forma anônima, em fóruns como o 4chan e o 8chan, e, posteriormente, em redes sociais abertas.

Para Fernando, essa popularização na internet foi impulsionada pelas características das próprias plataformas. Isso porque a criação das chamadas bolhas digitais — grupos com pensamentos parecidos, como "câmaras de eco" — facilitou a propagação de pensamentos extremistas. "Quando as pessoas estão em um grupo em que as opiniões começam a se tornar um traço da identidade de seus membros, elas formam uma bolha que terá antagonismo com todo o exterior. E toda plataforma está interessada em que as pessoas continuem nela. Naturalmente, quando alguém acessa certos tipos de conteúdo, começa a receber somente esse conteúdo, o que favoreceu o surgimento da 'machosfera'", comenta.



Adeptos da "machosfera" adotam termos específicos para disseminar sua visão de mundo, como alfa, beta e red pill

Ilustração: Bruno Chiossi

Soluções

Não parece haver uma solução fácil para combater a propagação dos discursos preconceituosos nas plataformas digitais. Segundo Fernando, as *big techs*, como são conhecidas as maiores empresas de tecnologia do mundo, lucram com a permanência de seus usuários. Por isso, têm adotado a bandeira da liberdade de expressão irrestrita para justificar a tolerância com grupos extremistas — inclusive com a diminuição da moderação de conteúdo. O professor da UEPB acredita, assim, que um caminho possível para enfrentar o problema passa tanto por um consenso sobre os limites dessa liberdade de expressão como pelo fim das bolhas digitais, o que incentivaria o encontro de pensamentos divergentes.

"É preciso, certamente, um tipo de pacto na forma como as *big techs* gerenciam seu conteúdo, mas num plano internacional, porque essa é uma preocupação que atravessa as fronteiras dos países. E ninguém está falando de censura, mas que essas empresas percebam que estão se alimentando da destruição do tecido social para ganhar lucro — sendo que elas podem criar um ambiente muito mais saudável e não restritivo para as opiniões", argumenta Fernando.

Bolhas tóxicas satisfazem necessidade de pertencimento

Nesse meio constantemente bombardeado por conteúdos extremistas, os adolescentes tornam-se um alvo fácil. Conforme esclarece Ricardo Silva, psicólogo e pesquisador da área de Gênero, Sexualidade e Educação, as pessoas nessa faixa etária já enfrentam dilemas sobre como se comportar e como construir sua identidade. "Muitos adolescentes vivem um conflito interno entre o que sentem e o que acham que o mundo espera deles. Surgem dúvidas sobre identidade, corpo, afeto e pertencimento, e as principais questões que enfrentam estão ligadas a quais espaços podem ocupar e se serão aceitos como são", destaca.

Incertos sobre suas personalidades e visões de mundo, os adolescentes podem vislumbrar segurança ao aportarem nas bolhas masculinistas. Reproduzir as ideias e comportamentos propagados pela "machosfera", assim, é uma maneira de essas pessoas sentirem-se pertencentes a um grupo, especialmente se passam a enxergar o gênero feminino como empecilho ao sucesso masculino. "O jovem pode se tornar uma pessoa com atitudes muito mais agressivas em relação às mulheres, inclusive começando a desconsiderar a opinião feminina. Porque, para ele, o que vale é a visão daqueles amigos abstratos que existem na internet", alerta Fernando Randau. A violência pode levar, ainda, a casos extremos, como o homicídio na série "Adolescência" ou os massacres cometidos por atiradores em massa. Muitas vezes, esses ataques são anunciados, previamente, em fóruns e redes sociais, para que os membros extremistas reconheçam o comprometimento dos autores com a violência.

Foto: Arquivo pessoal



Os pais e responsáveis precisam estar atentos aos comportamentos, às falas e ao que os adolescentes consomem

Ricardo Silva

Para evitar o contato dos adolescentes com esses conteúdos e resguardá-los de seus efeitos, é necessário um esforço conjunto de diversos agentes sociais. Ricardo defende que o Poder Público garanta a execução das políticas de proteção a essa população e de combate à violência. Já as escolas devem ser espaços de acolhimento e formação cidadã, com a abordagem transversal e periódica de temas como igualdade de gênero, respeito à diversidade e enfrentamento do machismo. Por fim, a família tem a função de ensinar os valores de respeito e empatia, além de acompanhar, de perto, o uso das redes sociais pelos mais jovens. "Os pais e responsáveis precisam estar atentos aos comportamentos, às falas e ao que os adolescentes consomem, construindo, por meio de uma escuta ativa, um lugar de diálogo e afeto", orienta o psicólogo.

■ Psicólogo defende que autoridades, escolas e famílias devem se unir para proteger público vulnerável ao radicalismo

Glossário

O universo da "machosfera" é marcado por diferentes subculturas e termos usados para se referir aos homens e às mulheres. Confira algumas dessas expressões e o que elas representam.

■ **"Machosfera":** também conhecida como "manosfera", trata-se de uma rede de canais, *sites* e perfis em redes sociais, voltada para o público masculino. Em geral, seus conteúdos reproduzem os padrões tradicionais do que é ser homem na sociedade e defendem a hierarquia entre os gêneros, com a superioridade masculina sobre as mulheres;

■ ***Red pill*:** uma das subculturas da "machosfera", é identificada nas redes sociais por *emojis* de comprimido e dinamite. O nome tem inspiração no filme "Matrix" (1999), em que uma pílula vermelha abriria os olhos para a verdade do mundo. O grupo é formado por homens que se dizem vítimas de ódio e doutrinação pelas mulheres. Por isso, defendem a busca pelo papel de "machos alfa", ou conquistadores naturais, e de pessoas de "alto valor", que não demonstram vulnerabilidade. Também dividem as mulheres entre aquelas de "alto valor", correspondentes ao modelo "bela, recatada e do lar", e as de "baixo valor", que exercem livremente sua sexualidade e não são submissas;

■ ***Incel*:** sigla, em inglês, para "celibatário involuntário"; também é uma das subculturas da "machosfera". Os homens desse grupo acreditam que são discriminados e que não têm acesso ao afeto e ao sexo porque as mulheres não os acham atraentes. Com isso, desenvolvem uma visão fatalista do amor, vivendo frustrados e com raiva;

■ **Alfa, beta e sigma:** derivações das letras do alfabeto grego usadas para categorizar o público masculino. Enquanto o alfa é o ideal de homem pregado pelos *red pills*, o beta representa aqueles considerados fracos e submissos às suas companheiras. Já o sigma é o "lobo solitário", um homem misterioso, autossuficiente e que vive distante do afeto feminino.

GUARDIÕES DA HISTÓRIA

Novo projeto visa integrar museus do estado em rede

Iniciativa mapeará os mais de 100 espaços de memória na Paraíba para fomentar o desenvolvimento do setor

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Do acervo histórico da radiodifusão paraibana às urnas funerárias de povos originários, em Pilões, passando pelas pegadas de dinossauros, em Sousa, e as coleções de brinquedos antigos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), os mais de 100 museus espalhados pelo estado guardam riquezas de um território vibrante, com muita história para contar. No embalo do Dia Nacional do Museu, celebrado em 18 de maio, a Paraíba dá um passo importante para valorizar ainda mais seu patrimônio: a implantação do Sistema Estadual de Museus. Como primeiro movimento, um termo de cooperação, firmado entre a Secretaria da Cultura (Secult-PB) e o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), viabilizará um mapeamento para identificar todos os espaços de memória e revelar suas reais necessidades.

Mais do que preservar o passado, a proposta é construir políticas duradouras, capazes de conectar saberes e públicos diversos, garantindo que os museus sejam, de fato, espaços vivos, acessíveis e sustentáveis. Para a museóloga Maíra Dias, da UFPB, esse movimento — que articula gestão, reconhecimento e profissionalização — é essencial para dar visibilidade à rede de memória paraibana. "O sistema estadual é uma forma de estabelecermos essa rede e pensarmos em políticas para o campo. Precisamos avançar nos inventários e nos planos museológicos, que definem como deve ser feita a gestão", observa Maíra, que também é integrante da Rede de Educadores em Museus (REM).

Impulso

Por meio do Sistema Estadual de Museus, a Secult-PB e o Ibram pretendem construir políticas duradouras para a área, articulando gestão, reconhecimento e profissionalização

Sem um sistema oficial em funcionamento, o que se sabe sobre os museus da Paraíba ainda é baseado em estimativas, o que acaba deixando parte significativa do acervo cultural do estado fora do radar. Por volta de 2006, o Cadastro Nacional de Museus havia registrado, oficialmente, 89 instituições do tipo no estado. Anos depois, a Gerência de Memória e Patrimônio atualizou esse número para cerca de 100. Mas, como alerta Maíra, esse total está longe de refletir a realidade.

Além dos espaços mais notáveis, como os museus José Lins do Rêgo, Cidade de João Pessoa, Casa de José Américo, Hermano José e Jackson do Pandeiro — todos dedicados a ícones da história paraibana —, há muitas outras iniciativas em fase de implantação. No momento, estão fora das estatísticas oficiais, por exemplo: o futuro Museu Científico de Arqueologia, em Cajazeiras; o Museu da História da Paraíba, que funcionará no Palácio da Redenção, em João Pessoa; e o inovador Museu Astronômico de Carrapateira, com acervo dedicado à origem do universo.



Fotos: Roberto Guedes



O Museu da Cidade de João Pessoa é um dos mais notáveis do segmento; também na capital, o Palácio da Redenção prepara-se para abrigar o Museu da História da Paraíba

Temas e locais refletem um conceito flexível

Como ressalta Maíra Dias, muitos espaços com funções museológicas, como centros de memória comunitários, acervos universitários e museus de pequeno porte, ainda não foram formalmente reconhecidos na Paraíba: "Aqui, na UFPB, por exemplo, nem todos os museus estão cadastrados. E temos, além das iniciativas oficiais, a própria população organizando sua memória. Às vezes, é uma associação, um coletivo, uma escola ou até uma paróquia". São exemplos disso o Museu Quilombola do Ipiranga, instalado em uma antiga casa de taipa, no município de Conde, e organizado pela comunidade local; e o Memorial das Ligas e Lutas Camponesas, em Sapé, que nasceu da mobilização de ex-integrantes e famílias ligadas aos movimentos sociais de reivindicação pela terra.

Ainda que, no imaginário popular, a palavra "museu" remeta a prédios imponentes e salas cheias de quadros emoldurados, sua definição vai muito além. "Se tem acervo, guarda, pesquisa e compartilhamento, é museu", resume a museóloga. Segundo ela, o conceito é tão amplo que engloba desde espaços tradicionais, como o Centro Cultural São Francisco — complexo arquitetônico, no coração de João Pessoa, que reúne arte sacra, pesquisa e memória —, até lugares mais inusitados, que nem de longe se parecem com o que normalmente se espera de um museu. É o caso da Bica, o Parque Zoobotânico Arruda Câmara, um dos espaços mais visitados da capital. Apesar de abrigar uma coleção viva, seu princípio é o mesmo: conservar, pesquisar e expor. Outro exemplo é o Museu do Artesanato Paraibano Janete Costa, que amplia a definição tradicional do termo ao valorizar o saber popular como patrimônio cultural.

Falando em diversidade de acervos, fica evidente que a memória pode assumir diferentes formas. Em Areia, as técnicas tradicionais de produção da cana-de-açúcar motivaram a criação do Museu da Rapadura. Já em João Pessoa, o Museu Brasileiro da Cannabis, organizado pela Abrace, reúne documentos, objetos e registros históricos sobre o uso medicinal da planta. Cabaceiras, por sua vez, não possui apenas o Museu Cinematográfico, dedicado à reputação da cidade como Roliúde Nordestina, mas também um espaço focado no maior símbolo afetivo do Sertão paraibano, o bode, mostrando como a cultura local estruturou-se em torno do animal, da alimentação à produção de calçados e de vestuário. Para quem não conhece a região, no entanto, o lugar pode facilmente passar despercebido — inclusive, por não haver *site* ou qualquer menção em plataformas oficiais. Esse é o mesmo problema que enfrentam muitos outros pequenos museus.

Segundo especialista, até a Bica pode ser vista como um museu, já que segue o princípio de conservar, pesquisar e expor



Saberes populares são valorizados como patrimônio cultural no Museu Janete Costa

Mapeamento começará com cadastro on-line

Para Joálisson Cunha, gerente-executivo de Memória e Patrimônio da Secult-PB, esse contraste entre espaços que poucos conhecem e museus que já estão no circuito oficial evidencia o quanto o sistema em construção pode fazer a diferença. "Às vezes, nem no próprio município existe algum tipo de cadastro, até por serem iniciativas autônomas. Tem gente que organiza seu próprio espaço de memória no quintal de casa ou em associações sem estrutura formal", reflete. A proposta, segundo ele, é corrigir essas lacunas, mapeando e integrando essas experiências à rede estadual de memória. Além de ampliar a visibilidade desses espaços, esse alinhamento deverá garantir a participação deles em políticas públicas, editais de fomento e ações de apoio técnico. Estar na rede significará ter acesso a programas de capacitação, ferramentas de gestão e digitalização de acervos — recursos que comumente ficam fora do alcance das iniciativas independentes.

Joálisson explica que o mapeamento será feito em duas etapas: primeiro, um cadastramento on-line, aberto à participação de qualquer instituição com função de memória; e, depois, um levantamento territorial, com equipes percorrendo o estado. "A meta é lançarmos a campanha virtual neste ano, com o máximo de divulgação, e, em um segundo momento, realizar esse mapeamento *in loco*. Onde tivermos notícias de projetos de memória, a Secretaria tem o interesse de conhecê-los", detalha. A partir desse diagnóstico, será possível construir um sistema genuinamente paraibano e alinhado ao Plano Nacional Setorial de Museus, com orientação do Ibram e participação ativa de instituições locais, como a UFPB, a Fundação Casa de José Américo (FCJA), a REM e representantes dos próprios museus do estado.

O ponto de partida para essa nova fase foi o evento (re)Conexões, realizado em setembro de 2024, que selou a parceria entre a Secult-PB e o Ibram, abrindo caminho para a revisão do plano estadual. Mas a semente do sistema foi plantada bem antes, fruto do trabalho de profissionais e instituições que vêm, há anos, articulando a preservação da memória paraibana. Agora, com o projeto ganhando forma, a próxima fase será coletiva. "Logo mais, vamos nos reencontrar para apresentarmos o pré-projeto, um estudo preliminar do que pretendemos realizar na Paraíba, e consultar todos os participantes", finaliza Joálisson.

Fotos: Divulgação/Embaúba Filmes



Atriz paraibana é uma artista plástica em crise existencial, que sai de São Paulo para Recife, em busca de respostas para os conflitos que enfrenta, encontrando um lugar de apoio na casa em que Clarice Lispector viveu

"LISPECTORANTE"

Respirando os ares de Clarice

Marcélia Cartaxo revisita universo da autora de "A Hora da Estrela" em filme que não é uma adaptação

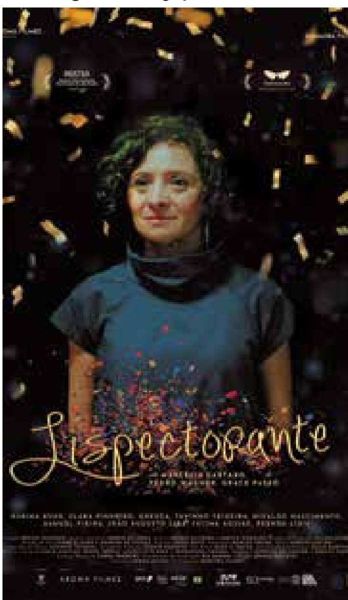
Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Xarope. Essa parece ser a melhor solução para tratarmos a tosse e o acúmulo de muco que nos impedem de respirar melhor. A realizadora pernambucana Renata Pinheiro recorre a uma alegoria "medicamentosa" similar a esse remédio no título e na narrativa de seu novo filme — *Lispectorante*, que traz a paraibana Marcélia Cartaxo como atriz principal. Com previsão de estreia nacional no dia 8 de maio, o longa-metragem faz uma incursão ao universo da escritora Clarice Lispector, sem ser uma adaptação direta de quaisquer obras dela, ainda que haja referências textuais e biográficas. **A União** conversou com a diretora e a intérprete sobre a obra.

Começando por Renata, ela rememora que a primeira lembrança que tem de Clarice remete à adolescência e ao "livro fininho" que encontrou, por acaso, no quarto do irmão mais velho, enquanto buscava algo para ler: era *Água Viva*, de 1973. Enquanto folheava, foi tomada por um misto de encantamento e incompreensão. "Ao mesmo tempo, aquilo me prendeu absurdamente, porque era a primeira vez que me deparava com uma literatura que não era de linguagem narrativa. E também porque era o relato de uma mulher. A gente se identifica muito, mesmo sem ter maturidade para isso, porque as dores são as mesmas".

Na história que Renata Pinheiro criou, adulta, para *Lispectorante*, encontramos a artista plástica Glória Hartman (Cartaxo), no meio de uma crise financeira e existencial. Divorciada, ela sai de São Paulo para Recife, seu município de origem, em busca de respostas para os conflitos que enfrenta, encontrando um lugar de apoio na casa em que Clarice viveu, na capital pernambucana. "Glória anulou a sua carreira em função do marido. E ela tem esse jeito muito próprio de ver a vida, com um poder inventivo que ela tem sobre a realidade. E o nome dela não é por acaso, não é? Glória Hartman vem das iniciais em *A Paixão Segundo G.H.* [livro famoso de Clarice]".

Imagem: Divulgação/Embaúba Filmes



LISPECTORANTE

- Brasil, 2025. Direção: Renata Pinheiro. Elenco: Marcélia Cartaxo, Pedro Wagner, Grace Passô, Tavinho Teixeira
- Estreia nacional: 8 de maio

O trocadilho presente no título utiliza a palavra "expectorante" (substantivo ou adjetivo que definem a droga ou a ação de limpeza das vias aéreas). Mas o "catarro" que é eliminado com a entrada de Clarice na vida de Glória é, segundo Renata, a caretice, a mágoa e a tristeza acumuladas — uma "lufada de ar" no momento em que a artista estreita laços com o passado da escritora ucraniana no Nordeste. "Quando a gente chega numa cidade que não é a nossa, ficamos com uma percepção mais aguçada. Então, tudo que ela vê e absorve, transforma-se em outra coisa, nessa droga sensorial, libertadora", esclarece.

A escolha da intérprete de Glória também não foi à toa. Marcélia deu vida à trágica personagem Macabéa, na versão da diretora Susana Amaral para o clássico *A Hora da Estrela*, também escrito por Clarice, originalmente. Além de ter sido premiada pelo papel no Festival de Berlim, em 1986, a atriz cajazeirense ostenta a complexidade dos seres clariceanos, de acordo com Renata. "Sérgio Oliveira, que também é roteirista do filme, falava nela desde o início e é claro que tinha que ser ela. Acho incrível que Suzana tenha descoberto Marcélia tão novinha [aos 21 anos, quando foi escolhida para aquele papel]", assinala.

Na outra ponta do projeto, Marcélia recorda que seu primeiro encontro com Clarice se deu meses antes do início das filmagens de *A Hora da Estrela*, em 1984: recebeu das mãos de sua diretora uma cópia do livro. Daí por diante, vieram outras leituras, admirando, a cada trama, o modo como a autora tratava das questões femininas. "Eu fiquei muito surpresa quando soube que ela também viveu no Nordeste [antes de Recife, morou em Maceió, logo que chegou ao Brasil] e conheceu toda a nossa cultura, nossas questões sociais e nossa força. Mas, no fundo, ela tinha uma questão também muito sofisticada de ser".

Para Marcélia, os personagens criados por Clarice são um prato cheio para os atores que lhes dão vida no teatro ou no audiovisual — ela cita, durante a entrevista, a experiência de Maria Fernanda Cândido na adaptação de *A Paixão Segundo G.H.* para o cinema, pelas mãos do realizador Luiz Fernando Carvalho, em 2023. "Eu acho que a gente, a partir do nosso ser, identifica-se com muitas imagens, como a cena da barata em *G.H.* E o valor que a gente dá a muitas coisinhas, que a gente, às vezes, nem percebe, como quando Macabéa fala de gostar de prego e parafuso. Os homens não ficam de fora, porque isso é inerente a todos os humanos", sustenta.

Antes e durante as gravações, Marcélia esteve na residência em que Clarice Lispector, de fato, morou com seus pais, no bairro da Boa Vista, e na Praça Maciel Pinheiro, onde foi construída uma estátua em sua homenagem. Um dado triste indignou a paraibana: o descaso com o monumento à autora, constantemente sujo de fezes de animais. "Penso que, por meio da arte, como denúncia, a gente pode transformar isso. O filme depara-se com tantas coisas que se acabaram durante o tempo e que a gente pode recuperar. Os governantes poderiam dar espaços públicos como esses para artistas ocuparem", sugere.

A produção toca em temas caros às mulheres na contemporaneidade, como o etarismo e a valorização delas na arte. Marcélia Cartaxo conclui asseverando que retratar essas questões é algo fundamental, mas que ela mesma, fora das telas, não tem do que reclamar: aos 63 anos, tem recusado trabalhos por falta de espaço na agenda. "Existem atores que só foram se destacar no cinema e no teatro depois de maduros. Só depois do filme *Madame Satã* [em 2002] que minha carreira de fato deu um '*boom*'. E eu ainda espero escrever um livro e voltar a dirigir. Com estudo, com criatividade e com vontade, principalmente, você não sai da arte em nenhum momento".

Foto: Marcelo Pinheiro/Divulgação



Diretora Renata Pinheiro (ao lado) coloca Clarice como um "remédio" para a personagem de Marcélia (abaixo) expurgar os seus demônios; o filme toca em temas caros às mulheres hoje em dia, como o etarismo e a valorização delas na arte



EDIÇÃO: Audaci Junior
EDITORAÇÃO: Lucas Nóbrega

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

O amor na canção popular (2)

O amor, no universo ficcional hollywoodiano, é regido pelo destino ou pela afinidade das almas, descritas geralmente como gêmeas. Já os papéis de gênero seguem um roteiro bem definido, que descrevem as mulheres como frágeis e sonhadoras, vivendo à procura de um homem forte e corajoso que possa protegê-las. Um amor que costuma envolver dramas, sacrifícios e reviravoltas. Nada comparável ao que deseja o eu lírico de "Todo amor que houver nessa vida", de Cazuza, que procura a mansidão: "Eu quero a sorte de um amor tranquilo / Com sabor de fruta mordida…".

Essa representação cultural do amor moldou as nossas subjetividades ao longo do tempo, fazendo que a gente desejasse viver experiências semelhantes, como se a vida só valesse a pena se amássemos ao menos uma vez. O nosso cancioneiro popular é rico em exemplos dessa espécie. Os cariocas Tom e Vinicius fazem uma declaração de amor eterno: "Eu sei que vou te amar / Por toda a minha vida, eu vou te amar / Em cada despedida, eu vou te amar / Desesperadamente, eu sei que vou te amar".

A perda de um amor é quase sempre acompanhada de sofrimento, como o eu lírico da canção "A Rita", de Chico Buarque, que, diante do término do relacionamento, vê o mundo ruir: "A Rita matou nosso amor de vingança / Nem herança deixou / Não levou um tostão / Porque não tinha não / Mas causou perdas e danos / Levou os meus planos / Meus pobres enganos / Os meus 20 anos/ O meu coração/ E além de tudo / Me deixou mudo / Um violão".

Recordo ainda que Reginaldo Rossi nos fez mergulhar no aspecto trágico do amor, com o seu maior sucesso musical, quando diz: "E pra matar a tristeza só mesa de bar / Quero tomar todas, vou me embriagar / Se eu pegar no sono, me deite no chão".

O personagem da canção enfrenta uma espécie de luto amoroso. A experiência do bar tem uma dimensão ritualística, e deitar-se no chão é a expressão de como o amor pode humilhar alguém, retirando a racionalidade e a dignidade.

O álcool costuma aparecer com frequência em muitas letras. Refletindo sobre essa relação, Renato Russo declarou numa entrevista a Jô Soares: "Eu, por ser romântico, sempre buscava no álcool uma coisa da poesia. Sabe aquela coisa Bukowski…? Ver o mundo e sofrer, James Dean sofrendo e tudo, né? E existe essa ideia muito interessante: a palavra para álcool em latim é *spiritus*… em inglês, a gente fala *spirit*. Então, Jung tem essa expressão, que é *spiritus* contra *spiritum,* que é justamente essa dicotomia que existe, de repente, do álcool transferir para a pessoa uma ilusão de espiritualidade, que acaba minando qualquer espiritualidade que a pessoa possa ter".

A reação pode ser desesperada, mas com alguma esperança de dissuadir a amada, como faz Roberto Carlos: "Meu bem, meu bem / Você tem que acreditar em mim / Ninguém pode destruir assim / Um grande amor / Não dê ouvidos à maldade alheia / E creia / Sua estupidez não lhe deixa ver / Que eu te amo". O mesmo Roberto Carlos canta o amor na perspectiva da infinitude, quando diz: "Nem mesmo o céu, nem as estrelas / Nem mesmo o mar e o infinito / Nada é maior que o meu amor / Nem mais bonito".

O amor romântico, do modo que o conhecemos, está em crise. E não é de agora. Os relacionamentos mudaram. Os papéis de gênero também. O tempo é outro. Na modernidade líquida, como definiu o sociólogo Zygmunt Bauman, ao renomear a era do capitalismo tardio, nada é feito para durar. Como se diz na linguagem popular: "ninguém é de ninguém". O que se refletiu na criação de uma nova gramática afetiva, que vemos nas letras de músicas atuais, o que é bastante comum no sertanejo. Por isso é que Zé Neto e Cristiano cantam: "Foi, mas não é mais a minha notificação preferida / Já foi, mas não é mais a número um da minha vida / Sinto em te dizer / Mas eu já superei você".

Enquanto a dupla Matheus e Kauan valoriza ainda mais a ideia do desapego: "E quando faltar só um copo pra garrafa acabar / Acabou seu tempo, acabou a gente / Porque amor frio e cerveja quente / Eu deixo pra outro tomar / Eu deixo pra outro pegar e amar / Eu deixo pra lá / Se sentir o perfume da minha roupa / E se lembrar da minha boca / Enquanto beija outro mané / Vai ver que eu não sou fácil de esquecer / Vai doer".

Tema que se repete na canção "Nem doeu": "A melhor sensação que eu já senti / Foi ver que nem doeu e eu te esqueci / Eu tô bebendo é porque eu tô feliz / Eu tô feliz porque acabou nós dois / E aproveitando que eu tô solteiro / Eu vou beijar primeiro e perguntar o nome depois".

Numa exaltação à vida de solteiro, ao efêmero e à liberdade. O que nos faz pensar: a crise do amor romântico realmente nos torna mais livres ou um pouquinho mais solitários?

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

"Fratelli tutti"

Escrevi este texto a pedido da minha companheira, Xélia Osias, para homenagear o papa Francisco.

A encíclica *Fratelli tutti*, publicada pelo papa Francisco (1936–2025), em 3 de outubro de 2020, é um documento que trata sobre a fraternidade. O título, que vem do italiano e significa "Todos irmãos", é uma frase extraída de São Francisco de Assis (1181–1226), que inspirou a visão humanista do "papa da simplicidade". A encíclica tem como objetivo chamar a atenção para a construção de uma sociedade inclusiva, na dignidade humana, com solidariedade, justiça, promoção do bem comum e compaixão pelos pobres.

O documento pontifício foi escrito para uma realidade de um mundo afetado pelo ódio e por crises sociais, econômicas e sanitárias, especialmente pela pandemia da Covid-19, que evidenciou ainda mais as desigualdades. O papa Francisco procura destacar que a pandemia foi um momento de reflexão, em que as vulnerabilidades de nosso sistema social e econômico ficaram mais evidentes. Por causa disso, um dos temas centrais da *Fratelli tutti* é a fraternidade, ou seja, a tese de que todos os seres humanos, independentemente de suas nacionalidades, religiões ou condições sociais, são irmãos. Consequentemente, estabelecem-se as relações de amizade social, nas quais a empatia deve ser a base das interações humanas, com a finalidade de construir, por meio do respeito mútuo, do diálogo e do cuidado com os mais vulneráveis.

A *Fratelli tutti* também critica os efeitos negativos da globalização, que frequentemente gera exclusões e desigualdades. O papa dos excluídos denuncia o sistema econômico que favorece o lucro em detrimento das pessoas miseráveis e propõe uma economia orientada pelo bem comum. Ele também discute as consequências do individualismo excessivo, que enfraquece o senso de comunidade. Nessa encíclica, o papa dos famintos também apresenta os danos da cultura do descartável, que se manifesta não apenas no desperdício de bens materiais, mas no descarte de pessoas. Isso se reflete na marginalização de diversas comunidades, como imigrantes, pessoas com deficiência e os mais necessitados, que são frequentemente ignorados pela sociedade. O pontífice defende uma cultura do cuidado, na qual todos os seres humanos sejam valorizados, independentemente de suas condições sociais ou econômicas. Outro tema de grande impacto social da encíclica é a defesa da paz. O "papa do diálogo" insiste que a paz não pode ser apenas a ausência de guerra, mas um esforço contínuo para construir uma sociedade mais justa, onde os direitos de todos sejam respeitados. Ele aborda os conflitos regionais, a violência e os problemas das migrações forçadas, pedindo maior empenho na resolução pacífica dos conflitos. O "papa da paz" sugere a solidariedade e a responsabilidade social, pelas quais as nações devem trabalhar unidas para resolver questões globais, como as crises ambientais e a pobreza extrema. Ele defende a responsabilidade social e política de todos os indivíduos e governos para criar um mundo igualitário. A encíclica também apresenta a necessidade urgente do diálogo inter-religioso como caminho para promover a fraternidade, reiterando a importância de colaborar com pessoas de diferentes tradições religiosas para superar as divisões e promover valores universais, como a justiça e a paz.

Foto: Wilton Junior/Estadão Conteúdo



Francisco, autor da encíclica "Fratelli tutti"

Na *Fratelli tutti* e os desafios contemporâneos, no atual cenário de tensão mundial, polarizações políticas, crises humanitárias e desafios ambientais, o papa Francisco convida a humanidade a refletir sobre a construção de uma sociedade onde a fraternidade seja mais do que palavras, mas práticas concretas, solidárias e inclusivas, baseadas no respeito, na dignidade humana e no bem comum. O "papa da simplicidade" promove uma visão de humanidade interconectada e responsável, capaz de eliminar o ódio, as guerras, a fome e as discriminações. Seguem algumas de suas citações da encíclica:

- Sobre a fraternidade universal: "Toda pessoa tem uma dignidade inviolável, que deve ser reconhecida e respeitada em todos os momentos e em todos os lugares, sem exceção". (*Fratelli tutti*, nº 105);
- Sobre a cultura do encontro: "O que a fraternidade nos propõe é uma cultura do encontro, capaz de superar as divisões e de abrir caminho para um novo espírito de solidariedade". (*Fratelli tutti*, nº 216);
- Sobre a economia a serviço das pessoas: "A economia mundial deve ser repensada para que o centro sejam as pessoas e não o lucro, garantindo os direitos essenciais e a dignidade de todos". (*Fratelli tutti*, nº 122);
- Sobre a política e o bem comum: "A política, que é uma das mais altas formas de caridade, deve ser vivida de maneira a promover o bem comum". (*Fratelli tutti*, nº 180).

Sinta-se convidado à audição do 517º *Domingo Sinfônico*, que ocorrerá neste dia 27, das 22h a 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar (clicar em rádio ao vivo) pelo aplicativo em radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm. Durante a transmissão, comentarei sobre o compositor e pianista austríaco Johann Nepomuk Hummel (1778–1837). Suas obras ajudaram a promover o respeito mútuo nas sociedades da época.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Portait d´un Sarney

Você conhece Rosiclarindo? Não? E Florismélio, que andava com um 38 na cintura, na Praça Gonçalves Dias, em São Luís do Maranhão? Outro dia, vi um sósia de Mamelino agarrado a um sofá na Rua da República — era a sagração em pessoa.

Não tem uma vez que eu vá à casa da escritora Ângela Bezerra, para sair com as mãos abanando. O cérebro a mil. Ângela tem vasta cultura, declama Camões e vários poetas e vem de diversas encarnações literárias.

Da obra de José Sarney, eu conhecia apenas um romance O *dono do mar*, mas nunca tinha lido. Ângela me falou dos contos, sua única coletânea do gênero, *Norte das Águas*, que eu não sabia patavinas.

Não aprecio muito os contos, alguns de Machado e de Edgar Allan Poe, mas contos precisam ser escritos como um pequeno romance. Contos, para muitos, é a poesia de outros.

Em 1969, a editora Martins lançava *Norte das Águas*, livro de contos de José Sarney, o então político da chamada secundária Arena, algo como braço civil do Regime Militar brasileiro. Deixa para lá. *Norte das Águas* foi relançado pela Siciliano, nos 70 anos do autor, com uma exposição de sua trajetória política.

Vez em quando, Sarney.

Numa sequência, três contos de puro realismo, o autor relata situações do "Maranhão profundo". O primeiro conta a vida de extrema violência dos primos Boastardes, Vitofurno, Mamelino e Olegantino, que, movidos pela crueldade, matavam com futilidade, sem motivos, castigando até mulher grávida, mas, mergulhados no vazio, como modo de vida, acabam por se matar. Louco, né? Os políticos também habitam esse universo. Imagina deputados e senadores matando uns aos outros. Ué, mas isso já acontece há séculos.

Os personagens de Sarney trazem nomes que lembram *Cem Anos de Solidão*, de García Márquez, e *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Como tudo se transforma e tem a fonte, o que foi dito, escrito e publicado, então, Boastardes relata a traumática existência dos primos Rosiclarindo, que desmaiava ao ver sangue; Brasavorto, que, ao ver cabeça de peixe, se transtornava, tentava arrancar os cabelos e soltava um grito que vinha bater em Pernambuco e que apavorava quem ouvia aqui, na Paraíba.Florismélio, que, ao sentir alguns cheiros, a começar pelo de unha, era atacado por uma crise de soluços que durava dias e noites. Delírio total.

Os três viveram com a mesma mulher, Rita Nanica (o que, hoje, chamam de trisal). E os Boasnoites, Amordemais, Dordavida e Flordasina, parentes carnais, "encantados do amor da terra, das aguadas e dos campos", cantadores, contadores de estórias e hábeis na arte.

Os Boastardes aterrorizam as cidades, o que acontece até hoje com os milicianos e as facções. Os dedos no gatilho são mais ligeiros que cobra na areia quente. Lembra-me do homem da cobra, que falava pelos cotovelos. Pois é, o final sempre é trágico, como tudo na vida. Os Boasdias são amigos para sempre, uns coitados preguiçosos cheios de mania, que seguem por aí, onde o diabo fez a curva.

Querida Ângela, escrevi apenas para dizer que estou com saudades do Brasil, adorando os contos de Sarney, que teve admiradores como Lévi-Strauss.

Kapetadas

1 — Galera que coloca facetas nos dentes: vocês não exageram no tamanho, não? Sei lá, é cada monstro;

2 — Vera! Um dia, quem sabe, será. Quem viver, Vera.

Foto: Reprodução/White House History.org



José Sarney com Pelé e Ronald Reagan, presidente dos Estados Unidos, em cerimônia realizada na Casa Branca, em 1986

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Atuante na cultura popular e no cinema

De vida cultural diligente, desde os primeiros anos da década de 1960, ele é considerado um bom articulador nos meios por onde passa. Seu nome se faz presente, sempre, onde quer que existam movimentos ligados à nossa cultura popular. Atividade que se estende ao ensino, literatura e também aos segmentos de fotografia e cinema. No caso do cinema, com muito destaque. Seu nome é José Nilton da Silva. Ou, simplesmente, professor Zé Nilton.

A trajetória de Zé Nilton é bastante longa. Ele é graduado em licenciatura em História e Pedagogia, pela Universidade Federal da Paraíba (1976) e professor de Ensino Médio e Superior, em Educação Artística, na UFPB. Conselheiro do Iphaep, professor Zé Nilton coordenou o Encontro Estadual de Cultura da Paraíba, na Sudene, em Recife (PE), e publicou livros e vários trabalhos sobre história da cultura popular, artesanato, fotografia e cinema. Por isso, recebeu menção honrosa do Conselho Estadual de Cultura da Paraíba, em 1999. Participou de intenso movimento de cinema, na década de 1960, como tesoureiro do Cineclube Linduarte Noronha, cineasta com quem teve forte relação durante anos, ambos sendo professores do Departamento de Comunicação da UFPB, no período de 1973 a 2001.

Zé Nilton participou também como conferencista da Jornada Latino-americana de Educacion por El Cine e Arte, em Montevidéu, Uruguai, também em Caracas, na Venezuela, e de uma mesa-redonda durante o 1º Congresso Interamericano de Audiovisual y Folclore (1985). Participou do congresso A Paraíba e sua História no Cinema, no Zarinha Centro de Cultura, em João Pessoa, sendo professor de História do Cinema em diversas escolas de Ensino Médio, na capital e em cidades do interior da Paraíba.


Foto: Arquivo pessoal

Da esq. para dir.: cineastas Alex, Linduarte, Zé Nilton e Pedro Jorge, da UNB

Foi fotógrafo de *still* dos curtas-metragens, *Padre Zé Estende a Mão* (1970), de Jurandy Moura, e *Fotografia de Cabedelo no Ensino de Primeiro Grau*. Fotografou, ainda, *Vila de Independência*, *O Coqueiro* e *Lucena Paradisíaca*, de Alex Santos, em 1977. Correalizador dos curtas sobre cultura popular, representando o Nuppo-UFPB: *Misticismo, Folguedos e Tradições*, *Africanos (Torre)*, *Pastoris*, *Scherasade-Parahyba* e *Procissão Marítima de São Pedro*, entre os anos 1982 e 1989.

Como pesquisador, correalizador e fotógrafo da produção *O Romanço do Dinossauro* (1992), com os cineastas Pedro Jorge de Castro (UnB) e Alex Santos (UFPB), filme inscrito no Festival de Cinema das Ilhas Canárias, na Espanha. Foi fotógrafo do média-metragem *Antomachi*, realizado por Alex Santos (2010), *A Ninhada* (2011), este na codireção, que lhe rendeu o prêmio da APC de Melhor Filme de curta-metragem, do 5º Festcine Digital do Semiárido. Atuou no média-metragem recente, *Poltrona Rasgada* (2013)

Nesta semana, o amigo Zé Nilton me informou sobre sua inscrição a uma vaga da Academia Paraibana de Cinema. Ele foi reconhecido por sua ampla contribuição à cultura cinematográfica paraibana, tendo sido homologado o seu nome, junto aos demais, para cadeira do cineasta Vladimir Carvalho. E, segundo informou a APC, a escolha definitiva do mais novo acadêmico se dará na próxima semana. — Mas "Coisas de Cinema", acesse: www.alexsantos.com.br.



Memória e preservação na FCJA

Coordenado pelo professor João de Lima, presidente da Academia Paraibana de Cinema, o projeto *Preservação da Memória e Difusão Cultural e Científica do Acervo*, da Fundação Casa de José Américo (FCJA) foi recentemente encaminhado ao Governo do Estado, com pedido de renovação. O pleito visa a continuação, prospecção e organização dos materiais audiovisuais da FCJA.

Após a confecção de um *e-book* contendo descrição relativa aos materiais do governo de Tarcísio Burity, a previsão dos pesquisadores, para este ano, é que os acervos doados, também pelos familiares de Virgínius da Gama e Melo e de Expedito Gomes, à FCJA sejam concluídos. Ambos desempenharam papel importante na cultura regional, inclusive nas artes literárias, musicais e cinematográficas, principalmente nos anos 1960 a 1970.

Artigo

Nelson Barros
Especial para A União

Ney Matogrosso é uma bússola

Por esses dias, estreia, nos cinemas brasileiros (e fora do país também), o filme *Homem com H*, sobre a vida do mais original artista brasileiro.

Ney Matogrosso surgiu no cenário artístico nacional como vocalista de um grupo chamado Secos & Molhados. A voz extraordinária, difícil de definir se era de homem ou de mulher, a pintura no rosto e o corpo desnudo do cantor transformaram o conjunto no maior fenômeno musical que a nossa MPB tinha visto até então. A atitude irreverente, escandalosamente sensual desse artista foi um furo, na verdade, um rombo gigantesco no moralismo de um país vivendo a rigidez de costumes de uma ditadura.

Eu costumo dizer que, antes de Ney, o Brasil tinha uma atitude falsamente aberta com relação à homossexualidade. Sim, havia *gays* famosos, mas esses eram ou serviçais ou bobos da corte. Os *gays* (essa expressão ainda não existia) de estimação da nossa sociedade. Lembro-me de Rogéria, famosa transformista, atriz, cantora, que se autointitulava "a travesti da família brasileira". Havia os costureiros e cabeleireiros famosos, artistas caricatos e os que mais me provocavam constrangimento: os grandes nomes dos desfiles de Carnaval. Clóvis Bornay, Evandro de Castro Lima e outros. Causavam-me angústia aquelas pessoas, que gastavam fortunas (eles não eram ricos) para viver minguados momentos de fama e aparecer nas páginas das revistas *Cruzeiro* e *Manchete*, mas não serem convidados para os jantares do *gran monde*. Vestiam-se de pássaros emplumados, com fantasias de nomes pomposos — jardins suspensos de Nabucodonosor, Nefertitis flutuantes do Nilo... — a desfilar para o prazer de famosas damas da alta sociedade.

Ney foi (e ainda é) uma revolução. Um bicho, como ele mesmo gosta de se definir, fora da jaula. Ver aquele homem no palco era assistir aos nossos próprios bichos enjaulados. Um corpo político. Não virou bichinho de estimação de ninguém, nunca abriu concessões. Levou o desejo e a liberdade para as salas de visita da tradicional família brasileira. A censura não sabia o que fazer com ele:
— Você não pode se apresentar pintado como uma mulher.

— E onde você já viu uma mulher pintada assim?

Os Secos & Molhados gravaram dois discos antológicos, lotaram estádios, coisa inédita no cenário musical, até então. Apresentaram-se fora do país, e diz-se até que a maquiagem deles inspirou o grupo americano Kiss, por causa de uma apresentação no México. Mesmo com esse sucesso todo, quando umas cláusulas contratuais do grupo não pareceram justas, Ney disse "não" e foi fazer carreira solo.

Lembro-me de uma declaração dele na revista *Pop*, logo quando isso aconteceu: "Vou ser mais famoso do que Mick Jagger e David Bowie". Não ficou, claro. Acho que as barreiras da língua e da geografia não permitiriam tal coisa. Mas o fato é que, 50 e poucos anos depois, esse artista continua lotando todos os lugares onde se apresenta, dizendo da vida, do sexo, da liberdade de ser o que se é, rompendo tratados, traindo ritos, lançando no espaço as regras limitantes de qualquer opinião pré-formada sobre toda e qualquer coisa. Um corpo de 83 anos que dança e deseja, um corpo que não permitiu a instalação de uma velhice preguiçosa. Um corpo que se recusa a dizer que já viu de tudo. Ativíssimo, grava com artistas da geração atual, sem medo nenhum. Não tem o menor problema de se envolver em projetos pouco atraentes comercialmente, vide seu último trabalho com a banda Hecto, *Canções para um mundo novo*. E está em cartaz com o show *Bloco na rua* há mais de cinco anos. Um espetáculo que estreou antes da pandemia, talvez o mais longevo da sua carreira, e que continua rico e atual. Aliás, o título é o de uma música de Sergio Sampaio, que estourou justamente na época da ditadura. Na abertura, o artista surge numa roupa casulo, de onde, aos poucos ele vai saindo. Sim, o olhar, o rosto, o corpo que pulsa e deseja de todos vai se revelando no espelho que é Ney Matogrosso, que, no mais belo momento do show, na minha opinião, passa a mensagem, e entendedores entenderam: "Eles" são muitos, mas não podem voar.

Três pequenas curiosidades

1) Nos anos de 1980, o músico Geber Ramalho convidou-me para defender uma música chamada "Sansão sem cabeleira", no Festival da Canção do Unipê. Era uma composição do seu pai, Luiz Ramalho, que foi oferecida para ser gravada por Ney, que não o fez. Quando soube desse detalhe, brinquei: "Pois eu vou cantar como acho que Ney cantaria". Ganhei o prêmio de melhor intérprete;

2) Numa das vezes em que nos encontramos, na nossa casinha do Sagi, coloquei o álbum *Água do céu-pássaro*, o primeiro que ele gravou depois que saiu dos Secos & Molhados. Ney contou da produção desse disco, falando das músicas, da produção dos arranjos, dos sons incidentais entre as faixas, da experiência de ter ido à Itália, convidado por Astor Piazzola, com quem gravou duas músicas, que vinham num compacto simples encartado no álbum. Quase não acreditava no que estava acontecendo: meu artista favorito, contando a história de um dos discos que mais adoro na vida, no quintal da minha casa;

3) Há poucos anos, vi, em São Paulo, Jesuíta Barbosa numa peça muito interessante, chamada *Lazarus*, em que ele interpreta David Bowie, que Ney garantiu que um dia seria tão importante quanto. O mesmo Jesuíta, hoje, interpreta Ney no filme *Homem com H*.

Em tempo: estive com ele algumas vezes. Ney é macio, cheiroso, gentil, educado e muito divertido.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Augusto dos Anjos, poema

Augusto dos Anjos, eis um ponto de partida para uma boa antologia. Não uma antologia dos seus poemas, colhidos no *Eu e outras poesias*, mas dos poemas sobre ele ou mesmo a ele dedicados pelos seus pares, ao longo da tradição literária. Imagino que todo poeta tem o seu Augusto! Vez ou outra, nenhum escapa ao peso de sua sombra lírica!

O critério seria o temático, calcado, é óbvio, na singularidade de sua poética individual, incomum, transgressora, em face do contexto estético em que surgiu e se disseminou, quer do ponto de vista das soluções técnico-formais e estilísticas, quer no que concerne aos apelos temáticos e motivadores.

Tenho preocupado-me com isso há algum tempo. Já li muitos poetas, entre as velhas e as novas gerações, entre maiores, medianos e menores, que expressam sua admiração pela voz superior do ilustre filho de Sapé. E fico a imaginar o quanto um trabalho dessa natureza poderia satisfazer o gosto estético dos que amam a sua melancólica poesia.

Começaria com gente grande, um João Cabral de Melo Neto, por exemplo, que o tomou como assunto no longo poema O *sim contra o sim*, de *Serial* (1961), colocando-o ao lado de nomes como Marianne Moore, Francis Ponge, Miró, Mondrian, Cesário Verde, Juan Gris e Jean Dubuffet.

Interessante como o autor de O *cão sem plumas* elenca exemplos de uma vertente plástica e visual, corpórea e imagética, para inserir Augusto num viés que vai além de sua musicalidade dissonante e do seu expressionismo simbólico.

O poeta pernambucano captura a medula verbal do paraibano, pois ressalta, bem a seu modo seco e preciso, que "Augusto dos Anjos não tinha / dessa tinta água clara. / Se água, do Paraíba / nordestino, que ignora a Fábula. (...) Donde certo o timbre fúnebre, / dureza da pisada, / geometria de enterro / de sua poesia enfileirada".

É bom que Cabral lembre de Augusto. Eles são tão diferentes e tão semelhantes! Um, pétreo, seco, mineral; outro, orgânico, úmido, vegetal. Dicções diversas, porém, unidas na mesma disposição para o essencial.

Ferreira Gullar, no seu instigante ensaio, *Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina*, faz rápido e sugestivo cotejo entre os seus respectivos discursos, irmanando-os no mesmo parâmetro poético, substantivo e seminal. Se existe, por sua vez, prosador por perto, Gullar convoca a sintaxe áspera e medida de um Graciliano Ramos, para robustecer essa família de mestres e inventores.

Muitos outros poetas dedicaram poemas ao autor de *As cismas do destino*. Gente de casa e gente de fora. Em certo sentido, e cada um à sua maneira, cultivando o sentimento singular das chamadas afinidades eletivas.

Um Marcus Accioly, por exemplo, num belo soneto do livro *Daguerreótipos* (2008), presta sua justa homenagem ao bardo do Pau d' Arco, trazendo à tona, sobretudo, os lampejos sombrios de sua expressão agoniada.

Sérgio de Castro Pinto, Eulajose Dias de Araújo, Lenilde Freitas, Gilmar Leite Ferreira, Raniery Abrantes, Da Costa, Chico Viana, Nauro Machado, Francisco Carvalho, Arturo Gouveia, José Alcides Pinto, Luís Augusto Cassas e tantos mais selaram, na pauta efusiva de um poema, o destino trágico e elegíaco de sua poesia incomparável.

Quem sabe, um dia, não reúna todos num mesmo preito antológico e consiga instaurar a flexibilidade do diálogo na esfera da mais saudável estesia. Afinal de contas, os poetas também existem para louvar os seus poetas.

Foto: Walter Firmo/Estadão Conteúdo



"O Sim contra o Sim", o longo poema de João Cabral de Melo Neto (1920–1999), encontra-se no livro "Serial" (1961)

Colunista colaborador

EDIÇÃO: Audaci Junior
EDITORAÇÃO: Débora Borges

Além das faixas do novo álbum, Yuri Gonzaga tocará composições já lançadas e também as inéditas

Foto: Max Brito/Divulgação

SHOW

Yuri apresenta *Amador*

Hoje, em João Pessoa, artista traz canções entremeadas por textos e versos

Da Redação

O cantor e compositor paraibano Yuri Gonzaga apresenta, pela primeira vez, em João Pessoa, o espetáculo *Amador*. Após estreias de sucesso no Teatro Procópio Ferreira, em São Paulo, e no Sesc Maringá, no Paraná, o artista traz para sua terra natal um *show* marcado por poesia e identidade.

Com sanfona e violão em mãos, Yuri — que ganhou projeção nacional com o grupo Os Gonzagas — sobe ao palco do Teatro do Sesc Centro, hoje, às 17h, em João Pessoa. O show leva o nome do álbum visual, lançado em capítulos, nos anos de 2020 a 2022.

No repertório, além das faixas do álbum *Amador*, o público poderá ouvir outras composições da carreira solo de Yuri, entre músicas já lançadas e inéditas. As canções são entremeadas por textos e versos, criando uma narrativa que reforça a atmosfera poética da apresentação solo.

O show contará com participações especiais dos artistas Escurinho e Rinah e com a presença de uma banda de primeira linha formada por Rafa Chaves (guitarra), Ingrid Simplício (baixo) e Saulo Soares (bateria).

"Este não é apenas um show; é o primeiro passo de um movimento maior para ampliar a minha música e a minha arte, conectando pessoas por meio do som e da emoção. O projeto foi viabilizado graças a uma campanha de financiamento coletivo na internet, que contou com a participação de quase 150 colaboradores. Esse show é dedicado a todos que acreditaram nesse sonho comigo e agora vão fazer parte dessa história", afirma Yuri Gonzaga.

Além da apresentação ao vivo, haverá também a transmição on-line, permitindo que espectadores de qualquer lugar possam vivenciar o lançamento na Paraíba.

Os ingressos estão à venda, em preço de segundo lote, na plataforma do *Sympla* (www.sympla.com.br): presencial por R$ 80 (inteira), R$ 45 (meia), R$ 50 (entrada social ou com a credencial do Sesc), além do ingresso para transmissão virtual, por R$ 20. O ingresso social pode ser adquirido mediante a doação de 1 kg de alimento não perecível.

Pelo *QR Code* acima, acesse o *site* oficial para compra de ingressos

Em Cartaz

Cinema

*Programação de **24 a 30 de abril**, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.*

** Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento; o Cinemaxxi Cidade da Luz, em Guarabira; o Cine Guedes, em Patos; e o Cine RT, em Remígio, não haviam divulgado suas programações.*

ESTREIAS

O CONTADOR 2 (*The Accountant 2*). EUA, 2025. Dir.: Gavin O'Connor. Elenco: Ben Affleck, Jon Bernthal, J.K. Simmons, Cynthia Addai-Robinson. Ação. Christian Wolff aplica sua mente brilhante e métodos não tão legais para montar o quebra-cabeça não resolvido do assassinato de um chefe do tesouro. Ele se une ao seu irmão afastado, mas altamente letal, para rastrear os assassinos misteriosos. 2h05. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 18h30; leg.: 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h15, 17h15, 20h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 13h40, 16h30, 19h30, 22h15. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: 16h10 (qua.), 20h40 (qua.); CINESERCLA TAMBIÁ 5: dub.: 15h40 (exceto qua.), 18h10 (exceto qua.), 20h40 (exceto qua.). **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h40 (exceto qua.), 18h10 (exceto qua.), 20h40 (exceto qua.); CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 16h10 (qua.), 20h40 (qua.).

LOONEY TUNES - O DIA EM QUE A TERRA EXPLODIU (*The Day the Earth Blew Up: A Looney Tunes Movie*). EUA, Canadá, 2025. Dir.: Peter Browngardt. Animação. Gaguinho e Patolino se tornam a única esperança da Terra quando descobrem um plano secreto de controle mental alienígena. Diante de probabilidades cósmicas, eles devem salvar sua cidade e o mundo sem deixar um ao outro completamente maluco. 1h32. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 14h (exceto qua.), 16h20 (exceto qua.). CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 14h (exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 16h20.

STAR WARS EP. 3 – A VINGANÇA DOS SITH (*Star Wars: Episode III - Revenge of the Sith*). EUA, Itália, Suíça, Tailândia, Reino Unido, 2005. Dir.: George Lucas. Elenco: Hayden Christensen, Ewan McGregor, Natalie Portman, Samuel L. Jackson. Ficção científica. Celebrando o aniversário de 20 anos do filme. As Guerras Clônicas estão em pleno andamento e Anakin Skywalker mantém um elo de lealdade com Palpatine, ao mesmo tempo em que luta para que seu casamento com Padmé Amidala não seja afetado por esta situação. Seduzido por promessas de poder, Anakin se aproxima cada vez mais de Darth Sidious até se tornar o temível Darth Vader. Juntos eles tramam um plano para aniquilar de uma vez por todas com os cavaleiros jedi. 2h20. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: leg.: 15h30, 18h30, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 18h30, 21h30.

SERRA DAS ALMAS. Brasil. 2025. Dir.: Lírio Ferreira. Elenco: Julia Stockler, Mari Oliveira, Pally Siqueira, Ravel Andrade, Vertin Moura. Policial. Um roubo de pedras preciosas reúne um grupo de velhos parceiros de crime. Vigiados por fantasmas do passado, cada um deles deve encontrar sua própria forma de liberdade. 2h. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 15h45 (exceto dom.), 18h20 (exceto qui. e dom.), 21h (exceto qui.).

UNTIL DAWN: NOITE DE TERROR (*Until Dawn*)**.** EUA. 2025. Dir.: David F. Sandberg. Elenco: Ella Rubin, Michael Cimino, Odessa A'zion. Terror. Explorando um centro de visitantes abandonado, Um grupo de amigos encontra um assassino mascarado, que os mata um por um. No entanto, quando eles misteriosamente acordam no início da mesma noite, são forçados a reviver o terror repetidamente. 1h44. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 14h45, 19h30; leg.: 17h, 22h. CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 16h20 (qua.), 21h (qua.); CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: 16h20, 21h (exceto qua.), 18h40 (qua.). **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 16h20, 21h (exceto qua.), 18h40 (qua.); CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h20 (qua.), 21h (qua.).

ESPECIAL

FESTIVAL DE CINEMA EUROPEU IMOVISION. Programação com 14 filmes de oito países da Europa, nas salas do Centerplex (MAG Shopping) e do Cinépolis (Manaíra Shopping), incluindo *Dreams*, filme de Dag Johan Hauregard que venceu o Urso de Ouro no Festival de Berlim 2025; e *Emmanuelle*, releitura do clássico erótico pela diretora Audrey Diwan. A primeira edição vai de 24 a 30 de abril. Para consultar os filmes e sessões, basta acessar a página oficial do festival (movieid.com/hotsite/festival-de-cinema-europeu-imovision-2025).

PRÉ-ESTREIA (DIA 30)

HOMEM COM H. Brasil. 2025. Dir.: Esmir Filho. Elenco: Jesuíta Barbosa, Bruno Montaleone, Jullio Reis, Hermila Guedes, Caroline Abras. Cinebiografia. As diferentes fases da carreira do cantor Ney Matogrosso, desde a sua infância, passando pela adolescência e a vida adulta. Uma jornada através do tempo que acompanha um rapaz de origem humilde que quebra preconceitos e se torna um artista influente. 2h10. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 22h20.

THUNDERBOLTS* (*Thunderbolts**)**.** EUA. 2025. Dir.: Jake Schreier. Elenco: Florence Pugh, Sebastian Stan, David Harbour, Lewis Pullman, Hannah John-Kamen. Aventura. Depois de se verem presos em uma armadilha mortal, uma equipe não convencional de anti-heróis (Yelena Belova-Viúva Negra, Bucky BarnesSoldado Invernal, Guardião Vermelho, Fantasma, Agente Americano e Treinador) deve embarcar em uma missão perigosa que os forçará a confrontar os cantos mais sombrios de seus passados. 2h06. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 21h30; CENTERPLEX MAG 2: dub.: 18h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 15h, 17h45, 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (MacroXE): dub.: 3D: 13h30, 19h; leg.: 3D: 16h15, 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 3D: 15h15, 18h30, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 3D: 13h45, 16h30, 19h15, 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINESERCLA TAMBIÁ 6: dub.: 15h50, 18h20, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 15h50, 18h20, 20h45.

CONTINUAÇÃO

BABY. Brasil, 2025. Dir.: Marcelo Caetano. Elenco: João Pedro Mariano, Ricardo Teodoro, Ana Flavia Cavalcanti, Bruna Linzmeyer, Luiz Bertazzo. Drama. Logo após ser liberado de um centro de detenção para jovens, Wellington (Mariano) se vê à deriva nas ruas de São Paulo. Durante uma visita a um cinema pornô, ele conhece Ronaldo (Teodoro), um garoto de programa, que lhe ensina novas formas de sobreviver. 1h55. 16 anos.

João Pessoa: 26/4 (sáb.): 19h; 27/4 (dom.): 17h.

BRANCA DE NEVE (*Snow White*). EUA, 2025. Dir.: Marc Webb. Elenco: Rachel Zegler, Gal Gadot, Andrew Burnap. Aventura. Princesa une forças com sete anões para libertar seu reino de sua madrasta, a rainha má, que quer matá-la. 1h49. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 18h50 (exceto qua.). CINESERCLA TAMBIÁ 4 (sessão azul para indivíduos com distúrbios sensoriais): dub.: 14h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3 (sessão azul): dub.: 14h10.

THE CHOSEN – ÚLTIMA CEIA (*The Chosen — Last Supper*)**.** EUA, 2025. Dir.: Dallas Jenkins. Elenco: Jonathan Roumie, Shahar Isaac, Paras Patel, Elizabeth Tabish, George Xanthis, Noah James. Drama. O povo de Israel acolhe Jesus como rei, enquanto seus discípulos aguardam sua coroação. Mas, em vez de confrontar Roma, ele vira as mesas durante o festival religioso judaico. Com seu poder ameaçado, os líderes religiosos e políticos do país farão de tudo para garantir que esta seja a última ceia de Jesus. 2h. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 16h (exceto qua.), 19h (exceto qua.), 21h40 (exceto qua.). CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 16h (exceto qua.). CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: 18h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h.

UM FILME MINECRAFT (*A Minecraft Movie*). Suécia e EUA, 2025. Dir.: Jared Hess. Elenco: Jack Black, Jason Momoa, Jennifer Coolidge, Danielle Brooks, Kate McKinnon. Comédia/aventura. Quatro pessoas são jogadas por um portal para um bizarro mundo onde tudo é cúbico. 1h41. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h, 16h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 14h15, 16h45, 19h15, 21h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 15h, 17h30, 20h, 22h20 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (MacroXE): dub.: 13h45 (exceto qua.), 16h15 (exceto qua.), 18h45 (exceto qua.), 21h15 (exceto qua.). CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h45 (exceto qua.), 16h15 (exceto qua.), 18h45 (exceto qua.), 21h20 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 14h45. CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 15h30 (exceto qua.), 17h30 (exceto qua.), 19h30 (exceto qua.); CINESERCLA TAMBIÁ 5: dub.: 16h30 (qua.), 18h30 (qua.), 20h30 (qua.); CINESERCLA TAMBIÁ 6: dub.: 14h30 (sáb. e dom.), 16h30 (exceto qua.), 18h30 (exceto qua.), 20h30 (exceto qua.). **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 16h30 (qua.), 18h30 (qua.), 20h30 (qua.); CINESERCLA PARTAGE 2: 14h30 (sáb. e dom.), 15h30 (qui.), 16h30 (exceto qui. e qua.), 17h30 (qui.), 18h30 (exceto qui. e qua.), 20h30 (exceto qui. e qua.); CINESERCLA PARTAGE 5: 15h30 (exceto qua.), 17h30 (exceto qua.), 19h30 (exceto qua.).

KASA BRANCA. Brasil, 2025. Dir.: Luciano Vidigal. Elenco: Big Jaum, Teca Pereira, Diego Francisco, Ramon Francisco, Gi Fernandes, Babu Santana, Roberta Rodrigues, Otavio Muller. Drama. Um jovem, sem familiares próximos, assume os cuidados da avó com alzheimer em estágio terminal, com o apoio de dois amigos. 1h35. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: 26/4 (sáb.): 17h; 27/4 (dom.): 15h.

LUIZ MELODIA — NO CORAÇÃO DO BRASIL. Brasil, 2025. Dir.: Alessandra Dorgan. Uma viagem sonora e visual, com materiais raros e inéditos de arquivo, que retrata a vida e obra do grande cantor e compositor brasileiro, Luiz Melodia. 1h15. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: 26/4 (sáb.): 15h.

NAS TERRAS PERDIDAS (*In the Lost Lands*). EUA, Alemanha, Canadá, 2025. Dir.: Paul W. S. Anderson. Elenco: Milla Jovovich, Dave Bautista, Arly Jover. Fantasia. Uma bruxa viaja para as Terras Perdidas em busca de um poder mágico que permite a uma pessoa se transformar em um lobisomem. Uma adaptação de três histórias escritas por George R. R. Martin. 1h42. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 21h30 (exceto qua.).

PECADORES (*Sinners*). EUA, 2025. Dir.: Ryan Coogler. Elenco: Michael B. Jordan, Hailee Steinfeld, Miles Caton. Ação e terror. Dispostos a deixar suas vidas conturbadas para trás, irmãos gêmeos retornam à cidade natal para recomeçar suas vidas do zero, quando descobrem que um mal ainda maior está à espera deles para recebê-los de volta. 2h17. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 15h15 (exceto qua.), 18h30 (exceto qua.), 21h45 (exceto qua.). CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 19h (exceto qua.), 22h (exceto qua.). CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: 20h20; CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 18h20 (qua.); CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: 18h20 (exceto qua.). **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 18h20 (exceto qua.); CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 20h20; CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h20 (qua.).

PELE FINA. Brasil, 2025. Dir.: Arthur Lins. Elenco: Ingrid Trigueiro, Tavinho Teixeira, Mariah Benaglia. Drama. Luísa, uma dramaturga dedicada, embarca em uma viagem para uma praia isolada com sua família enquanto trabalha na adaptação da peça Psicose 4.48, da renomada autora inglesa Sarah Kane. No entanto, o que deveria ser um refúgio criativo se transforma em um mergulho angustiante nos temas sombrios da obra. 1h. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: 27/4 (dom.): 19h

REI DOS REIS (*The King of Kings*)**.** EUA, Coréia da Sul, 2025. Dir.: Seong-ho Jang. Elenco: Pierce Brosnan, Oscar Isaac, Kenneth Branagh. Animação. Um menino imaginativo descobre a fé por meio da história de Jesus Cristo contada por seu pai. 1h42. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 14h30, 16h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 13h30, 15h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h10. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: 16h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h.

SNEAKERS: DE PISANTE NOVO (*Sneakers*)**.** EUA, Índia, Reino Unido. 2025. Dir.: Rob Edwards, Christopher Jenkins. Elenco: MC Jottapê, Anthony Mackie, Christian Malheiros. Animação. Determinado a reencontrar sua irmã, Téo conhece um tênis de rua cheio de atitude. Téo e Beca formam um par de tênis de grife que vive protegido em sua caixa, Edson, o ganha em um sorteio. Quando são roubados, o sonho de Edson é ameaçado. Determinado a reencontrar sua irmã, Téo conhece um tênis de rua cheio de atitude. 1h32. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 13h50 (exceto qua.).

Exposições

CONTINUAÇÃO

CORES QUE FALAM — MANIPULAÇÃO E PERCEPÇÃO. Mostra coletiva das artistas visuais Lola Pinto, Luiza Bié, Maya Oliveira, Nadja Carvalho e Retiel.

João Pessoa: USINA CULTURAL ENERGISA (Rua João Bernardo de Albuquerque, nº 243, Tambiá). Visitação de terça à sexta-feira (das 13h às 18h) e sábado e domingo (das 16h às 22h), até o dia 30 de abril de 2025. Entrada franca.

ENTRE O BARRO E A ALMA. Individual da artista visual Herlene Sá.

João Pessoa: ESPAÇO ARTE BRASIL (no térreo do Liv Mall, Av. Gov. Flávio Ribeiro Coutinho, nº 500, Jardim Oceania). Visitação de segunda-feira a sábado, das 9h às 21h, e sábado e domingo, das 13h às 21h, até 1º de maio de 2025. Entrada franca.

EXPOSIÇÕES ITERINAS NA ESTAÇÃO CABO BRANCO. Espaço expõe diversas mostras com várias temáticas e técnicas.

João Pessoa: ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação de terça à sexta-feira (das 9h às 18h) e sábado e domingo (das 10h às 18h), até o dia 30 de abril de 2025. Entrada franca.

LINHA MOTRIZ. Exposição da artista visual Louise Gusmão mostra o que pode ser produzido por meio da linguagem da arte têxtil.

João Pessoa: CASARÃO 34 (Praça Dom Adauto, Av. Visc. de Pelotas, 34, Roger). Visitação de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h, até 16 de maio de 2025. Entrada franca.

PROCUREI AMOR NO VAZIO E ENCONTREI O ECO DE MIM MESMA. Exposição de Ferdinnande, cujas obras se constroem como uma arqueologia íntima, onde fragmentos da infância, ecos de dogmas e resquícios de anseios não correspondidos são reorganizados para criar novas narrativas sobre si.

João Pessoa: ESPAÇO EXPOSITIVO ALICE VINAGRE (Espaço Cultural — Rampa 1, Mezanino 2 — R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho). Visitação das segundas-feiras aos sábados, das 7h às 22h, e nos domingos e feriados, das 8h às 20h. Até 23 de maio de 2025. Entrada franca.

Espetáculos

CONTINUAÇÃO

REAL CIRCO. Sob a produção dos irmãos Brandão, o espetáculo é uma junção de tecnologia e arte, com atrações inéditas e artistas premiados nos maiores festivais de circo do mundo.

João Pessoa: estrutura montada ao lado do Sam's Club Bessa, na Estrada de Cabedelo, na Grande João Pessoa. Sessões: segunda à sexta-feira (exceto quarta), 20h; fim de semana e feriados, 16h, 18h, 20h30. Ingressos a partir de R$ 20, no site oficial do circo (realcirco.com.br).

MEMORIAL DA DEMOCRACIA

Guardião da resistência na Paraíba

Instalado na Fundação Casa de José Américo, espaço oferece ao público imersão na trajetória de lutas no país

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com



Fotos: Leonardo Ariel

Objetos utilizados, em diferentes épocas eleitorais, chamam a atenção para características...

...que mudaram, como a urna de receptação do voto

A poucos metros da Praia do Cabo Branco, em João Pessoa, funciona um dos espaços mais emblemáticos dedicados à preservação da memória política brasileira: o Memorial da Democracia, instalado na Fundação Casa de José Américo. Inaugurado em 2022, o espaço oferece ao público uma experiência imersiva na trajetória das lutas democráticas no país, com foco especial na resistência à Ditadura Militar e no processo de redemocratização.

Instituído pelo Decreto Estadual nº 33.426, de 31 de outubro de 2012, o memorial tem como objetivo valorizar, preservar e divulgar a história e as memórias relacionadas ao período ditatorial na Paraíba, incluindo os momentos do pré-golpe civil-militar e a transição democrática.

Criado para abrigar o acervo reunido durante as investigações da Comissão Estadual da Verdade, o espaço guarda documentos relativos aos regimes de exceção ocorridos de 1946 a 1988. Também é responsável pela conservação dos arquivos da extinta Delegacia de Ordem Política e Social (Dops), órgão que atuava na vigilância, repressão e tortura de opositores da Ditadura Militar no Brasil.

Pesquisa

Para a coordenadora Fernanda Rocha, o memorial destaca-se como um espaço de resistência e de busca pela verdade, contribuindo para a educação política e a preservação da memória. "É uma oportunidade de reafirmar o nosso compromisso como um lugar de educação, onde também se produz conhecimento. E esse conhecimento precisa ser democratizado", afirma.

Acervo digital

Além da preservação da memória política, o memorial tem investido na digitalização de seu acervo, que, em breve, estará disponível ao público por meio de uma plataforma on-line. A proposta é ampliar o acesso a documentos, imagens, vídeos e materiais raros, permitindo que estudantes, professores, pesquisadores e interessados possam consultá-los diretamente pela internet.

O *site* oficial do Memorial da Democracia, ainda em desenvolvimento, reunirá esse acervo digital, além de exposições virtuais, conteúdos didáticos e linhas do tempo com os principais marcos da história democrática brasileira.

Enquanto a versão digital não é lançada, o memorial segue ativo com exposições presenciais, como a mostra atual dedicada ao período da Ditadura Militar (1964–1985). A exposição apresenta documentos históricos, fotografias, depoimentos e recursos multimídia que contextualizam os anos de repressão, censura e resistência, oferecendo um panorama acessível e impactante desse capítulo da história nacional.

Tecnologia e memória

O visitante encontra no local recursos interativos, como totens digitais, vídeos documentais, linhas do tempo, depoimentos de ex-presos políticos e fotografias raras. Entre os temas abordados, estão o Golpe de 1964, os anos de chumbo, a anistia, o movimento Diretas Já e a promulgação da Constituição de 1988.

"É uma forma de tornar a história mais viva e acessível, principalmente para os jovens que não viveram esse período", avalia a professora de História Márcia Lima, que levou seus alunos do Ensino Médio para uma visita orientada. "Eles saem daqui impactados, mais conscientes da importância da democracia".

Educação e cidadania

A exposição permanente sobre a Ditadura Militar reúne fotografias, documentos, vídeos e objetos que ajudam a contextualizar esse período sombrio da história brasileira. A mostra busca não apenas informar, mas também emocionar e estimular o pensamento crítico. Além das exposições, o espaço realiza atividades educativas como visitas guiadas, oficinas temáticas, rodas de conversa, seminários e projetos com escolas e universidades. Essas ações são voltadas especialmente para estudantes da Educação Básica, universitários e pesquisadores.

"Queremos que esse acervo ajude a formar uma consciência crítica nas novas gerações", reforça Fernanda Rocha.

Histórias na Paraíba

O acervo do memorial reúne histórias impactantes do período ditatorial no estado.

> Além da preservação da memória política, o Memorial tem investido na digitalização de seu acervo para ampliar o acesso

Entre elas, destaca-se a dos camponeses Pedro Inácio de Araújo, o Pedro Fazendeiro, e João Alfredo Dias, conhecido como Nego Fubá. Militantes da Liga Camponesa de Sapé, foram presos em 1964 por militares do 15º Regimento de Infantaria. Após desaparecerem, seus corpos foram encontrados carbonizados nos arredores de Campina Grande. O caso tornou-se símbolo da violência do Estado contra os movimentos sociais.

Outra história marcante é a do estudante João Roberto Borges de Souza, vice-presidente da União Estadual dos Estudantes e aluno de Medicina da UFPB. Preso em 1969, ele foi encontrado morto dias depois, com sinais de tortura, apesar da versão oficial indicar afogamento. Seu nome é lembrado como exemplo da repressão aos movimentos estudantis.

Depoimentos de ex-presos políticos também integram o acervo. São relatos de perseguição, tortura e resistência, reunidos a partir das audiências públicas promovidas pela Comissão Estadual da Verdade. Esses testemunhos ajudam a reconstruir a memória do período e a conscientizar as gerações futuras sobre a importância da democracia.

O olhar de quem viveu

Em uma das salas, o visitante pode ouvir o depoimento de Maria das Dores Ribeiro, ex-presa política, que relembra os dias sombrios do regime. "Aqui, eu me vejo, me reconheço e me sinto respeitada pela primeira vez, em muitos anos".

Uma viagem política

Em várias regiões do país, iniciativas semelhantes buscam resgatar e refletir sobre os períodos autoritários vividos pelo Brasil. O conceito de Memorial da Democracia — presente em São Paulo (mantido pelo Instituto Lula), Pernambuco, Rio Grande do Sul e, mais recentemente, na Paraíba — representa um esforço coletivo de manter viva a história das lutas por liberdade, justiça e cidadania.

Embora com formatos e enfoques variados, esses memoriais compartilham a missão de preservar as marcas da resistência e democratizar o acesso ao conhecimento histórico. Juntos, formam uma rede de lembranças que, entre o regional e o nacional, constrói um mosaico da história recente do país — revelando os horrores da repressão e, sobretudo, a coragem dos que resistiram.

Na Paraíba, o Memorial da Democracia é um dos exemplos mais simbólicos dessa articulação nacional.

Visitação

A entrada é gratuita. O espaço funciona de terça a domingo, das 9h às 17h. Grupos escolares devem agendar previamente. A Fundação Casa de José Américo está localizada na Av. Cabo Branco, nº 3336 — João Pessoa (PB).

Para quem deseja compreender melhor o passado para entender o presente, o Memorial da Democracia é um convite à reflexão sobre os valores que sustentam a liberdade e os direitos civis.



Para a coordenadora Fernanda Rocha, o memorial destaca-se como um espaço de resistência e de busca pela verdade

Petrônio Souto

Encarando a crise, presidente modernizou a Gráfica e investiu na Redação

Gestor enfrentou inflação sem controle, que reajustava o preço de produtos e insumos diariamente, e garantiu empregos e a compra de equipamentos mais tecnológicos para aumentar a produção e atender às demandas do governo

Luiz Carlos Sousa
lulajp@gmail.com

O jornalista Petrônio Souto tem uma história rica com **A União**. Ele foi presidente da empresa em uma época de crise econômica, inflação altíssima, que alterava para cima os preços dos produtos e insumos do jornal — geralmente importados. Mas incentivava as discussões do jornalismo correto com as informações do governo e investiu na compra de impressoras mais modernas. De sua experiência, deixa uma dica para os jovens: "Pra mim, jornalista é sinônimo de repórter. Daria aos jovens repórteres o conselho de Voltaire: 'Não é teu juízo que pedem, mas o relato de um processo que o público deve julgar'". Ao Memórias A União, foi taxativo: "Diante de tudo que vi, ouvi e senti na minha militância como jornalista, aprendi a ter fé cultivando a dúvida".

A entrevista

■ *Como foi que seu caminho cruzou com o d'* ***A União?***

Tive longas e sólidas amizades com Gonzaga Rodrigues, Nathanael Alves, Hélio Zenaide e Agnaldo Almeida, daí meu caminho não poderia ter sido outro, a não ser os papos na sala da Editoria, na Redação da João Amorim. A sala da Editoria de **A União**, na Rua João Amorim, da qual você foi um dos mais ativos frequentadores, ao lado de Sílvio Osias, era, se bem comparo, uma verdadeira ágora da Grécia Antiga. Como cheguei à Direção? Ao que sei, foi o próprio Nathanael Alves, meu antecessor, que me indicou para substituí-lo. Nathanael, já com a saúde bastante debilitada, teria feito o pedido ao governador Burity através de Gonzaga Rodrigues.

■ *Você tinha aproximação com o governador?*

Um fato também pesou na minha nomeação: eu não era uma figura desconhecida para o governador. Fui aluno do então professor Tarcísio Burity, na Faculdade de Direito da UFPB. Foram cinco anos de uma convivência diária. Confesso, sem falsa modéstia, que fui um bom aluno nas três disciplinas que ele ministrou: Introdução à Ciência do Direito, Filosofia do Direito e Sociologia Jurídica. Com a saída do governador Tarcísio Burity para tentar uma vaga na Câmara Federal, ainda se fizeram gestões para minha permanência à frente do cargo, na administração do seu sucessor, Clóvis Bezerra. Mas, entendendo que cada governador não só pode como deve colocar no cargo pessoas rigorosamente afinadas com sua orientação, não aceitei que prosperassem essas tratativas. E, com muito gosto, vi meu colega de Diretoria Etiênio Campos de Araújo ascender ao cargo que procurei exercer com dedicação, honestidade, equilíbrio e profissionalismo.

■ *Como foi o processo de escrituração do terreno onde hoje funcionam as instalações de* **A União***?*

Logo que assumi, verifiquei que A União Cia. Editora, na época sociedade de economia mista, portanto pessoa jurídica de direito privado, já estabelecida no Distrito Industrial de João Pessoa, não tinha o terreno escriturado e devidamente registrado, muito menos o edifício-sede averbado, como manda a lei. Na prática, a empresa não tinha o seu patrimônio imobiliário regularizado. Juntamente com a Companhia de Industrialização do Estado da Paraíba [Cinep], órgão responsável pelos Distritos Industriais, iniciamos o processo de regularização do nosso patrimônio imobiliário, escriturando e registrando, no Cartório Carlos Ulysses, privativo do registro de imóveis da Zona Sul da capital, o terreno onde se localiza até hoje a sede de **A União**, lá no Distrito Industrial. Não me recordo se fizemos a averbação do edifício-sede, providência que dependia de uma ação conjunta com a Suplan [Superintendência de Planejamento], repartição estadual responsável pela construção do nosso edifício-sede.

■ *Que obstáculos você enfrentou àquela época?*

Não foi fácil minha passagem n'**A União**. Eu era um rapaz de 32 anos, encarando situações de muita responsabilidade: suceder Nathanael Alves, um homem íntegro, um exemplo de profissional; honrar a confiança do secretário Gonzaga Rodrigues; dirigir um dos mais antigos jornais do país, com dois encartes diários de serviço público — os Diários Oficial e da Justiça — e, finalmente, administrar uma indústria gráfica, talvez a maior do estado, àquela época.

■ *O mundo vivia mais uma crise econômica?*

Tudo isso ainda sob o efeito da chamada crise do petróleo, em um ambiente inflacionário tão tumultuado que simplesmente não se podia determinar o preço de qualquer coisa, pelo prazo de 24 horas. Quase todo insumo gráfico (papel, chapa, filme, tinta etc.) era importado, dependia do câmbio, da oscilação do dólar americano. A gente fazia um pedido às 10 horas da manhã e, quando voltava do almoço, já encontrava no telex uma comunicação de reajuste. Disse "comunicação de reajuste", expressão usada à época, porque, sabendo que era um insumo básico, essencial, obrigatório, digamos assim, a indústria, normalmente multinacional, detentora do monopólio, não pedia reajuste. Ela simplesmente informava o novo preço, exigindo pagamento imediato, sob pena de não despachar a mercadoria.

■ *A situação da empresa era boa?*

Nos primeiros dias de atuação, após análise cuidadosa do balanço do ano anterior, constatei que a situação da empresa era bastante complicada. Não por culpa dos antecessores, todos homens de bem, experientes, respeitáveis sob todos os aspectos, mas por causa mesmo da conjuntura econômica do país. A clientela, composta quase que totalmente por órgãos públicos e empresas estatais, pagava a todo mundo, menos a **A União**. A cobrança não podia ser feita pelos meios judiciais. Não se podia ao menos protestar títulos vencidos. A verdade é que não dispúnhamos de mecanismos de pressão. As gestões eram mais diplomáticas. Apelávamos para a boa vontade dos nossos devedores, muitas vezes para a amizade pessoal com alguns secretários e dirigentes de órgãos, ou até mesmo, quando a situação começava a beirar o caos, para uma ordem expressa do governador. O jornal era do governo. Até para criticar adversários políticos, a gente ficava "pisando em ovos". Burity deixaria o governo para ser candidato a deputado federal. Estava mais interessado em somar votos. Clóvis Bezerra, que desejava ter algum sossego no mandato-tampão, adotava uma política de não hostilizar os adversários e me fez várias recomendações nesse sentido. De **A União**, ninguém receberia uma única crítica.

"Foi o próprio Nathanael Alves, meu antecessor, que me indicou para substituí-lo na Presidência"

Fotos: Evandro Pereira



Petrônio: "Posso dizer que a convivência com os colegas de trabalho valeu mais do que anos e anos de estudos e leituras"

■ *Era mais para divulgar a agenda positiva do governo?*

De lá não sairia jamais uma denúncia contra alguém. Chapa-branca, a linha editorial, sobretudo o noticiário político, era a famosa "água que não molha, fogo que não queima", apesar de ser muito bem editado por Agnaldo Almeida, que foi sucedido na função por Walter Galvão e Werneck Barreto, excelentes profissionais que se esforçaram para manter o padrão do velho jornal. Enfim, **A União** recebia sempre por último — quando recebia — apenas alguns trocados, quantias muito pequenas, quase simbólicas, em relação ao astronômico crédito acumulado ao longo de vários anos. Na área de pessoal, os sindicatos dos gráficos e dos jornalistas eram muito vigilantes e comunicavam com pontualidade britânica, como se estivessem fazendo uma cobrança, o percentual de reajuste dos salários, fixado pelo Governo Federal, reajustes que, diga-se de passagem, eram praticamente mensais, tal o ritmo da chamada "inflação galopante".

■ *Como encontrou as soluções para funcionar bem, pagar em dia com um cenário desses?*

À empresa só restava operar de qualquer jeito. Nada de demitir, aliviar a folha, reduzir a compra de insumos, economizar energia. Reajustar preços, jamais! Não foi fácil dirigir **A União**. Só ganhei mesmo experiência e cabelos brancos.

■ *Mas houve alegrias com repercussões importantes e prêmios?*

Lembremos de coisas positivas: 1. O Correio das Artes, excelente e tradicional suplemento literário do Jornal **A União**, vence o Prêmio Nacional da APCA [Associação Paulista de Críticos de Arte], na categoria de Melhor Divulgação Cultural em 1981; 2. O Correio das Artes é incluído na Modern Language Association of America, periódico dos Estados Unidos responsável pelo registro das mais importantes publicações culturais do mundo; 3. Uma série de ações concretas visando à melhoria da circulação e da distribuição do jornal. Uma dessas medidas foi a contratação de Chico Ferreira (hoje artista plástico), que fazia excelente trabalho nessa área, no jornal Correio da Paraíba. Sua tarefa era estruturar e dinamizar os mesmos setores em **A União**; 4. Redução da bitola do jornal: deixamos o exemplar de **A União** no modelo *standard*, porém bem mais estreito, com o único objetivo de economizar papel, além de começarmos a usar cor na impressão, inclusive fotos coloridas; 5. Com autorização do governador Tarcísio Burity, empreendemos as indispensáveis ações com vistas a transferir **A União** e a Rádio Tabajara para o local onde hoje funciona o TRE-PB [Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba], na Avenida Princesa Isabel, Centro da capital.

■ *Por que não deu certo?*

O projeto de arquitetura chegou a ser concluído pelo arquiteto Régis Cavalcanti, ficou em maquete, mas a ideia foi abandonada pelos sucessores; 6. Ocorreu em minha modesta gestão, para alegria de jornalistas e gráficos do matutino, um fato deveras curioso que marcou a história do Jornal **A União**. Foi em 14 de maio de 1981, o dia em que **A União** vendeu mais que os jornais O Norte e Correio da Paraíba, colocando nas ruas a edição mancheteando o atentado do turco Ali Agca contra o Papa João Paulo II, na Praça de São Pedro. O jornal divulgou fotos do pontífice baleado sendo conduzido para o hospital; 7. No campo gráfico-editorial, foi reeditada uma obra básica para conhecer a Paraíba sob o domínio holandês: "Descrição Geral da Capitania da Paraíba", de Elias Herckmans

■ *Quanto tempo levou esse processo?*

Ainda bem que pouco tempo. Dirigindo **A União** em circunstâncias tão desfavoráveis, me sentia como um motorista lutando para tirar a carreta do atoleiro. Até fatos pessoais afetaram meu estado de ânimo: minha mãe, dona Severina, veio a falecer, em 9 de junho de 1981. Já havia perdido meu pai, em 23 de dezembro de 1972, mas a morte de minha mãe, que tinha apenas 64 anos e representava muito para mim, me deixou completamente baqueado e acabou interferindo negativamente no meu desempenho, confesso.

■ *Na sua gestão, foram adquiridas novas máquinas e equipamentos. O que motivou esse investimento? Como isso impactou o fazer jornalístico na época?*

Sim, adquirimos duas modernníssimas impressoras rotativas, importadas diretamente da então Alemanha Federal [Alemanha Ocidental], com a intenção de aumentar a produção da gráfica e o faturamento da empresa. Vencemos uma concorrência da Secretaria de Educação [SEC], de valor considerável, na gestão da professora Giselda Navarro, para confecção de vários tipos de impressos destinados à rede estadual de ensino. Soube que **A União** tinha um histórico de atraso nas entregas das encomendas. O investimento nos novos equipamentos foi também no sentido de passarmos a cumprir os prazos contratuais, o que felizmente ocorreu, a partir do contrato com a SEC. Não tenho dúvida de que o investimento nas máquinas melhorou o nosso conceito nos mercados local e regional; passamos a ser realmente competitivos.

■ *Você chegou a enfrentar algum problema, por exemplo, como a quebra da impressora, que quando ocorria tirava o sono de qualquer gestor?*



"Diante do tudo que vi, ouvi e senti como jornalista, aprendi a ter fé cultivando a dúvida"

> **Eu era um rapaz de 32 anos, encarando situações de muita responsabilidade: suceder Nathanael Alves, um homem íntegro, um exemplo de profissional**
>
> Petrônio Souto

Ah, Luiz Carlos, essa situação era uma loucura, um pandemônio, nem é bom falar porque ainda me dá dor de cabeça. A sorte é que tínhamos o grande Joca, na impressão. Se quebrava uma peça, ele fazia uma réplica, lá com os amigos dele, no Distrito Mecânico.

■ *Você sempre defendeu um jornalismo plural dentro de um veículo público. Como era essa busca por diversidade de vozes no jornal? Que exemplos você pode nos trazer?*

Procurei colocar em prática minhas ideias sobre como deveria funcionar um jornal cuja principal tarefa seria ajudar o Governo do Estado a divulgar corretamente suas políticas públicas, suas atividades, sua filosofia política. Mas, ao mesmo tempo, aproveitando o valioso espaço público sob minha orientação, para estimular na sociedade a formação de um ambiente mais aberto, arejado, contemplando as diferenças, as mais diversas manifestações culturais e político-ideológicas.

■ *O jornalismo que você testemunhou em* ***A União*** *— da apuração, checagem, oitiva de todas as versões —, está com os dias contados?*

Comunicação é poder. Não é sem razão que políticos e empresários sonham em ser Chateaubriand ou Roberto Marinho. Faz tempo que os postulados do bom jornalismo viraram figura geométrica. Quem manda mesmo é o *big brother*, figura invisível, mas onipresente.

■ *O país já respira os ventos da chegada da democracia...*

Afinal, no começo dos anos 1980, a abertura política já se desenhava no horizonte do Brasil. O Jornal de Domingo já foi uma criação de Agnaldo Almeida dentro dessa filosofia, dentro desse clima mais ameno, de mais abertura democrática. Basta reler as entrevistas que foram feitas no período.

■ *Para você, qual é o papel de* ***A União*** *como patrimônio cultural da Paraíba?*

Sem dúvida, importante papel nas promoções humana e social de nossa gente.

■ *O jornal tem sido testemunha de muitos episódios históricos. Há algum momento marcante que ficou gravado na sua memória, e que ilustre a importância social do jornal?*

Sim. Não apenas testemunhamos como participamos ativamente do processo de abertura política, na Paraíba. Certamente, leitores, pesquisadores e contemporâneos vão concordar comigo.

■ *Você acompanhou transformações importantes no jornalismo. Como foi lidar com a chegada das novas tecnologias, tanto na produção quanto na difusão de conteúdo?*

Ah, ainda jovem, era naturalmente fascinado pelas novidades. Mas minha empolgação pessoal era ampliada pela enriquecedora convivência com os colegas de trabalho. Fui de uma geração, sobretudo, vibrante! Havia vibração n'**A União** do meu tempo, em todos os setores, notadamente na Redação da Rua João Amorim, como disse, uma espécie de ágora *made in* PB.

■ *E hoje, como você vê esse salto que a tecnologia deu, possibilitando a cada um se transformar num repórter e ter o espaço das redes sociais para se manifestar?*

Sinceramente, Luiz Carlos, vejo tudo isso com o entusiasmo próprio da minha personalidade, mas, ao mesmo tempo, com um certo temor pelo que possa vir por aí. A inteligência artificial, por exemplo, me apresenta um monte de interjeições e de interrogações...

■ *Com o crescimento da internet, muitos decretaram o fim do jornal impresso. Mas vemos o livro em papel voltando com força, e até jornais ganhando novo fôlego. Você acredita que o impresso pode sobreviver?*

Acredito que sim. Os saudosistas são imortais.

■ *O que o papel impresso ainda oferece que o digital não consegue substituir?*

O cheiro. O cheiro é um dos cinco sentidos humanos e é crucial para a nossa percepção do mundo.

■ ***A União*** *é hoje o último impresso da Paraíba. Você acredita que essa plataforma ainda resistirá?*

Objetivamente, rigorosamente, **A União** não é mais um jornal, é um museu, um museu bem cuidado por profissionais muito competentes. Digamos que a Paraíba tem um dos museus mais originais do mundo.

■ *Sou testemunha ocular da história. Você também se preocupou com a prática de esporte entre os funcionários.*

Sim, sim, promovíamos o Torneio das Sucursais, objetivando o congraçamento, a interação entre os colegas funcionários dos vários setores da empresa, na capital, com o pessoal das sucursais do interior. Sempre acreditei no esporte como promotor da amizade e da paz entre as pessoas. Fui atleta do Santos de Tereré e sabíamos que **A União** tinha em seus quadros excelentes atletas. Aliás, no tempo do saudoso Manuel Costeira, desportista e grande diretor de **A União**, o jornal tinha um time de futebol que disputava a Primeira Divisão do Campeonato Paraibano. Portanto, eu estava apenas mantendo uma tradição da casa.

■ *Se estivesse hoje conversando com jovens jornalistas que acabam de entrar em* ***A União****, que conselho ou reflexão você deixaria a eles?*

Pra mim, jornalista é sinônimo de repórter. Daria aos jovens repórteres o conselho de Voltaire: "Não é teu juízo que pedem, mas o relato de um processo que o público deve julgar".

■ *O que ainda inspira você no jornalismo, depois de tantos anos de dedicação?*

Diante do tudo que vi, ouvi e senti na minha militância como jornalista, aprendi a ter fé cultivando a dúvida.

■ *Você poderia citar um aprendizado da convivência com os feras que trabalhavam no jornal?*

Posso dizer que a convivência com os colegas de trabalho valeu mais do que anos e anos de estudos e leituras. Ali eu tinha o que de melhor havia na humanidade. Até hoje sinto saudade.



EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa
EDITORAÇÃO: Lucas Nóbrega

EDITAIS ABERTOS

Novas oportunidades no PI e RN

Ministério Público do Piauí e Emparn oferecem salários de até R$ 9,7 mil; provas estão previstas para o meio do ano

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Para os concurseiros que desejam dobrar as chances de garantir uma vaga no serviço público, dois editais recém-lançados em estados vizinhos merecem atenção. O Ministério Público do Piauí (MPPI) abriu um novo concurso com 30 vagas e salários que ultrapassam os R$ 8 mil. Já a Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte (Emparn) busca técnicos e pesquisadores para áreas estratégicas ligadas a ciência, gestão e inovação, com remunerações que variam de R$ 2 mil a R$ 9,7 mil.

Ambos os certames exigem diferentes níveis de escolaridade e têm provas previstas para o meio do ano. Os resultados definitivos devem sair ainda em 2025, com previsão de publicação em outubro.

Foto: Reprodução/MPPI

Concurso do MPPI será realizado pela Fundação Carlos Chagas; processo seletivo visa a contratação de técnicos ministeriais e analistas de diversas áreas

Vagas

No Piauí, o Ministério Público do estado abriu 30 vagas imediatas, além de formação de cadastro reserva, para cargos de níveis médio e superior. Há oportunidades para técnico ministerial e analistas em áreas como Direito, Medicina, Psicologia, Arquitetura, Engenharia Civil, Contabilidade, Administração, Tecnologia da Informação e Serviço Social. Os salários iniciais variam de R$ 5.407,39 a R$ 8.388,73, com jornada de 30 horas semanais.

Organizado pela Fundação Carlos Chagas, o concurso segue com as inscrições abertas até 23 de maio. Para participar, o candidato deve desembolsar R$ 120 como taxa de inscrição para vagas de nível médio ou R$ 160 para nível superior.

Quanto à avaliação, haverá a aplicação de provas objetiva e dissertativa no dia 27 de julho, em Teresina. No conteúdo programático, constam questões de Língua Portuguesa, legislação, informática, Matemática e conhecimentos específicos de cada área. O concurso terá validade de inicial de dois anos, podendo ser prorrogado por igual período.

Por meio do do *QR Code*, acesse o edital do MPPI

Ciência e inovação

Já no Rio Grande do Norte, a Emparn também está com 16 vagas imediatas e formação de cadastro reserva para cargos de níveis técnico e superior. As oportunidades contemplam áreas estratégicas como Meteorologia, Produção Animal e Vegetal, Aquicultura, Administração, Contabilidade, Gestão de Pessoas, Direito e Assistência Técnica. Os salários variam de R$ 2.184,38 a R$ 9.714,41, com jornada semanal de 40 horas. Além das funções técnicas, há vagas para assistente administrativo e técnico de laboratório. De acordo com o edital, trata-se de uma seleção voltada à inovação no campo e ao fortalecimento das ações de pesquisa agropecuária no estado, com impacto direto na agricultura e na sustentabilidade.

As inscrições para o concurso estão abertas até 8 de maio e devem ser realizadas no *site* do Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e Assistencial Nacional (Idecan). Vale se atentar que, dependendo do cargo, as taxas de inscrição variam de R$ 100 a R$ 150. Já a seleção será feita em três etapas: prova objetiva para todos os candidatos, prova discursiva para os cargos de nível superior e análise de títulos para a função de pesquisador. Todas as provas serão aplicadas no dia 22 de junho e terão questões sobre Língua Portuguesa, Raciocínio Lógico e conhecimentos específicos.

Por meio do *QR Code*, acesse o edital da Emparn

Meteorologista ganha espaço em tempos de crise climática

Prever as oscilações do clima sempre foi importante, mas, hoje, é também uma questão de sobrevivência. Mais do que dizer se vai chover ou fazer sol, o trabalho do "moço do tempo" tornou-se essencial para antecipar riscos e orientar decisões. Com a crise climática em seu ápice e a ocorrência cada vez mais frequente de eventos extremos, como ondas de calor, secas prolongadas e enchentes, é o meteorologista quem transforma dados tão técnicos em alertas acessíveis que impactam diretamente a vida da população. O atual cenário exige respostas rápidas e precisas, demandando do profissional a capacidade de unir análise crítica, didática e pensamento estratégico para dar conta dos desafios que a natureza impõe.

Embora o senso comum ainda associe a meteorologia apenas à previsão do tempo, o campo de atuação desse profissional vai muito além disso. Há oportunidades em órgãos governamentais, empresas privadas, universidades e centros de pesquisa, além de setores que dependem de dados climáticos, como agricultura, aviação e de energia. Como explica Ranyére Nóbrega, professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), o trabalho do meteorologista não se resume aos mapas coloridos que aparecem na televisão. "Ele estuda os fenômenos atmosféricos, analisa dados do tempo e do clima e produz previsões que orientam desde a população até setores como agricultura, aviação, de energia e defesa civil", reforça.

Não por acaso, a rotina desse profissional varia bastante conforme sua área de atuação. Nos centros de previsão, o dia a dia envolve o monitoramento constante de imagens de satélite, radares, modelos numéricos e estações meteorológicas. Já na área de pesquisa, o foco está na análise de bancos de dados climáticos e no desenvolvimento de estudos que ajudam a entender o comportamento da atmosfera a longo prazo. Agora, se ele trabalha em um aeroporto, por exemplo, seu olhar analítico sobre as condições do tempo torna-se fundamental para orientar pousos e decolagens.

Comunicar riscos

Entretanto, com a intensificação dos eventos climáticos, a profissão tornou-se ainda mais desafiadora. Além da precisão técnica, o meteorologista precisa ter a habilidade de interpretar cenários de longo prazo, antecipar problemas e contribuir para a mitigação de riscos. Para Ranyére, isso tudo exige mais do que conhecimento científico. "Transformar dados complexos em mensagens claras para a população e para os gestores públicos, sem gerar pânico, mas garantindo que levem o alerta a sério, é um dos grandes desafios da profissão hoje", afirma.

A previsão de eventos como enchentes e secas exige não só rapidez na interpretação dos dados, como também uma linguagem acessível que ajude na tomada de decisões. Entre as competências esperadas estão trabalho em equipe, domínio de Matemática, Física e Programação, desenvoltura com tecnologia e constante atualização.

Segundo o meteorologista, mesmo com os avanços tecnológicos, os modelos numéricos ainda têm suas limitações, ainda mais quando o objetivo é prever com exatidão a localização e a intensidade desses fenômenos. "Por mais avançados que eles sejam, ainda existem incertezas na previsão de eventos de alta intensidade ou na localização exata. Uma previsão de tempo acima de 10 dias tem baixa precisão, por exemplo", complementa.



Foto: Ranyére Nóbrega /Arquivo pessoal

Profissão exige precisão técnica e habilidade para interpretar cenários a longo prazo

Para atuar na área, é necessário cursar graduação específica, com duração de cinco anos. Ligado às Ciências Exatas, o curso inclui disciplinas como Matemática, Física, Estatística, Programação e Modelagem Computacional. Se você busca uma carreira com base científica, propósito social e muitas possibilidades de atuação, a meteorologia é a escolha certa. Com isto em vista, aproveite o concurso da Emparn para garantir sua vaga no serviço público.

O edital oferece uma vaga para pesquisador na área, com foco em modelagem dinâmica e estocástica em tempo e clima. Para concorrer, é necessário ter diploma em Meteorologia ou áreas correlatas, como Ciências Atmosféricas, Geociências ou Geofísica. A jornada é de 40 horas semanais, e o salário pode chegar a R$ 9,7 mil.

Área de atuação profissional é ampla e abrange previsão, pesquisa e análise das condições do tempo

Selic	Salário mínimo	Dólar $ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina	Inflação	Ibovespa
Fixado em 19 de março de 2025 14,25%	R$ 1.518	-0,08% R$ 5,687	-0,26% R$ 6,463	+0,05% R$ 7,577	IPCA do IBGE (em %) Março/2025 0,56 Fevereiro/2025 1,31 Janeiro/2025 0,16 Dezembro/2024 0,52 Novembro/2024 0,39	134.840 pts +0,19%

HOTÉIS E RESTAURANTES

Feriado prolongado aquece setor turístico

Alguns estabelecimentos chegaram a ter aumento de até 30% no faturamento

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com



Foto: Divulgação/Nonino Gastronomia



O restaurante Nonino Gastronomia preparou-se e conseguiu atrair um fluxo intenso de consumidores no fim de semana

A proximidade entre as datas dos feriados da Páscoa e de Tiradentes criou, neste ano, um feriado prolongado com quatro dias, somando o fim de semana passado. Os últimos anos em que isso aconteceu com essas datas foram 2003 e 2014. Com um período mais extenso de folga para muitos trabalhadores e estudantes, setores como o turístico e o de hospitalidade, incluindo os restaurantes, bares e hotéis, tendem a ser impactados positivamente.

De acordo com a presidente da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel) na Paraíba, Thâmara Cavalcanti, durante o feriadão, os bares e os restaurantes do estado, especialmente em João Pessoa e nos principais destinos turísticos do interior, registraram desempenho positivo. “Houve um aumento significativo no movimento, tanto em relação a um fim de semana comum quanto ao próprio feriado do ano passado”.

Em comparação com fins de semana regulares, o crescimento de vendas ficou estimado de 18% a 25% em todo o estado. Já em relação ao feriado prolongado de 2024, também foi obtido um desempenho superior: em média, as vendas subiram de 8% a 12%, em 2025. “O cenário foi favorecido pelo fato de a quinta-feira ter sido ponto facultativo e a segunda-feira, feriado, o que deu aos consumidores um período mais longo de lazer, ampliando o fluxo nos estabelecimentos”, explica.

As expectativas do setor eram de um aumento de 15% a 20% em relação ao fluxo normal. “Podemos afirmar que, em muitos casos, o resultado ficou acima do previsto”. De acordo com a representante da Abrasel, os restaurantes localizados nas áreas de maior concentração turística chegaram a registrar picos de 30% de aumento no faturamento, superando, inclusive, os números do feriadão do ano passado.

No interior, cidades como Bananeiras e Campina Grande também se destacaram, bem como as demais localidades que aproveitaram o calendário com eventos e atrativos locais. “Apesar de alguns desafios operacionais, como a necessidade de reforço de equipe e o aumento dos custos, o saldo foi amplamente positivo, renovando a confiança do setor para o restante do ano”, avaliou Thâmara Cavalcanti.

Dentre os restaurantes da capital, o desempenho com relação ao volume de clientes variou de acordo com fatores, como a localização do estabelecimento. De acordo com Heloísa Nonino, diretora de um grupo que comanda três restaurantes na cidade, de modo geral, durante o feriado houve boa resposta do público, especialmente nos empreendimentos mais conectados ao roteiro turístico da cidade.

“Localizado na orla do Cabo Branco, o restaurante Nonino Gastronomia, conseguiu atrair um fluxo intenso, beneficiado tanto pela localização privilegiada quanto pela presença do público turístico”, apontou Heloísa. Um outro restaurante da rede, Limone & Capperi, que tem um perfil mais voltado ao público local e menos dependente do turismo, apresentou, de acordo com a gestora, um movimento mais tranquilo, porém constante.

Atratividade turística beneficiou rede hoteleira

O Aeroporto Internacional Castro Pinto, na Região Metropolitana de João Pessoa, apareceu como o quarto mais movimentado entre os 17 aeródromos administrados pela Aena Brasil, durante o feriado prolongado da Semana Santa e Tiradentes. Conforme dados divulgados pela concessionária, estavam previstos 182 voos e 32.648 assentos ofertados no terminal paraibano ao longo do feriadão.

Esse fluxo maior de visitantes reforça o crescente interesse pela Paraíba como destino turístico, especialmente em períodos de folga prolongada. Repetindo a procura registrada, principalmente na capital, a estimativa da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis da Paraíba (ABIH-PB) para o nível de ocupação da rede hoteleira associada foi de 91,44%.

De acordo com o presidente da associação, Gustavo Paulo Neto, o perfil dos hóspedes nessas ocasiões é majoritariamente regional, tanto do interior do estado, quanto de capitais de estados vizinhos. “Essa ocupação nos feriados prolongados, contribui de maneira muito importante para a movimentação de toda a cadeia produtiva do turismo, engajando diferentes segmentos da economia local, gerando emprego e renda, e atraindo divisas”.

Consumo nos mercados ficou aquém do estimado

Por outro lado, esse padrão de ascendente de desempenho não foi observado pelos supermercados. De acordo com o presidente da Associação de Supermercados da Paraíba (ASPB), Cícero Bernardo da Silva, em comparação ao mesmo período no ano passado, dos dias — entre a quinta-feira e o domingo de páscoa—, o crescimento das vendas ficou em 5,25%. “Era esperado um crescimento de 15% nas vendas do setor, ficando bem abaixo da expectativa”, avalia.

O presidente da associação apontou que, dentre os fatores que podem ter impactado esse contexto, está o fato de os artigos mais procurados nesse período sofrerem influência direta do câmbio, o que mantém os preços afetados pela inflação e, portanto, mais elevados. “Diante de um poder de compra reduzido, a população em média consumiu menos. Várias redes apresentaram sobras dos produtos de época como chocolates, vinhos, bacalhau e azeite de oliva”.

Outro fator que pode ter influenciado o desempenho de vendas do setor, de acordo com Cícero, foi o próprio feriado prolongado, que levou parte do público local ao interior do estado e outros destinos. Em detrimento dos setores turístico e de hospitalidade, que incluem hotéis, bares e restaurantes, por exemplo, os supermercados varejistas têm como público consumidor majoritário residentes da cidade. Por esse motivo, não são expressivamente beneficiados pelo aquecimento do turismo.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Colaborador

A indústria que falta em João Pessoa

João Pessoa e Teresina (PI) compartilham características que tornam a comparação entre elas relevante. Ambas são capitais nordestinas, com populações semelhantes — João Pessoa com 888.679 habitantes e Teresina com 902.644, segundo estimativas de 2024 — e nenhuma delas possui porto marítimo ativo em seus territórios. Mesmo assim, cada uma trilhou caminhos distintos em relação ao setor industrial. Essa diferença, mais do que estrutural, revela escolhas de longo prazo que influenciam diretamente o perfil econômico e o potencial de crescimento de cada cidade.

Nos últimos cinco anos, João Pessoa teve um desempenho expressivo no mercado de trabalho formal. O crescimento médio anual foi de 4,69%, puxado por setores como Serviços, Construção civil e Comércio. No entanto, a participação da indústria foi modesta: apenas 1,10% do saldo total de empregos gerados entre 2020 e 2024. Em outras palavras, de cada 100 novos postos de trabalho, apenas um veio da indústria. Já Teresina, mesmo com crescimento geral menor (3,21%), viu sua indústria representar 7,93% do saldo de empregos no mesmo período, com crescimento industrial médio de 2,67% ao ano.

A presença da indústria no estoque de trabalhadores também ilustra essa diferença. Em João Pessoa, a participação caiu de 9,17%, em 2020, para 7,78%, em 2024. Em Teresina, ao contrário, a indústria avançou, consolidando-se como um setor estratégico na composição da economia local. Se João Pessoa já demonstra força mesmo com baixa contribuição industrial, quanto mais poderia avançar com uma indústria mais ativa, estruturada e conectada ao seu potencial?

> **João Pessoa não precisa competir com grandes polos industriais, mas pode construir sua própria estratégia**
>
> Amadeu Fonseca

Do ponto de vista logístico, João Pessoa não encontra barreiras. A cidade está a apenas 25,3 km do Porto de Cabedelo, a 117 km do Complexo de Suape (PE) e a 182 km do Porto de Natal (RN). Conta ainda com rodovias duplicadas (BR-101 e BR-230), energia estável, gás natural, cobertura digital ampla e mão de obra qualificada. O que limita sua capacidade de atrair grandes plantas industriais não é a localização, mas sim a estrutura física: os distritos industriais precisam de requalificação e planejamento, e há pouca área urbana disponível para empreendimentos de grande porte.

Teresina, dispõe de mais espaço físico e menor pressão imobiliária, o que facilita a expansão industrial. Mas João Pessoa tem vantagens únicas: vocação em serviços, construção civil aquecida, instituições de ensino técnico e superior consolidadas, além de acesso a incentivos da Sudene e ao crédito de longo prazo do FNE. O que falta é integrar essas forças em uma política industrial moderna, capaz de fortalecer cadeias locais — como a de materiais de construção, alimentos processados e manufatura leve.

Mais do que um diagnóstico, este texto é um convite à reflexão. João Pessoa não precisa competir com grandes polos industriais, mas pode — e deve — construir sua própria estratégia. Uma estratégia inteligente, conectada às vocações locais e capaz de transformar o que já funciona bem em motores de produção, inovação e complexidade econômica. O futuro da cidade será mais sólido se a indústria fizer parte dele.

BRASIL E CHILE

Projeto dobra comércio entre países

Corredor Bioceânico é considerado fundamental para relações bilaterais e acesso a mercados do Pacífico

Fernanda Louise
Agência CNI


Foto: Iano Andrade/CNI

Relação comercial sólida: Brasil é o principal destino das exportações chilenas na região, já o Chile é o terceiro maior mercado para os produtos brasileiros

O Corredor Bioceânico, projeto que conectará o sul do Brasil ao norte do Chile por uma estrada de mais de 2,4 mil km, pode dobrar a corrente de comércio entre os países, de acordo com a ministra brasileira de Planejamento e Orçamento, Simone Tebet.

Durante mesa-redonda sobre o corredor na Confederação Nacional da indústria (CNI), na quarta-feira (23), a representante do governo brasileiro e o presidente do Chile, Gabriel Boric, afirmaram que a iniciativa é prioridade e contribuirá para a redução de custos e maior integração entre os países.

A ministra Simone Tebet falou sobre os esforços do governo brasileiro para avançar com o projeto do Corredor Bioceânico, que há anos está em discussão e precisava de atenção.

"Vejo o quanto estamos de costas para a América do sul e vice-versa e, com isso, temos condições de dobrar as importações e exportações. É uma pena estarmos tão atrasados nas rotas de integração, mas agora estaremos definitivamente integrados", afirmou.

De acordo com Tebet, o projeto de integração já dá sinais de eficácia e sua conclusão promoverá mudanças significativas nas rotas de comércio, com expectativa de dobrar a corrente de comércio entre Brasil e Chile.

A ministra lembrou que o ponto pendente para a rota estratégica em construção, a Ponte da Bioceânica que liga Porto Murtinho, no Brasil, a Carmelo Peralta, no Paraguai, está quase 70% concluída e deve ser inaugurada em maio de 2026.

Já o chefe de Estado chileno ressaltou que o projeto não é de uma região ou país em particular, mas uma iniciativa estratégica para redução significativa do tempo de transporte de cargas dos trens do interior do Brasil e do Paraguai até os mercados da Ásia-Pacífico.

"Em vez de atravessar o Canal do Panamá, que sabemos estar com congestionamentos importantes — também devido à crise climática e à falta de água —, vamos criar uma rota. E o que isso vai provocar? Vamos conectar o Pantanal com o deserto do Atacama, dois ecossistemas únicos no planeta. Isso não é só comércio", explicou.

Boric afirmou que o Chile vai responder o momento de instabilidade geopolítica global com mais integração.

"Vamos continuar avançando, conversando, vamos fazer isso nos integrando regionalmente, na nossa América do Sul, com as nossas regiões. Por isso, precisamos continuar trabalhando firmemente para facilitar os processos aduaneiros, promover investimentos cruzados e melhorar a logística em toda a cadeia", disse Boric.

Desenvolvimento

Na abertura do encontro, o superintendente de Relações Internacionais da CNI, Frederico Lamego, reforçou a relevância do Corredor Bioceânico para a indústria e citou os benefícios significativos que a iniciativa promoverá para o setor, como aumento de competitividade, redução de custos logísticos, diversificação de rotas de exportação e promoção do desenvolvimento econômico e integração regional.

"A união de esforços do setor produtivo e do Poder Público é essencial para a integração logística e econômica da América Latina. Estamos certos de que o Corredor Bioceânico será concluído e abrirá muitas oportunidades para as nossas empresas", comemorou Lamego.

Parceiros

O Brasil e o Chile são parceiros econômicos estratégicos na América Latina e têm relação comercial sólida e em expansão: enquanto o Brasil é o principal destino das exportações chilenas na região, o Chile é o terceiro maior mercado para os produtos brasileiros. Ao longo das últimas décadas, os países aprofundaram seus vínculos por meio da modernização de acordos comerciais, criando uma base robusta para a integração econômica.

O Chile é o sétimo maior parceiro comercial do Brasil e representa 2,1% da corrente de comércio brasileira. Em 2024, o intercâmbio comercial entre os dois países somou US$ 11,7 bilhões, sendo US$ 6,7 bilhões em exportações brasileiras para o Chile e US$ 5 bilhões em importações. A indústria da transformação tem papel relevante: na última década, o setor produtivo representou 69,8% das exportações do Brasil para o Chile e 64,8% das importações brasileiras de produtos chilenos. Os dados são de um levantamento feito pela CNI com base em estatísticas do Comex Stat.

> **Vamos conectar o Pantanal com o deserto do Atacama, dois ecossistemas únicos no planeta**
>
> Gabriel Boric

Saiba Mais

Confira os principais benefícios do projeto para a indústria brasileira:

• **Redução de custos logísticos:** um dos principais gargalos para a indústria brasileira é o alto custo de transporte. O Corredor Bioceânico promete reduzir significativamente as distâncias e os tempos de viagem para alcançar os mercados do Pacífico, especialmente a Ásia, que são grandes consumidores de produtos brasileiros. Distâncias menores diminuem o consumo de combustível, os gastos com pedágios e outros custos operacionais;

• **Aumento da competitividade:** ao diminuir os custos logísticos, o Corredor torna os produtos industriais brasileiros mais acessíveis e com preços mais competitivos nos mercados do Pacífico. Isso pode abrir novas oportunidades de exportação para diversos setores da indústria de transformação, que representam uma parcela significativa das vendas do Brasil para o Chile;

• **Diversificação das rotas de exportação:** atualmente, grande parte das exportações brasileiras para a Ásia depende de percursos marítimos longos pelo Oceano Atlântico, passando pelo sul da África ou pelo Canal do Panamá. O Corredor Bioceânico oferece uma alternativa mais direta e rápida, diversificando as opções logísticas e reduzindo a dependência de caminhos tradicionais que podem estar sujeitas a congestionamentos ou instabilidades geopolíticas;

• **Integração regional e novos mercados:** além de facilitar o acesso ao Pacífico, o corredor fortalece a integração econômica do Brasil com países vizinhos, como Paraguai, Argentina e Chile. Isso deve estimular o comércio bilateral e multilateral, criando possibilidades de negócios e oportunidades para o desenvolvimento de cadeias regionais de valor;

• **Desenvolvimento da infraestrutura:** o Corredor Bioceânico impulsiona investimentos em infraestrutura ao longo de seu trajeto, incluindo a construção e a melhoria de estradas, pontes, portos secos e outras instalações logísticas, beneficiando as empresas exportadoras, e indústrias e comunidades localizadas nas áreas próximas;

• **Criação de empregos e renda:** o dinamismo econômico promovido pelo Corredor na indústria e nos setores de transporte e logística deve criar empregos e aumentar a renda nas regiões envolvidas pelo projeto;

• **Alinhamento com a estratégia de comércio exterior:** o apoio ao Corredor Bioceânico está alinhado com a estratégia da CNI de promover a internacionalização da indústria brasileira e a expansão das nossas exportações para mercados dinâmicos e em crescimento, como os asiáticos.



Foto: Iano Andrade/CNI

Segundo Tebet, o projeto de integração já dá sinais de eficácia e promoverá mudanças significativas nas rotas de comércio

EQUADOR E PARAGUAI

Paraíba integra rodada de negócios

Empresa participante de projeto de qualificação do Estado está entre selecionadas do "Jornada Exportadora"

Ascom Secties

Uma fabricante de calçados da Paraíba, participante do projeto Qualificação para Exportação – Paraíba sem Fronteiras (QualiExporta PBsF), realizado pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), está entre as 20 selecionadas para a segunda edição do programa Jornada Exportadora. A iniciativa é da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil), com apoio do Sebrae, e levará a empresa a participar de rodadas de negócios e visitas técnicas no Equador e no Paraguai.

As atividades com as empresas locais inscritas no QualiExporta PBsF iniciaram neste ano, por meio da criação do Programa Paraíba sem Fronteiras pela Lei nº 12.959/2023, que visa promover a internacionalização da ciência, tecnologia, inovação e Ensino Superior no estado. O projeto faz parte do PBsF e foi instituído pela Portaria do QualiExporta PBsF, com o objetivo de fortalecer as estratégias de crescimento econômico do estado da Paraíba, alinhando-se ao Plano de Governo do governador João Azevêdo. A iniciativa se concentra, inicialmente, em setores estratégicos, como agroindústria, moda, tecnologia da informação, economia criativa e *games*, setores que apresentam alto potencial para a internacionalização. Por meio de apoio especializado e ações diretas, o projeto busca fomentar a competitividade e a inovação dessas empresas, além de aumentar suas capacidades de exportação.

Apoio

As atividades com as empresas locais inscritas no QualiExporta PBsF começaram neste ano, por meio da criação do Programa Paraíba sem Fronteiras

O estado da Paraíba apresenta oportunidades de exportação ainda pouco ou não exploradas, particularmente nas áreas da indústria de transformação e tecnologia e inovação, conforme evidenciam dados da ApexBrasil, com base em fontes estaduais e federais (MDIC/ComexStat, 2020). O QualiExporta PBsF está estruturado para atuar inicialmente em áreas-chave, mas prevê sua expansão para abarcar outros setores estratégicos da economia estadual.

Esta é a primeira edição do projeto, que tem como objetivo qualificar empresas paraibanas para o comércio internacional. Por meio do Governo da Paraíba, o QualiExporta oferece orientação profissional e capacitação em temas fundamentais do comércio exterior, além de apoio para aproveitar oportunidades específicas — como foi o caso da empresa Samara Calçados. Em maio, a marca representará a Paraíba em uma missão comercial internacional, com reuniões e visitas técnicas no Equador e no Paraguai.

"O projeto QualiExporta é fundamental para o estado da Paraíba. Dentro do Paraíba sem Fronteiras, ele atua como um braço estratégico voltado à competitividade das empresas que desejam exportar. Promover a cultura exportadora é uma das grandes metas do Governo João Azevêdo. A participação da Samara Calçados nessa missão comercial mostra como o treinamento oferecido tem gerado resultados concretos, capacitando nossos empresários a alcançar mercados internacionais com produtos de alta qualidade", destacou o secretário da Secties, Claudio Furtado.



Fotos: Mateus de Medeiros/Secties

Samara Calçados representará a Paraíba em missão internacional, com reuniões e visitas técnicas no Equador e no Paraguai

O QualiExporta PBsF é voltado para pequenas e médias empresas e *startups* paraibanas. De acordo com a coordenadora do projeto, Márcia Paixão — professora e pesquisadora do Departamento de Economia da UFPB —, participam desta edição 20 empresas dos seguintes setores: oito de cachaça, três de vestuário, duas de calçados e acessórios, uma têxtil, duas de alimentos e bebidas, três de TI e *games*, e uma de artesanato.

Segundo estudos realizados pelo projeto, os principais destinos das exportações paraibanas em 2024 foram a Europa (30%), Estados Unidos (22%), Canadá (11%) e China (6,4%). Ainda há uma forte concentração em poucos produtos, como açúcar (49%), calçados de borracha (25%), sucos de frutas (9,2%), pedra/areia/cascalho (5,2%), frutas (3,2%) e outros (6,2%). No entanto, o QualiExporta também identifica oportunidades em novos segmentos, como pedras preciosas, conservas, materiais plásticos, minerais não metálicos, produtos alimentícios, lavoura temporária e aquicultura.

QualiExporta PBsF já fez 100 atendimentos só neste ano

Desde janeiro deste ano, a equipe do QualiExporta PBsF já realizou cerca de 100 atendimentos, com planos de trabalho individualizados conforme o perfil de cada empresa — seja iniciante ou pré-qualificada pelo Peiex/ApexBrasil. Os planos contemplam temas como inteligência comercial, *marketing* internacional, logística e aspectos jurídicos e administrativos da exportação.

Com esse suporte, três empresas foram assessoradas para se inscreverem em oportunidades internacionais da ApexBrasil: duas para rodadas de negócios (dos setores de TI e alimentos) e uma para missão empresarial — a Samara Calçados.

"Para concorrer a essas oportunidades, as empresas foram incentivadas e apoiadas pela equipe para providenciar materiais de comunicação em outros idiomas e tabela de preços para exportação. Para duas delas, a equipe executora gerou uma versão preliminar de fôlder em inglês, espanhol e português, e as empresas já providenciaram seus *sites* também em idiomas [estrangeiros], inclusive uma delas com profissional local de TI indicado pelo projeto", informa Márcia Paixão.

Além disso, uma empresa já começou a divulgar duas de suas marcas em idiomas estrangeiros e busca consultoria contábil-financeira para precificação internacional. Outra está em processo de registro de marca, elemento importante para proteger e valorizar o negócio da empresa. Mais cinco empresas (de cachaça, alimentos, moda, TI e *games*) informaram estar se preparando para novas oportunidades da ApexBrasil, motivadas pelo projeto.

■ Os planos contemplam temas como inteligência comercial, *marketing* internacional, logística, e aspectos jurídicos



O trabalho executado na fabricação dos produtos é minucioso, requer detalhes e cuidados especiais na confecção

Meta atual é a abertura para novos mercados

A participação na Jornada Exportadora representa um avanço para as empresas envolvidas, promovendo crescimento técnico e profissional. Karol Saad, diretora da Samara Calçados, relata que, com o apoio do QualiExporta, retomou os planos de exportação da empresa. Ela conta que a empresa foi fundada em 1977 e passou por um período de produção intensa por causa de negócios de exportação. A pessoa que gerenciava o processo na época precisou se afastar por problemas de saúde e os negócios internacionais não foram renovados.

A empresa seguiu seu percurso no mercado nacional e, hoje, Karol Saad retoma o leme das exportações com uma energia que a impulsionou a abrir mercados no exterior novamente: "Só participei da seleção do Jornada Exportadora por causa do projeto QualiExporta. Foi a equipe técnica que enviou a notícia do edital e esteve conosco em todas as etapas da seleção", ressaltou Karol.

A Samara Calçados, que também opera a marca PimPoPé, já atua em todo o Brasil por meio de representantes comerciais e vendas B2B on-line. Agora, projeta crescimento com as negociações internacionais. "Nós temos maquinário e espaço físico. O que realmente faltava era o conhecimento acerca dos processos de exportação, uma mentalidade que se perdeu aqui na empresa", ressaltou a diretora.

Hoje, as duas marcas já têm presença digital em três idiomas. "Também contamos com a assessoria do QualiExporta na parte de redes sociais e catálogos. E estamos trabalhando nas questões de precificação internacional, operações de logística e até condutas como postura, apresentação", concluiu.

■ A Samara Calçados, que também opera a marca PimPoPé, já atua em todo o Brasil

AGRESSÃO AO MEIO AMBIENTE

Ação humana afeta reservas urbanas

Barreira do Altiplano e Mata do Buraquinho estão entre locais verdes de João Pessoa com sinais de degradação

Emerson da Cunha
emersoncsousa@gmail.com

São muitos os caminhos que atravessam a Rua Edvaldo Bezerra Cavalcanti Pinho, paralela à beira-mar do Cabo Branco. Serve para quem desce as falésias em direção aos demais bairros da costa, para quem faz o retorno da orla, para quem trafega pelas chamadas Ladeiras da Barreira. É nesse trecho que se localiza a Barreira do Altiplano, falésia composta de bioma da Mata Atlântica que se estende por cerca de 4 km. No entanto, além da beleza da mata, quem passa por esse caminho também tem se deparado com áreas descobertas, clareiras abertas, incêndios e lixo.

Quem mora ou trabalha na região percebe. É o caso de Míriam Henriques, trabalhadora doméstica há mais de 20 anos. Ela conta que, do outro lado da barreira, há casas e condomínios e que as pessoas que trabalham nesses locais passam por dentro da mata para cortar caminho. "Empregada doméstica, muita gente que trabalha em cima, desce às 16h, 17h e 18h. Desce todo tipo de gente, gente boa, gente do mal", coloca Henriques. Segundo Míriam, mesmo as tentativas de cercear a mata fracassaram. "Colocaram esse arame, fizeram a cerca, mas o pessoal quebra para subir e descer. As meninas de programa ficam em cima também, sobem essa mata, para acesso ao outro lado da pista", complementa.

A Secretaria de Meio de Ambiente de João Pessoa (Semam-JP), um dos órgãos responsáveis pela manutenção da Barreira do Altiplano, junto à Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), órgão estadual, confirma o colocado pela trabalhadora: as clareiras abertas e o cercamento danificado ocorrem devido ao acesso irregular de pessoas, ao vandalismo e à falta de conscientização sobre a preservação da vegetação, sobretudo na área, que desempenha importante papel contra erosão da encosta.

"A Semam entende a gravidade do problema e vem realizando fiscalizações constantes, notificações a responsáveis e campanhas educativas para conscientização. Entre 2023 e 2024, foram aplicadas multas relacionadas ao dano ao patrimônio público e ambiental nessa região", explica o secretário da pasta, Welison Silveira.

Os incêndios também têm sido comuns. No dia em que a reportagem d'**A União** fez a visita à região, outra trabalhadora doméstica, Silvanildes da Silva, relatou ter visto um havia pouco tempo. "Além das clareiras das matas, o pessoal que entra ainda toca fogo. Tinha fumaça hoje, às 13h. Uma fumaceira danada. De vez em quando, é comum ter incêndios".

Para Míriam, o cenário mudou com o tempo. "Sempre foi mata bem fechada. Não era como essa mata aberta, mas o pessoal também tocou muito fogo. No verão, o pessoal, não sei se é criminoso ou sem querer, joga cigarro, várias vezes chamamos os bombeiros. Os buracos todos são incêndios que acontecem. Quando está chovendo, ela fica verdinha. Quando está no verão mesmo, fica seca e aberta", aponta.

Em relação às queimadas, pode haver vetores naturais, mas a ação humana é considerável. "As queimadas podem ter causas naturais, especialmente em períodos secos prolongados. Contudo, uma parcela significativa dos focos de incêndio é resultado da ação humana, principalmente relacionada à prática ilegal de limpeza de terrenos e ao descarte irregular de resíduos", explica Silveira.



Sempre foi mata bem fechada. Não era como essa mata aberta, mas o pessoal também tocou muito fogo

Míriam Henriques

Refúgio da vida silvestre

Outro ponto de mata em área de preservação ambiental na cidade que também tem sofrido com a ação humana é o Refúgio de Vida Silvestre Mata do Buraquinho, de gestão estadual, por meio da Sudema. Ao longo do trecho lateral à BR-101, é possível ver uma série de árvores derrubadas ou cortadas e o cercamento com estacas e arames visivelmente prejudicados, com partes quebradas e abertas e arames arrancados. A vegetação seca da borda da mata contrapõe-se ao verde escuro da floresta mais adentro.

O gestor do refúgio, Bruno Assis, reconhece que o local "enfrenta diversos tipos de desafios, como invasões, desmatamento e degradação de sua área original, alguns locais se tornando pontos de descarte inadequado de resíduos sólidos por parte da população".

Ainda segundo Assis, são desenvolvidas ações de preservação e recuperação dessas áreas verdes, monitorando atividades irregulares e promovendo a conservação dos ecossistemas locais. "O órgão também busca permanentemente o fortalecimento da fiscalização, reparo das estruturas de proteção e programas de educação ambiental para sensibilizar a população sobre a importância da preservação", aponta o gestor.

Fotos: Carlos Rodrigo



Mata do Buraquinho é alvo do descarte irregular de lixo e do desmatamento



Poluição compromete integridade ecológica do espaço de preservação



Atos de vandalismo depredam os materiais usados na cerca da Barreira do Altiplano

Prejuízos

A abertura de clareiras, extração ilegal de madeira e queimadas comprometem a integridade ecológica das áreas de preservação, resultando em perda de biodiversidade, fragmentação de hábitats e degradação do solo, como avalia Assis. "Além disso, traz prejuízos à sociedade pela redução dos serviços ecossistêmicos, como regulação do clima, purificação do ar e água, além de diminuir sua resiliência frente a mudanças ambientais. A degradação contínua pode levar à perda irreversível desses ecossistemas, afetando negativamente a qualidade de vida das comunidades locais e a sustentabilidade ambiental da região", coloca.

Quem cuida?

A Barreira do Altiplano é considerada Área de Preservação Permanente (APP), conforme artigo 4º da Lei Federal nº 12.651/2012 (Código Florestal Brasileiro), por apresentar características específicas, como declividade acentuada, representando a borda do tabuleiro costeiro. Além disso, no plano municipal, trata-se de uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável. A manutenção e a conservação de suas condições ambientais são de responsabilidade do município, por meio da Semam-JP, e do estado, por meio da Sudema, junto à colaboração de proprietários de terrenos particulares na região, quando cabível.

A Mata do Buraquinho, por sua vez, é uma área de mais de 500 hectares de Mata Atlântica, considerada Unidade de Conservação Estadual de Proteção Integral, com gestão da Sudema. Foi declarada área de preservação permanente em 1989 e, em 2014, foi transformada em refúgio de vida silvestre.

Sudema e Seman-JP realizam fiscalizações continuamente e promovem ações para recuperação das áreas deterioradas



Todo tipo de resíduo é encontrado nas áreas de proteção ambiental que estão no espaço urbano da capital do estado

Saiba Mais

Crime ambiental e penalizações

- Ações como a ocupação irregular e a retirada de vegetação, por se tratar a barreira de uma APP, configuram crimes ambientais, de acordo com o artigo 38 da Lei nº 9.605/1998 (Lei de Crimes Ambientais), e infração ambiental, pelo Decreto Estadual da Paraíba nº 44.889/2024, estando o criminoso ou criminosa sujeitos a multas administrativas, embargo de atividades, reparação ambiental obrigatória e, até mesmo, a sanções penais, com possibilidade de detenção ou reclusão dependendo da gravidade do dano causado.
- Além disso, o decreto estadual reforça as penalidades aplicáveis a infrações ambientais, prevendo medidas mais rígidas para coibir o desmatamento, ocupação irregular e degradação de áreas protegidas. Denúncias sobre crimes e infrações ambientais podem ser feitas para a Semam, por meio do aplicativo João Pessoa na Palma da Mão, e para a Sudema, por meio dos números 3690-1986 e 98814-7699 e do email ouvidoria@sudema.pb.gov.br.

BOTAFOGO-PB X ABC-RN

Belo joga para se manter no G8

Jogo acontece no Estádio Almeidão, a partir das 19h, e tem validade pela terceira rodada do Campeonato Brasileiro Série C



Foto: Divulgação/Botafogo-PB

Jogadores do Botafogo-PB, em atividade na Maravilha do Contorno, visando o jogo contra o ABC-RN

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Botafogo-PB enfrenta, hoje, às 19h, no Almeidão, o ABC-RN, pela terceira rodada do Campeonato Brasileiro Série C. Nas duas primeiras partidas da competição, o Belo somou quatro pontos, contra Confiança-SE e Náutico-PE. No confronto desta tarde, os clube pessoense busca manter o 100% de aproveitamento jogando diante do seu torcedor.

"É um jogo importante. Principalmente quando se joga no Almeidão, é preciso fazer o dever de casa. Espero que a gente possa fazer uma boa apresentação, até pelo que nós fizemos durante a semana. Ou seja, um trabalho bem-feito, os jogadores se empenhando, tentando melhorar, tentando entender o mais rápido possível o que nós queremos", ressaltou Antônio Carlos Zago.

Diante o ABC-RN, o Belo vai encontrar muitas caras conhecidas. A equipe potiguar é comandada por Evaristo Piza, que esteve no Botafogo-PB na temporada passada e tem um histórico vitorioso pelo clube pessoense. Além disso, jogam, pelo time de Natal (RN), Bruno Leite, Danilo Mariotto, Joãozinho e Lucas Gonçalves. Diante de seus ex-atletas, a agremiação da Maravilha do Contorno busca vencer para se manter no G8 da competição.

Lado rival

O ABC-RN somou apenas dois pontos nas duas primeiras rodadas: o clube empatou por 1 a 1 nas suas duas jornadas do torneio, contra São Bernardo-SP e CSA-AL. Com a campanha, a equipe iniciou a terceira rodada no 12º lugar.

"Estive lá em mais de 100 jogos [comandando o Botafogo-PB], eu sei como funciona, mas, ao mesmo tempo, a gente vem de duas boas apresentações, mesmo sem um resultado positivo. Quando eu estava lá, eu pedia para os atletas impedir que o nosso adversário desse o primeiro chute no gol, que isso causava um desequilíbrio. O Botafogo-PB sempre demorava para entrar no jogo quando era agredido primeiro", afirmou Evaristo Piza, hoje treinando o rival do Belo.

"Agora, jogando contra, vou buscar passar para os meus atletas o que gera desconforto quando eles jogam no Almeidão. Temos que ser agudos, incisivos e fortes no ataque, porque isso mexe um pouco com o ambiente lá. Então penso em ter essa estratégia de agredir o adversário, respeitar, mas também agredir eles ofensivamente", completou Piza.

Retrospecto

Ao todo, conforme Raimundo Nóbrega, pesquisador e entusiasta do Botafogo-PB, já foram realizados 85 jogos entre as tradicionais equipes nordestinas, incluindo jogos amistosos, sendo 23 vitórias botafoguenses, 29 empates e 33 triunfos abecedistas. Considerando só duelos oficiais, tiveram 47 confrontos, com 13 vitórias do Belo, 16 empates e 18 triunfos do Elefante de Natal. Desde 2016, quando Botafogo-PB e ABC-RN passaram a se enfrentar com mais frequência, houve nove partidas; o Belo perdeu apenas uma, em 2018. Nos oito confrontos restantes, ocorreram quatro vitórias dos paraibanos e quatro empates. No retrospecto recente, são seis partidas sem a equipe pessoense ser derrotada. O recorte contabiliza também jogos da Copa do Nordeste e da Série C.

Ingressos

As entradas para o jogo de hoje estão com os seguintes valores: Leste Sol: R$ 30 (meia) e R$ 60 (inteira); Oeste Sombra: R$ 40 (meia) e R$ 80 (inteira); Cadeiras Numeradas: R$ 70 (meia) e R$ 140 (inteira); e Visitantes: R$ 30 (meia) e R$ 60 (inteira).

Outros jogos

Pelo torneio, hoje, ainda tem Itabaiana-SE x São Bernardo-SP no Etelvino Mendonça, em Itabaiana (SE), às 16h30; Ituano-SP x Tombense-MG no Novelli Júnior, em Itú (SP), às 16h30; e Brusque-SC x Ypiranga-RS no Augusto Bauer, em Brusque (SC), às 19h.

NO MARIZÃO

Sousa-PB joga contra o Central-PE em busca da reabilitação

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Sousa-PB joga, hoje, às 16h30, contra o Central-PE, no Marizão. O confronto é válido pela segunda rodada do Grupo A3 do Campeonato Brasileiro Série D. O Dino iniciou sua trajetória na competição com uma amarga derrota por 1 a 0 para o Santa Cruz-RN. Agora, diante do seu torcedor, o Alviverde tenta conquistar sua primeira vitória no torneio nacional.

O Dino enfrentou o Central-PE em quatro oportunidades ao longo da história. De acordo com o *site* ogol.com.br, em 2017, o Sousa venceu duas vezes o time pernambucano, tanto fora como dentro de casa, por 1 a 0 e 2 a 0, respectivamente. Já em 2021, os dois confrontos terminaram empatados, ambos por 0 a 0.

Foto: Reprodução/Instagram



Depois de uma estreia com derrota para o Santa Cruz-RN, o Sousa-PB busca a primeira vitória na Série D

A derrota do campeão paraibano na estreia na Série D não decepcionou apenas o torcedor alviverde; comissão técnica, jogadores e diretoria também lamentaram o resultado. Durante a semana, Aldeone Abrantes, presidente do Sousa-PB, foi às redes sociais destacar que o trabalho seguirá e que o Dino brigará pelo acesso.

O rival

O Central-PE joga a Série D para tentar salvar o ano de 2025. No Campeonato Pernambucano, o clube foi rebaixado, tendo feito uma campanha de apenas duas vitórias, três empates e quatro derrotas, terminando em oitavo lugar. Na estreia no Brasileiro, a equipe venceu o Ferroviário-CE por 2 a 1.

Ingressos

Os bilhetes para a partida estão sendo comercializados pelos seguintes valores: Arquibancadas: inteira, R$ 40, meia (somente presencial), R$ 20; Cadeiras: inteira, R$ 100, meia (somente presencial), R$ 50. A venda on-line acontece pelo aplicativo Sousa Esporte Clube, enquanto a presencial, na Dino Store.

Arbitragem

O árbitro Wagner Francisco Silva Souza (CBF-BA) comandará o apito no duelo entre paraibanos e pernambucanos. Paulo Ricardo Alves Farias (CBF-PB) e Rafael Guedes de Lima (CBF-PB) serão os assistentes. O quarto árbitro é José de Arimateia (CBF-PB).

Outro jogo

Hoje, ainda tem mais uma partida pelo Grupo A3: no Arruda, em Recife (PE), às 17h, duelam Santa Cruz-PE e Horizonte-CE.

Nos confrontos, o Sousa-PB leva vantagem sobre o time pernambucano, com duas vitórias, dois empates e nenhuma derrota

HUGO CALDERANO

Tenista vive o auge de sua carreira

Brasileiro ainda saboreia a conquista inédita da Copa do Mundo diante de um chinês, o número 1 do mundo

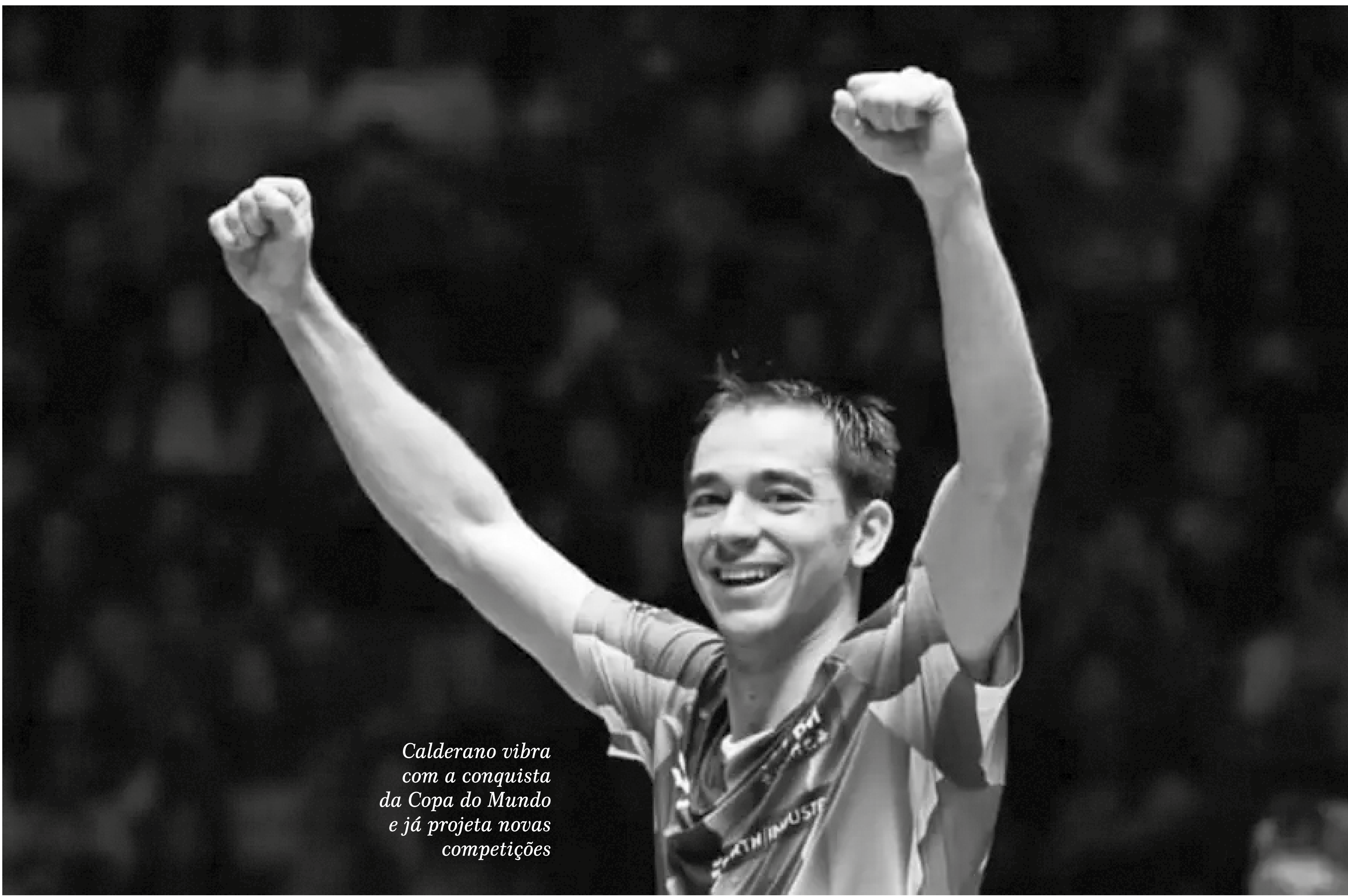


Foto: Divulgação/ITTF

Calderano vibra com a conquista da Copa do Mundo e já projeta novas competições

Hugo Calderano viveu o auge de sua carreira no último fim de semana. O título da Copa do Mundo do Tênis de Mesa, diante do número 1 do mundo, o chinês Lin Shidong, colocou o nome do brasileiro para sempre na história do esporte. De um momento em baixa, como destacou logo após a vitória em Macau, o atleta muda sua postura nesse momento pós-título, pensando em ter mais descanso na rotina de treinos e viagens, em busca literalmente de "mais sol" até a Olimpíada de Los Angeles 2028.

"Uma onda de alegria, de felicidade", classificou o atleta sobre o título na Copa do Mundo, em entrevista coletiva na última quinta-feira (24). "Um pouco de satisfação de ter conseguido uma coisa tão grande no tênis de mesa. Imediatamente, após vencer, percebi que me tornei campeão da Copa do Mundo para sempre. Uma sensação de ter deixado meu nome na história do esporte".

A frase de Hugo não é à toa: o brasileiro se tornou o primeiro campeão masculino, não asiático ou europeu, a disputar e ganhar uma final de Copa do Mundo na história. No pódio, a bandeira brasileira foi hasteada entre os rivais chineses. Midiático entre os fãs do esporte no continente asiático, foi a primeira vez que ele celebrou um título desse peso diante dos rivais.

Nos próximos meses, Calderano terá os últimos jogos pelo Liebherr Ochsenhausen, clube da Alemanha, que defende desde 2014. A Bundesliga, o Campeonato Alemão da modalidade, será a última competição do brasileiro, que terá a semifinal neste fim de semana e, em caso de classificação, disputará a decisão em junho. Após isso, Calderano ainda não tem um caminho trilhado, mas tem um plano em mente: menos viagens entre Ásia e Europa — onde as principais competições são disputadas — e mais tempo com familiares e amigos.

"Não tenho nada confirmado. Essa decisão foi pensando em ter um tempo mais tranquilo, mais liberdade. Coloquei esse objetivo, de brigar por títulos pelo meu clube; por tudo que já vivi, queria brigar por títulos. Ano que vem será um bom ano para jogar menos, ou até não jogar por um clube", afirma o mesa-tenista.

Além disso, em maio, a chave vira: do título da Copa do Mundo, o brasileiro foca na disputa do Campeonato Mundial, que acontecerá em Doha, no Catar. Ele terá a presença da Seleção Brasileira, do técnico Thiago Monteiro, que o acompanhou em Macau, para a disputa. O título na Copa também garantiu a ele um *status* melhor na competição, colocando-se como o terceiro cabeça da chave na disputa.

Torneios

Calderano já está vivendo o novo ciclo olímpico e vai disputar outros importantes torneios pelo mundo e até no Brasil, na cidade de Foz do Iguaçu (PR), no mês de julho

"Será o próximo grande objetivo. No meu caso, que tenho um jogo mais agressivo e ambicioso, o importante é estar na minha melhor forma, para ganhar de qualquer um. O foco continua a ser os Jogos Olímpicos, conseguir uma medalha. Quanto mais tempo no topo, mais chances de conseguir esse objetivo e uma medalha", diz. Em Los Angeles 2028, ele terá 32 anos. Pelo lado físico e mental, não quer se desgastar em busca de medalha, para desfrutar de sua carreira.

No tênis de mesa, os atletas sempre treinam com outro jogador. Para Hugo, é importante que os rivais no CT estejam do mesmo nível daqueles que encontrará nas competições — em sua maioria na Ásia. Por isso que ainda mora na Alemanha, situação que deve mudar nos próximos meses.

A tendência é que ele diminua o número de torneios disputados por clubes, preservando-se para a Olimpíada. Além disso, o brasileiro quer mais "sol" em sua vida, depois de longos anos sob o frio e a chuva do clima europeu. "Um ciclo se encerrou na Alemanha. Fiquei muitos anos no clube, com grandes técnicos, mas tanto o clube quanto minha equipe sofreram uma grande mudança. Muitos dos atletas se mudaram e foram treinar em outros clubes. Agora, preciso reconstruir minha equipe", analisa.

"Ainda não sei exatamente como vai ficar. Felizmente, foi muito bom com o Thiago Monteiro para reconstruir. Vou experimentar treinos diferentes, passar mais tempo em lugares com sol, isso faz muita falta. Saiu um sol, já chego no treino com mais vontade e mais feliz. Infelizmente, na Europa, é neve e chuva", brinca o mesa-tenista.

Mesmo sem treinar no Brasil, o número 3 do mundo terá essa experiência ensolarada no Brasil a partir de 29 de julho. Isso porque ele confirmou sua presença no Star Contender, de Foz do Iguaçu. Será a primeira vez que competirá no Brasil.

"Espero que a torcida brasileira compareça em peso. Sempre sou bem recebido, recebo um carinho muito grande. Isso tem tudo para crescer ainda mais depois desse título, vai fazer muito bem para o tênis de mesa brasileiro", afirma.

Impacto na China

Desde a Olimpíada, em que lamentou a eliminação na semifinal, sem obter uma medalha, Calderano contou com o apoio de amigos e familiares para se recuperar. "Sempre confiei bastante no tempo", diz. Em Macau, a recuperação do mesa-tenista impactou na própria organização do esporte no país asiático.

Após o revés de Shindong, as redes sociais chinesas se inflamaram. Essa mobilização de torcedores locais resultou na renúncia de Liu Guoliang, presidente da Associação Chinesa de Tênis de Mesa (CTTA).

Com a saída do mandatário, os membros do conselho elegeram Wang Liqin para assumir o comando da entidade neste período de turbulência provocado pelo triunfo histórico do atleta brasileiro.

Não é possível atribuir a renúncia às derrotas dos chineses para Calderano. O próprio brasileiro evitou entrar nesse tema e gerar ainda mais polêmica, mas confidenciou que o resultado tem um "gosto especial" por derrubar a hegemonia chinesa no esporte.

"Chineses ainda são os melhores, mas de vez em quando é muito bom vê-los sendo derrotados. Nos últimos anos, a concorrência aumentou muito".

Foto: Divulgação/COB



Fotos: Divulgação/Fifa



Thiago Silva afirma estar bastante motivado para a disputa do Mundial de Clubes, nos Estados Unidos

THIAGO SILVA

Mundial pode coroar fim de carreira

Zagueiro do Fluminense diz que será um privilégio disputar, nos EUA, a maior competição de clubes em 2025

Em entrevista à Fifa, o zagueiro conhecido como "Monstro" revelou que pode estar em sua temporada final. Ele disputará o Mundial de Clubes da Fifa 2025 com o Fluminense-RJ.

Um "Monstro" saiu de casa quando era jovem, viveu aventuras grandiosas pelo mundo e, agora, deseja completar sua jornada do herói no próprio lar; parece uma fábula infantil, mas é a história de um dos melhores defensores que o futebol brasileiro já teve. Thiago Silva está prestes a escrever outro capítulo de uma trajetória vitoriosa: de volta ao Fluminense-RJ, clube que o revelou, ele disputará o Mundial de Clubes da Fifa 2025 com a camisa tricolor no ano que talvez seja, segundo ele, o último de sua carreira.

O zagueiro, hoje com 40 anos, saiu das Laranjeiras ainda jovem, em 2008, rumo à Europa, onde brilhou por Milan, Paris Saint-Germain e Chelsea. Embora o mundo do futebol já tenha se curvado a Thiago Silva há muito tempo, não há amor igual ao do Fluminense-RJ para ele. Por isso, o "Monstro" quer fazer história no novo torneio global da Fifa, nos Estados Unidos, e levar o cobiçado troféu para o Rio de Janeiro.

"Eu procuro falar sempre as coisas do coração. Nem nos meus melhores sonhos, poderia sonhar em viver esse momento, sabe? A responsabilidade é grande por vestir essa camisa novamente depois de ter feito uma história vitoriosa na Europa. O que mais quero, nesse final de carreira, é conquistar um título com essa camisa. Esse ano será especial, e eu espero que Papai do Céu nos abençoe com, pelo menos, um título importante nesse meu último ano de carreira, praticamente", disse ele em entrevista à Fifa.

"Nunca passou pela minha cabeça… ter saído do Fluminense-RJ tão jovem e sonhar que eu poderia um dia disputar uma das competições mais importantes na história do clube. Se eu falasse que sim, estaria mentindo. Será um privilégio disputar o Mundial de Clubes com as cores do time que eu torço e amo. Vai ser bem especial, mas, sendo especial, ainda tenho muita responsabilidade em representar bem essa camisa, fazer uma boa competição e sair com a cabeça erguida, da melhor maneira possível", acrescentou.

Cautela

Thiago tem cautela ao estabelecer as metas tricolores; afinal, o Mundial de Clubes terá 32 equipes que mereceram suas vagas na competição. O próprio Fluminense-RJ estará no Grupo F com Borussia Dortmund (Alemanha), Mamelodi Sundowns (África do Sul) e Ulsan HD (Coreia do Sul) e enfrentará outras ameaças se avançar para o mata-mata.

"A gente sabe que é muito difícil ser campeão, mas tem um objetivo: representar bem as cores do Fluminense-RJ. Esse é o nosso intuito. Independentemente se jogar contra Borussia, PSG ou Chelsea, a gente vai procurar sempre o nosso melhor", avaliou o zagueiro. "Você almeja vencer todas as competições que disputa. Mas tem outras 31 equipes que pensam igual. Ao disputar um Mundial com tantos clubes importantes, você tem de desfrutar".

Na fase de grupos, o Fluminense-RJ passará por Nova York e Nova Jersey nas duas primeiras rodadas e jogará a terceira em Miami. São belas e agitadas cidades, das quais as pessoas costumam voltar com malas cheias de compras. É difícil dizer qual jogador terá mais suvenires ao fim da viagem, muito menos qual clube levará o troféu para casa, mas Thiago já conta com uma "bagagem" especial — do tipo que o dinheiro não compra.

Estamos falando da bagagem de sua experiência, é claro. Ele já disputou quatro edições da Copa do Mundo da Fifa com a Seleção Brasileira, inclusive como capitão, e foi campeão com o Chelsea da antiga Copa do Mundo de Clubes da Fifa 2021, torneio anual que agora é chamado de Copa Intercontinental.

"É emocionante disputar novamente um torneio mundial, já que eu tive esse privilégio de disputar e ganhar com o Chelsea. Com certeza, me traz uma lembrança boa, e essa lembrança é o que a gente vai tentar levar para o Mundial com o Fluminense-RJ, passar as informações necessárias, o quanto é especial. Tenho também experiência de quatro Copas do Mundo disputadas, que é praticamente a mesma coisa", explicou Thiago.

Convocação

Ele convocou a torcida tricolor para embarcar nessa viagem aos Estados Unidos: "A atmosfera vai ser bonita. Espero que a torcida do Fluminense-RJ esteja em peso nos EUA para trazer essa emoção e fazer com que a gente se sinta jogando no Maracanã. O quanto de visibilidade vai nos dar... é um Mundial completo, né? A nossa expectativa é grande para um ano promissor".

O Tricolor das Laranjeiras não jogará em Los Angeles durante o Mundial (nem mesmo se avançar para o mata-mata), mas o jogador pode se inspirar em seu grande ídolo do esporte: LeBron James, astro da NBA e veterano como Thiago — ambos têm 40 anos e são exemplos de como é possível competir em alto nível nessa idade, com a disciplina de um veterano e a motivação de um garoto.

"Meu time é o LeBron James, independentemente de onde ele esteja", brincou. "Sempre que tem jogos e tenho oportunidade de ver, eu acompanho o 'Papai LeBron'. É muito especial porque a gente sabe que, no esporte, a discriminação com a idade é muito grande. Eu dou valor, sim, porque sei o quanto é difícil jogar em alto nível com a idade que tem".

Falando em idade, ele se lembra de quando tinha menos de 10 anos e viu o Brasil ser tetracampeão mundial na Copa do Mundo da Fifa 1994. Aquele título foi conquistado justamente nos EUA, onde o Fluminense-RJ de Thiago tentará fazer história entre gigantes.

"Muito tempo atrás, né? E foi um momento bem especial para mim: eu estava iniciando o meu sonho de criança de jogar futebol. E aquela Seleção, com certeza, me fez sonhar ainda mais. Ver o Romário, o Bebeto, aquela dupla importante. Sem falar dos outros jogadores que também foram importantes, mas, na minha visão como criança… eu almejava ser atacante, então sempre imaginei um Romário ou um Bebeto no corpo do Thiago Silva e foi muito pelo contrário, fui lá para trás, passei a ser defensor", contou.

E, diga-se de passagem, reconhecido como um dos melhores defensores da história. Agora, o ciclo pode se fechar em grande estilo: no país em que a inspiradora Seleção Brasileira foi tetracampeã, e vestindo as cores do clube que o transformou em um "Monstro" vitorioso, Thiago Silva tentará escrever o desfecho perfeito de sua lenda.



O zagueiro Thiago Silva chegou a disputar quatro Copas do Mundo, mas sem conseguir levantar o troféu de campeão

BRASILEIRÃO

Clássico das duas maiores torcidas

Flamengo-RJ x Corinthians-SP, no Maracanã, é um dos jogos mais importantes do complemento da sexta rodada

Da Redação

O Campeonato Brasileiro terá a sua sexta rodada concluída hoje, com a realização de mais cinco partidas. A primeira do dia é também o grande destaque: Flamengo-RJ x Corinthians-SP, às 16h, no Maracanã, duelo que será transmitido pela TV Globo e pelo Premiere.

Os torcedores rubro-negros confiam no retrospecto do confronto para ficar com os três pontos e brigar pela ponta da tabela. De acordo com dados do *site* ogol.com.br, das 77 vezes que se enfrentaram pelo Brasileirão, já são 31 vitórias para o Mengo, 19 empates e 27 triunfos do Timão.

A equipe alvinegra, porém, tentará manter a sequência positiva depois da vitória por 1 a 0 sobre o Racing, do Uruguai, conquistada na Neo Química Arena, na última quinta-feira (24), pela terceira rodada do Grupo C da Copa Sul-Americana. O time carioca, por sua vez, vem de empate em 0 a 0 contra a LDU, do Equador, pela terceira rodada do Grupo C da Libertadores, na noite da última terça-feira (22).

Confrontos às 18h30

Às 18h30, a bola rola para Palmeiras-SP x Bahia-BA, no Allianz Parque, com transmissão pelo Premiere. Ostentando uma sequência de sete vitórias — a última (3 a 2) conquistada na quinta-feira (24), diante do Bolívar, da Bolívia, pela Libertadores — e vivendo bom momento sob o comando de Abel Ferreira, o Verdão busca mais uma vitória para se manter na ponta da tabela.

O Esquadrão de Aço, por sua vez, venceu o Atlético Nacional, da Colômbia, por 1 a 0, em casa, também na última quinta-feira, pela Libertadores, e já havia garantido a vitória sob o mesmo placar em cima do Ceará-CE, pelo Brasileirão.

No mesmo horário, o Cruzeiro-MG duela com o Vasco da Gama-RJ, no Parque do Sabiá, em Uberlândia. A partida terá transmissão pela Record, pela CazéTV e pelo Premiere. O Vitória-BA enfrenta o Grêmio-RS, no Estádio Barradão, em Salvador, com transmissão pelo Premiere.

Santos-SP x Bragantino-SP

A última partida da rodada começa às 20h30: Santos-SP x Red Bull Bragantino-SP, no Estádio da Vila Belmiro, em Santos (SP). O Peixe vem de derrota contra o São Paulo, por 2 a 1, enquanto o Massa Bruta bateu o Cruzeiro-MG por 1 a 0, na rodada anterior. O duelo será transmitido pelo SporTV e pelo Premiere.

Série B

Pela Série B do Campeonato Brasileiro, estão previstas três partidas para hoje. Às 16h, o Athletic Club-MG recebe o Volta Redonda-RJ, na Arena Independência. O Amazonas-AM enfrenta o Atlético-GO, às 16h30, no Estádio Carlos Zamith. Já às 19h, é a vez de Cuiabá-MT e Ferroviária-SP entrarem em campo na Arena Pantanal.



Foto: Adriano Fontes/Flamengo-RJ

Jogadores do Flamengo-RJ durante treinamento no Ninho do Urubu, visando mais uma partida difícil pelo Campeonato Brasileiro, pela sexta rodada



Foto: Divulgação/Bahia-BA

Jogadores do Bahia-BA conversam, antes de bater falta, em jogo válido pela terceira rodada da Copa Libertadores, contra o Atlético Nacional, da Colômbia



Foto: Dikran Sahagian/Vasco-RJ

O Vasco-RJ, do atacante Vegetti, que jogou no meio da semana, contra o Lanús, da Argentina, pela Copa Sul-Americana, hoje, vai atuar pelo Brasileirão



Foto: Rep./Creative Commons

Mais de 70 enfermeiras brasileiras alistaram-se, voluntariamente, para a guerra. Elas desembarcaram na costa da Itália, em 1944, e contribuíram para a vitória dos Aliados

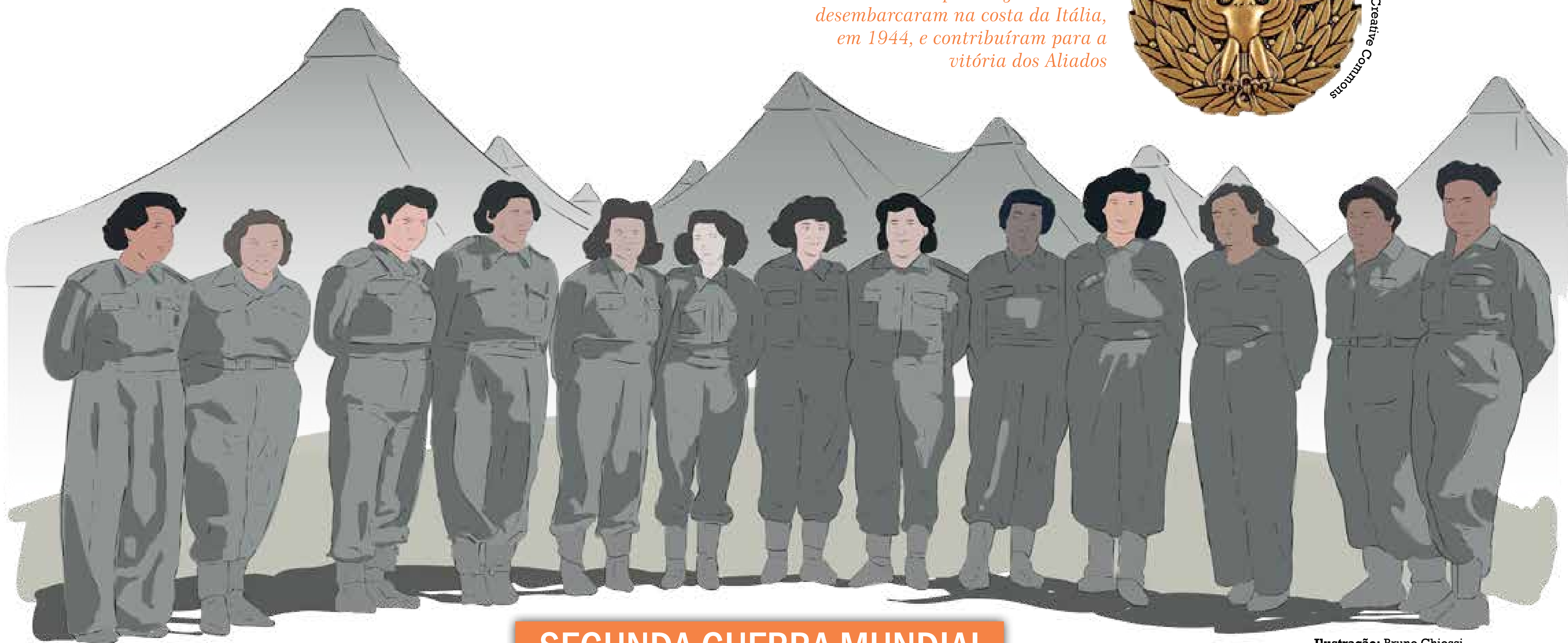


Ilustração: Bruno Chiossi

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Bravura feminina

Preconceito é barreira para o devido reconhecimento à importância da participação de mulheres no conflito que é considerado o mais sangrento da história da humanidade

Evaldo Dantas da Nóbrega
Especial para A União

Quase 80 anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, a participação feminina na batalha ainda não recebeu o devido reconhecimento público. Preconceitos perpetuam-se, mas a verdade é que a força e a bravura das mulheres contribuíram para a vitória dos Aliados, tanto no âmbito dos combates militares quanto no desempenho de ofícios menos perigosos. Enfermeiras, telefonistas, secretárias, cozinheiras e auxiliares de limpeza dos hospitais de campanha: todas elas gravaram na história importantes exemplos de patriotismo.

No Brasil, 73 enfermeiras — sendo 67 do Exército e seis da Força Aérea — alistaram-se, voluntariamente, para a guerra. Em 1944, elas viajaram para a costa da Itália. É muito provável que o grupo tenha se inspirado no pioneirismo das norte-americanas, das inglesas e das francesas. O entusiasmo das brasileiras, naturalmente, causou enorme surpresa a seus familiares e amigos, face aos rígidos costumes da sociedade da época. Mas, aparentemente, o amor ao Brasil falou mais alto.

A major Elza Cansanção Medeiros foi uma dessas heroínas da nação. Ela se alistou para atuar na Força Expedicionária Brasileira (FEB), em 18 de abril de 1943, aos 21 anos. Foi a primeira jovem mulher a se apresentar como enfermeira voluntária, no Rio de Janeiro, onde residia com os pais. Teve que enfrentar a preparação militar, antes de embarcar para a Europa, onde cumpriu seu ofício profissional ao lado de enfermeiras americanas, inicialmente, em Nápoles. Por ter realizado significativas participações nesse período, recebeu nada menos que 200 diferentes condecorações como heroína, tanto por parte do Brasil quanto por parte de países aliados.

Com o término da Segunda Guerra Mundial, Elza e suas colegas voltaram ao Brasil, juntamente aos pracinhas da FEB. A partir de então, trabalhou, inicialmente, como funcionária do Banco do Brasil; depois, atuou como integrante do Serviço Nacional de Inteligência do Brasil; e, em seguida, assumiu uma função no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Dentre suas inúmeras condecorações, contam-se a Ordem do Mérito Militar — Grau Cavaleiro (1979); a Medalha de Campanha da Força Expedicionária Brasileira; a Meritorious Service Award Plaque, concedida pelos Estados Unidos (1944); a Medalha de Guerra (1945); a Medalha do Soldado Polonês Livre; entre outras. Além disso, Elza Cansanção foi a única mulher a ser homenageada com a Medalha Ancien Combatant du Tatre du Operacion du L'Orope, concedida pela França, por sua participação em um sanguinário conflito bélico em solo italiano.

No início da década de 2000, Elza Cansanção esteve em Campina Grande, a convite oficial do Comando do 31º Batalhão de Infantaria Motorizado do Exército.

Foto: Arquivo pessoal/Evaldo Dantas Nóbrega



Major Elza Cansanção, a militar brasileira mais condecorada da história, veio à Paraíba, nos anos 2000

Ela ministrou uma palestra no Teatro Municipal Severino Cabral, abordando a efetiva participação das enfermeiras brasileiras no "teatro" de operações do conflito bélico, ocorrido em solo italiano, de 1944 a 1945.

Elza Cansanção morreu em 8 de dezembro de 2009, no Rio de Janeiro, aos 88 anos.

O Brasil na guerra

Apesar de o ditador Getúlio Vargas nutrir, como mostra a história, uma "dissimulada pitada de simpatia" pelo regime nazista de Adolf Hitler, o Brasil declarou guerra contra o Eixo (Alemanha, Itália e Japão), em 1942. Isso porque o então presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, preocupou-se com a possibilidade de o generalizado conflito atingir, também, as Américas — em especial, a do Sul, via Oceano Atlântico — e convocou os chefes de Estado do continente a combater o avanço das forças nazifascistas.

Criou-se, então, em 9 de agosto de 1943, a Força Expedicionária Brasileira. Coube ao general João Batista Mascarenhas de Moraes (1883–1968) a responsabilidade de comandar a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. O primeiro contingente de militares brasileiros, com 5.075 integrantes, partiu para a Europa em 2 de junho de 1944, no navio americano USS General W. A. Mann. A tropa da FEB chegou à Itália em 16 de julho de 1944, para atuar ao lado do 5º Exército Americano.

De um total de 25.334 brasileiros que participaram da FEB, 465 perderam suas vidas e muitos dos sobreviventes voltaram da Itália feridos e/ou gravemente mutilados.

Em Pistoia, na Itália, onde antes existiu o Cemitério Militar do Brasil, como forma de registro histórico, foi construído o Monumento Votivo Militar Brasileiro. Os restos mortais dos pracinhas brasileiros estão sepultados, desde o ano de 1960, no Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Rio de Janeiro.

Vitória dos Aliados

O primeiro país do Eixo a declarar rendição foi a Itália, em setembro de 1943. E a tomada do Monte Castelo pelos militares da FEB foi determinante para que tal capitulação ocorresse. Já a rendição da Alemanha ocorreu em 8 de maio de 1945, data que é considerada o Dia da Vitória das Forças Aliadas.

O Japão, por sua vez, formalizou a sua capitulação em setembro do mesmo ano, após a explosão das bombas atômicas em Hiroshima e Nagazaki — um dos momentos mais aterrorizantes da Segunda Guerra Mundial. O número total de vítimas nas duas cidades é desconhecido, mas estima-se que os ataques tenham matado cerca de 214 mil pessoas.

Outro devastador genocídio que marcou a Segunda Guerra foi o Holocausto. Por ordem de Hitler, cerca de seis milhões de judeus foram cruelmente assassinados nos campos de concentração. Também foram vítimas do regime nazista ciganos, homossexuais, pessoas com deficiência e outras minorias consideradas "indignas de viver na sociedade alemã".

A Segunda Guerra Mundial, conflito mais cruel e sanguinário da história da humanidade, matou cerca de 70 milhões de pessoas e deixou outras centenas de milhares feridas ou mutiladas.

Evaldo Dantas da Nóbrega é escritor, médico, historiador e diretor de Saúde da Associação dos Oficiais da Reserva do Exército Brasileiro na Paraíba

Luciano Agra

Humanista, inclusivo e democrático

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Luciano Agra criou pontes entre pessoas e estruturas, entre o saber acadêmico e a gestão pública, sempre a favor de uma cidade mais democrática. Por isso, uma das formas de homenagear o arquiteto, professor universitário e ex-prefeito da capital paraibana será dar seu nome a uma importante obra que impactará significativamente na melhoria da mobilidade urbana de João Pessoa: o viaduto situado no bairro Água Fria.

José Luciano Agra de Oliveira era campinense. Nasceu em 25 de novembro de 1952, do casal Neusa Agra de Oliveira e Tibúrcio Valeriano de Oliveira, político que ocupou, na década de 1960, a prefeitura do município de Ingá — onde Luciano passou parte da sua infância e adolescência. Em 1971, retornou, com a família, para Campina Grande, onde cursou o colegial e científico nos colégios Pio XI e Alfredo Dantas. Ingressou no curso de Arquitetura na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde se diplomou em dezembro de 1976.

De volta à Paraíba, foi admitido, no ano seguinte, como arquiteto na Prefeitura de João Pessoa, mas permaneceu por pouco tempo. Seguiu para sua terra natal, onde assumiu o cargo de diretor técnico na Companhia Pró-Desenvolvimento de Campina Grande (Comdeca), retornando à capital, em 1981, para fincar raízes. Coordenou, de 1983 a 1985, a área de Desenvolvimento Urbano e Infraestrutura do Projeto Cidades de Porte Médio, financiado pelo Banco Mundial, em que estudava 54 cidades na Paraíba, em especial João Pessoa. No mesmo período, ingressou como professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).



Ilustração: Tônio

Natural de Campina Grande, Luciano Agra dedicou sua vida ao saber acadêmico, à gestão pública e à promoção da equidade social por meio de ações de urbanismo

Foi por essa época que conheceu, por meio de amigos em comum, Roseana Meira, com quem esteve casado por 15 anos. "Quando eu conheci Agra, eu era uma garota entrando na universidade, ávida por conhecimento, então foi muito importante, até para a minha formação, a convivência com ele e com todos os que estavam ao seu redor. Conversar com Agra sempre era muito rico, seja nos conhecimentos, seja nas referências de vida, porque existia um humanista muito forte dentro dele", destaca a ex-companheira, que atualmente é professora universitária no Departamento de Ciências Farmacêuticas da UFPB.

Em 2006, Agra concluiu mestrado em Engenharia Urbana na UFPB, cujos estudos procuraram resgatar a história da evolução da cidade de João Pessoa e investigar o papel do sistema de transportes no processo de urbanização. Ao constatar que, em pouco mais de uma década (1972–1983), a capital paraibana praticamente dobrara de tamanho, a pesquisa de Luciano se propunha a compreender a intervenção estatal na operação de transportes, analisando a proposta para o setor no Plano Diretor da Cidade. Os conhecimentos advindos das investigações e leituras — Rosana relata que, nas prateleiras da extensa biblioteca do professor, encontrava-se livros tanto de Homero quanto de Niemeyer — juntavam-se ao olhar atento das viagens que gostava de fazer por outras cidades, sempre pensando em melhorias para a vida das pessoas.

A arquiteta e também docente Amélia Panet frequentou as aulas do professor Luciano e, a convite dele, chegou a fazer alguns trabalhos em projetos coordenados pelo mestre. Depois que retornou da pós-graduação em São Paulo, ela foi indicada por Agra para coordenar o curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de João Pessoa (Unipê), para o qual o docente tinha contribuído na construção do Projeto Político-Pedagógico. Depois, foi também convidada a integrar a equipe da Secretaria de Planejamento de João Pessoa quando o arquiteto assumiu a gestão do Executivo municipal de João Pessoa. "A referência dele de talentos urbanos eram os profissionais que ele havia contribuído na formação: nós, ex-alunos dele. Então, ele encheu a prefeitura de bons arquitetos e urbanistas, que colaboraram muito no desenvolvimento urbano de João Pessoa", lembra Panet.

Para a docente, um dos marcos da gestão de Agra foi procurar desenvolver uma rede de apoio de políticas públicas em todo o território urbano, a partir de um sistema de praças e parques que se conectava aos equipamentos públicos de Educação e Saúde. "Ele tinha uma visão de cidade muito democrática, muito acessível, tentando quebrar essas estruturas de segregação socioespacial que a gente tem, ou seja, de que, nos melhores lugares da cidade, sempre estão as pessoas que têm um poder aquisitivo maior e de que sobra para as pessoas com um poder aquisitivo menor os lugares mais distantes e, muitas vezes, inacessíveis", explica a arquiteta. Segundo ela, o urbanismo proposto por Agra era inclusivo e as praças dos bairros tinham um papel muito importante, pois eram pensadas como espaço de escuta, de lazer e de integração social entre crianças, jovens, adultos e idosos, de modo a fortalecer uma maior equidade social.

"Ele entendia o urbanismo como uma metáfora da democracia, pelo equilíbrio entre a ordem e a liberdade, a ética e a beleza. Isso era uma coisa que ele trazia quando pensava a cidade, sempre com um olhar mais inclusivo. Ele usava, digamos assim, a régua não para impor, mas para desenhar espaços em que as pessoas tivessem direito tanto ao sol e à sombra quanto ao afeto de forma igualitária", explica Roseana Meira, que trabalhou com o ex-marido, na primeira gestão de Ricardo Coutinho à frente da Prefeitura de João Pessoa, assumindo a Secretaria da Saúde enquanto Agra comandava a pasta do Planejamento. Uma das lutas que ela recorda desse período é o combate à especulação imobiliária na faixa litorânea de João Pessoa. Agra atuou fortemente para o zoneamento do limite de altura de 12,9 m para os prédios da primeira quadra, contribuindo, assim, com a melhor preservação da orla da capital paraibana.

Wylnna Vidal, arquiteta, urbanista e também professora da UFPB, recebeu o convite do próprio Agra para ser sua chefe de gabinete na Secretaria de Planejamento e, mesmo tentando argumentar que não possuía experiência em gestão pública, foi convencida por ele e acabou aceitando. "Costumo dizer que esse período trabalhando com Luciano Agra foi de um aprendizado ímpar, foi uma abertura de horizontes. Tínhamos uma rotina intensa, de demandas muito complexas e marcadas por conflitos — internos e externos. Poucas pessoas conhecem o funcionamento da gestão pública, e uma das primeiras coisas que aprendi é que não basta ter boas intenções, o trabalho é árduo e são numerosos procedimentos que precisam ser cumpridos com zelo e rigor para que projetos e ações se concretizem", relata Vidal. Do período que atuou junto a Agra, ela destaca a firmeza e o modo cordial com que ele conduzia a pasta, sempre pautado no desejo genuíno de contribuir para melhoria da qualidade de vida na cidade a partir dos conhecimentos de arquitetura e urbanismo.

Na segunda gestão de Coutinho no Executivo municipal, o arquiteto esteve como vice-prefeito nos dois primeiros anos, até que, com a renúncia do mandatário para disputar o Governo do Estado, Agra assumiu a prefeitura, de 2010 a 2012. Tanto Roseana quanto Amélia destacam a capacidade de diálogo do gestor e a autonomia que ele sempre deu às equipes, procurando aprender com os secretários em suas respectivas áreas através de uma escuta qualificada.

Amélia Panet lembra que, certa vez, chegou a discordar de um projeto de urbanização proposto pelo prefeito que seria implementado no bairro São José e previa a retirada das pessoas da comunidade para a construção das edificações onde, posteriormente, seriam realocadas. Quando Luciano apresentou-lhe o projeto, a arquiteta se manifestou totalmente contra. "Eu tinha feito um estudo e estava com minhas leituras muito afiadas sobre reurbanização e urbanização de favelas e territórios periféricos, compreendia que remover pessoas do seu lugar não era uma coisa que se fazia mais. Ele apresentou o projeto e foi o maior rebuliço, porque a comunidade teve a reação natural de negá-lo. No outro dia, ele chamou todos os secretários para se reunir e eu fui a única que falei que não concordava. Achei até que ele ia me demitir, mas, no outro dia, ele me chamou, junto com o Secretário de Habitação, e disse: 'Faça o que ela está querendo'. Eu fiz um novo projeto, mantendo a população no local e retirando só as pessoas que estavam na beira da linha do rio, cujas casas alagavam", relatou. Nas diversas reuniões com a população, a presença e apoio do então prefeito demonstravam a confiança no trabalho profissional da ex-aluna.

"Para Agra, o gestor e o arquiteto urbanista era sempre uma extensão do ser humano. Um hospital bem projetado curava tanto quanto um abraço, como a gente sempre conversava", recorda Roseana, referindo-se também à paciência para ouvir as histórias dos moradores. "Ele era uma pessoa muito acessível e muito carinhosa, chamava todo mundo de filhinho e filhinha. Não existia essa distância por conta do cargo dele, mesmo com as pessoas mais humildes", relata Panet.

Como secretário de Planejamento, Agra coordenou o projeto para construção da Estação Ciência Cabo Branco, do arquiteto Oscar Niemeyer, e como prefeito construiu a Estação das Artes, local pelo qual mantinha grande apreço. Segundo Meira, ele também deixou importantes desenhos arquitetônicos que continuam sendo implementados na cidade de João Pessoa em vista de melhorias na mobilidade urbana, a exemplo do Viaduto do Geisel, do Trevo das Mangabeiras e da Ponte das Três Ruas.

Luciano Agra não conseguiu a indicação do seu partido para concorrer à reeleição e encerrou seu mandato à frente do Executivo municipal no fim de 2012. Faleceu dois anos depois, em 10 de dezembro de 2014, aos 62 anos, vítima de acidente vascular cerebral hemorágico, deixando um legado, antes de tudo, humano. "Eu acho que a gente podia classificar Agra como um homem sensível, de valores universais como justiça, beleza, escuta; um gestor que via na política uma ferramenta para transformar vidas; e um pai cujos olhos brilhavam ao falar da filha, o seu amor maior. No entendimento dele, as cidades não se erguem apenas por concreto, mas de sonhos compartilhados", sintetiza Roseana.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Papa Francisco: "Comunicar encontrando as pessoas onde estão e como são"

Em 23 de janeiro de 2021, por ocasião do 55º Dia Mundial das Comunicações Sociais, o Papa Francisco (1936–2025) divulgou uma mensagem enfatizando a importância de "comunicar encontrando as pessoas onde estão e como são". Sempre que leio esse texto do papa — na verdade, um convite a todos nós —, lembro-me do meu ofício de jornalista e de como a mensagem do pontífice é atual e imperativa ao propósito de comunicar.

"Para poder contar a verdade da vida que se faz história", escreveu o Papa Francisco, "é necessário sair da presunção cómoda do 'já sabido' e mover-se, ir ver, estar com as pessoas, ouvi-las, recolher as sugestões da realidade, que nunca deixará de nos surpreender em algum dos seus aspectos".

O convite para "ir e ver", numa alusão direta ao apóstolo João (Jo 1, 46), lembra-me também do quanto a mídia, hoje, está acostumada ao chamado "jornalismo sentado", feito entre quatro paredes, com base em aplicativos de mensagens, telefones celular e telas de TV.

A crise do negócio do jornalismo levou-nos a esse cenário de jornalistas sentados, que bem pouco vão aonde a notícia está. Impôs à nossa profissão rotinas de precariedade: com mais tecnologias, menos profissionais nas redações e quase nada de carros da indústria de mídia nas ruas. Tornamo-nos jornalistas de ar-condicionado!


Foto: Divulgação/Vaticano

Em janeiro de 2021, religioso criticou a crise editorial e o comodismo das redações

E, pasme, até falar ao telefone com alguma fonte gera desconforto. Como resultado, temos mensagens frias, frases do nosso interlocutor calculadas a cada digitação, pouco (muito pouco) questionamento e um excesso de texto padronizado.

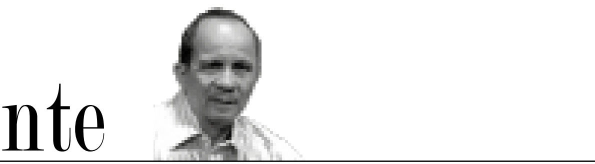
E o Papa Francisco também falou sobre isso. "Há já algum tempo que vozes atentas se queixam do risco dum nivelamento em 'jornais fotocópia' ou em noticiários de televisão, rádio e *websites* que são substancialmente iguais, onde os géneros da entrevista e da reportagem perdem espaço e qualidade em troca duma informação pré-fabricada, 'de palácio', autorreferencial, que, cada vez menos, consegue interceptar a verdade das coisas e a vida concreta das pessoas, e já não é capaz de individuar os fenômenos sociais mais graves nem as energias positivas que se libertam da base da sociedade".

Mais adiante, o pontífice escreveu: "A crise editorial corre o risco de levar a uma informação construída nas redações, diante do computador, nos terminais das agências, nas redes sociais, sem nunca sair à rua, sem 'gastar a sola dos sapatos', sem encontrar pessoas para procurar histórias ou verificar com os próprios olhos determinadas situações".

E o Papa Francisco também questionou em seu texto: "Mas, se não nos abrimos ao encontro, permanecemos espectadores externos, apesar das inovações tecnológicas com a capacidade que têm de nos apresentar uma realidade engrandecida onde nos parece estar imersos". E reforçou: "O próprio jornalismo, como exposição da realidade, requer a capacidade de ir aonde mais ninguém vai: moverse com desejo de ver".

"Ir e ver", o convite do papa também me lembra muito uma frase citada pelo escritor Eduardo Galeano (1940–2015), durante uma entrevista. Ele disse mais ou menos isto: "Se uma pessoa diz que está chovendo e outra diz que não, seu trabalho como jornalista não é dar voz a ambas. É abrir a janela e ver se está chovendo". Abrir a janela e ver. Ensinou-nos Galeano. Ir e ver. Exortou-nos Francisco. Que saibamos exercitar, na prática, o legado deixado por esses dois grandes latino-americanos.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Pop rock made in Brazil — X

Classificá-lo como cantor, tecladista, guitarrista, arranjador e produtor musical já seria um bom cartão de visitas para o paulista Otávio Augusto Fernandes Cardoso (São Paulo-SP, 1953–2023), mas foi com o pseudônimo de Pete Dunaway que ele ficou gravado no universo musical, no *pop rock made in Brazil*. Aliás, foi já com o nome artístico que Otávio Augusto foi creditado na canção romântica *"Don't Let Me Cry"* (Pete Dunaway/George), gravada por Mark Davis (Fábio Jr.) e com a qual este, praticamente, iniciou sua trajetória nesse gênero/estilo musical.

O caminho de Pete Dunaway (Otávio Augusto), depois de passagem pela TV Tupi, por esse viés, foi consolidado, sobretudo, pelo trabalho dele junto à Rede Globo e à Som Livre, quando se tornou uma espécie de carro-chefe de trilhas para telenovelas ("Bel-Ami", em 1972; "Rosa dos Ventos", em 1973; "Os Inocentes", em 1974; e Cuca Legal, em 1975), tornando-se criador de temas instrumentais para variadas aberturas, como para os arranjos da primeira canção-tema do Jornal Hoje (*"Adam and Eve"*, de 1975), inspirada na gravação de Johnny Mathis (*"Evie"*, de 1971). Deixou, como marca registrada do seu estilo, as baladas melodiosas, com notório destaque para os instrumentos de corda de que era exímio conhecedor e executante. O domínio sobre o assunto levou-o ao cargo de diretor musical das gravadoras Som Livre e RGE-Fermata, a que hoje pertence boa parte do seu acervo musical. Depois de integrar alguns grupos musicais, como o Memphis e o Colt 45, fez parte do Lee Jackson, conhecido grupo roqueiro da década de 1970.


Foto: Divulgação/Victor A. Andrade

Otávio Augusto Fernandes construiu uma carreira de sucesso com o pseudônimo Pete Dunaway e emplacou canções em trilhas sonoras de diversas novelas

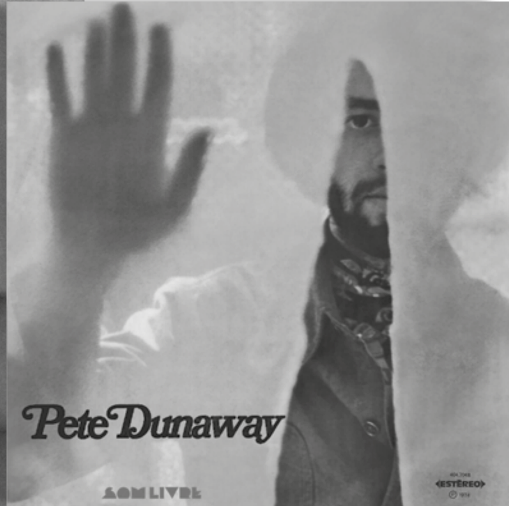


Foto: Divulgação/Som Livre

Pela Som Livre, gravou dois álbuns — "Pete Dunaway" (1974) e *"Fantastic Musical Land"* (1977). Também merece destaque o CD *"The Music of Pete Dunaway and Memphis"* (gravadora Sky Blu Music). Dentre as suas mais conhecidas criações, todas dos anos 70, citamos algumas: *"Don't Let Me Cry"*, *"Tears of Life"*, *"Helen"*, *"Jet Music"*, *"I'll Be Fine"*, *"You're the Reason"*, *"Heart to Heart"* e *"Believe Me Darling"*.

No currículo de Pete Dunaway, constam produção e arranjos do álbum de Rita Lee "Fruto Proibido" (1975) e do primeiro álbum de Guilherme Arantes, "Ronda Noturna" (1976).

Por tudo isso e outros méritos, ele integra, com louvor, o quadro de honra dos *brazilian singers*, como eram chamados os nossos "baladistas ingleses", fazendo parte do grupo contemporâneo de Morris Albert, Terry Winter, Michael Sullivan, Christian, Don Eliot, Mark Davis, Paul Bryan, Steve Maclean e Tony Stevens.

Passada a onda do chamado *pop rock made in Brazil*, apesar de constante vivência no meio artístico, após cantar e tocar em conjuntos de baile nas noites paulistas, já usando simplesmente o nome artístico de Otavinho, deixou a carreira de intérprete, passando a trabalhar em publicidade, sobretudo direcionada à criação de *jingles*, sem, no entanto, deixar de compor. Tanto que, em álbum gravado em 2002, a banda Twister, formada em 1999, em Campinas, no interior de São Paulo, incluiu algumas de suas criações, como "No seu olhar" e "Guitarra no Avião".

AMEAÇA DIGITAL

Feed infinito de notícias ruins gera hábito nocivo

Fenômeno comportamental tem preocupado especialistas em saúde mental

Alice Labate
Agência Estado

Rolar sem parar o *feed* das redes sociais, em busca de notícias ruins, tornou-se um comportamento comum. O fenômeno, batizado de *doomscrolling*, combina *design* de plataformas, algoritmos e uma tendência de vigilância constante para formar um hábito que especialistas alertam ser prejudicial ao bem-estar psicológico.

"Estamos programados para monitorar ameaças. Isso está no nosso DNA", explica Angelica Mari, especialista em Cyberpsicologia. "Consumir informação sobre desastres ou notícias ruins dá uma falsa sensação de preparação e controle frente a essas ameaças", acrescenta.

Segundo ela, essa tendência natural é hiperativada no ambiente digital, que opera por meio de estímulos constantes e recompensas intermitentes. O *design* das plataformas, com rolagem infinita, notificações e métricas de engajamento, favorece a permanência do usuário e, consequentemente, a exposição prolongada a conteúdos de teor negativo. "É um ambiente muito propício ao *doomscrolling*", afirma Angelica.

Embora não haja dados conclusivos sobre os grupos mais afetados, a especialista aponta que pessoas em contextos vulneráveis tendem a sentir os efeitos de forma mais intensa. "Se você já vive uma situação de ameaça real e entra num ambiente digital que amplia essa programação, parece razoável que o *doomscrolling* seja mais presente", opina a especialista.

Características

Os sinais de que a prática se tornou excessiva nem sempre são claros, mas podem incluir comportamentos como a procrastinação digital e a sensação de perda de tempo. "A pessoa passa três, quatro horas no celular e nem percebe", exemplifica Angélica.

Outro indicativo seria o envolvimento em comportamentos digitais automáticos, como encher carrinhos de compras virtuais sem intenção real de adquirir os produtos. "O algoritmo entende aquilo como interesse, e o ciclo se retroalimenta", destaca.

De acordo com Angelica, há uma ligação entre o *doomscrolling* e a nomofobia, o medo irracional de ficar sem o celular. "Ela anda de mãos dadas com o *doomscrolling*, porque o celular é a principal via para essa prática. A pessoa sente que não consegue ficar sem o aparelho, nem sem acessar esses conteúdos", diz.

O Brasil, segundo a especialista, é particularmente vulnerável a esse tipo de comportamento. "É um dos países com maior índice de vício em celular. Isso nos torna uma população altamente suscetível ao vício em padrões destrutivos dentro do aparelho", alerta.

Efeitos emocionais

A exposição contínua a notícias ruins não é apenas desgastante; ela pode gerar efeitos psicológicos profundos. "Psicologicamente, o *doomscrolling* é um confronto com a sombra coletiva da humanidade. Consumir essas notícias desastrosas o tempo todo é se envolver, ainda que inconscientemente, com o lado sombrio do que é ser humano", ressalta.

Ela pontua que existe uma atração paradoxal por aquilo que é perturbador, como uma tentativa de lidar com os aspectos sombrios da realidade. Com o tempo, esse ciclo pode distorcer a percepção de realidade e comprometer a saúde emocional. "Quem está preso a essas dinâmicas está preso ao mundo do simulacro, vivendo negação de si mesmo, do outro, e se afastando da realidade. É preocupante", reforça a especialista.

Quebrando o ciclo

O caminho para sair do *doomscrolling* começa pela conscientização. Angélica Mari recomenda práticas que reorientem a atenção para o interior. "Meditação, caminhar no parque, ler um livro, essas coisas parecem utópicas diante da realidade, mas não se trata de alienação. É sobre equilíbrio. E, talvez, transformar essa energia do *doomscrolling* em ação significativa no mundo".

Ela destaca também a importância da chamada "higiene digital". "Existem ferramentas: o Instagram, por exemplo, permite limitar o tempo de uso diário. E, quando atingir esse limite, não estenda. Respeite os limites que você mesmo definiu", orienta.

Se necessário, vale considerar medidas mais radicais, como a desinstalação temporária de aplicativos ou a mudança do eletrônico que costuma utilizar. "A experiência no *desktop* é diferente e pode inibir o uso excessivo", sugere a ciberpsicóloga.

Mas a mudança depende de disposição genuína para alterar o comportamento. "Muitas pessoas têm letramento digital suficiente para buscar formas de conter isso. A questão é: será que elas realmente querem? É preciso se perguntar: quanto tempo você está deixando de dedicar ao que realmente importa?", provoca Angélica Mari.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Rei do terreiro (2) = galo + pata (1) = pé. **Solução:** correria = galope (3).

Charada de hoje: Despareça (2) da corrente fluvial (2), antes que eu o coloque no índice (4) de minhas obras.



Ilustração: Bruno Chiossi

Eita!!!!



Foto: Divulgação/Diamond Films

Sucessão

Com a morte do Papa Francisco, ocorrida na última segunda-feira (21), a Igreja Católica prepara-se para o conclave, votação que escolherá o novo pontífice. O rito — que deve começar entre os dias 6 e 11 de maio — desperta a curiosidade não só de quem segue o catolicismo, mas também da sociedade como um todo. A sucessão papal já foi tema, inclusive, de obras do audiovisual. Abaixo, confira alguns filmes que tratam do assunto:

"Conclave" (2024)

Vencedor do Oscar 2025 de Melhor Roteiro Adaptado, o longa-metragem, dirigido por Edward Berger, acompanha as ações do cardeal Thomas Lawrence (Ralph Fiennes), encarregado de conduzir o processo de escolha do novo papa. Os principais candidatos são Aldo Belini (Stanley Tucci), Joshua Adeyemi (Lucian Msamati), Joseph Tremblay (John Lithgow) e Goffredo Tedesco (Sergio Castellitto). Outro personagem central de "Conclave" é Irmã Agnes (Isabella Rossellini).

"Dois Papas" (2019)

Dirigido pelo brasileiro Fernando Meirelles, o filme idealiza a relação do Papa Bento XVI, interpretado por Anthony Hopkins, e do cardeal Jorge Mario Bergoglio (futuro Papa Francisco), vivido por Jonathan Pryce. Baseado na peça teatral "The Pope", o roteiro conjectura as conversas que antecederam a histórica renúncia do religioso alemão, em 2013. "Dois Papas" recebeu três indicações ao Oscar e quatro indicações ao Globo de Ouro, mas não levou estatueta alguma.

"As Sandálias do Pescador" (1968)

Baseado no livro homônimo de Morris West, o drama narra a ascensão do cardeal ucraniano Kiril Lakota (Anthony Quinn) ao mais alto posto da Igreja Católica. Ex-prisioneiro político, ele faz do seu pontificado um instrumento de mediação da crise entre a Rússia e a China. O trabalho do compositor Alex North rendeu ao filme o Globo de Ouro de Melhor Trilha Sonora. A premiação também citou "As Sandálias do Pescador" na categoria de Melhor Filme de Drama, mas a estatueta ficou com "O Leão no Inverno".

"O Cardeal" (1963)

Dirigido por Otto Preminger, o longa-metragem adapta o romance homônimo de Henry Morton Robinson. O protagonista é o padre Stephen Fermoyleum (Tom Tryon), que passa a ser cogitado para o papado. A narrativa joga luz a dilemas morais, desafios e articulações políticas na cúpula da instituição religiosa. O filme venceu o Globo de Ouro de Melhor Filme de Drama e Melhor Ator Coadjuvante (John Huston). No Oscar, concorreu nas categorias de Melhor Diretor, Melhor Ator Coadjuvante (John Huston), Melhor Edição, Melhor Fotografia Colorida, Melhor Figurino Colorido e Melhor Direção de Arte.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)





Solução

1 – árvore; 2 – cajado; 3 – castanha; 4 – rabo do boi; 5 – chifre; 6 – chapéu; 7 – rabo do pássaro; 8 – planta; e 9 – chaminé.

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



EDIÇÃO: Thais Cirino
EDITORAÇÃO: Matheus dos Reis

A capacidade de superar situações difíceis e seguir em frente é um exercício que encontra no perdão um elemento central. Mas quais seriam os passos para perdoar alguém ou se autoperdoar? Como isso afeta a saúde e a vida social? Para especialistas, o processo é complexo, envolve compreensão para lidar com mágoas e a esperança do recomeço.

Perdão requer autoconhecimento

Seja para pedir, conceder ao outro ou atribuir a si próprio, o gesto exige um esforço consciente para encarar e superar dores profundas



Ilustrações: Bruno Chiossi

Desculpar é uma decisão voluntária que envolve questões morais e de sentimento de justiça

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Perdoar é um verbo tão generoso que admite diferentes relações: pode ser intransitivo, isto é, traz em si a ideia completa de seu ato; como também se apresenta como transitivo direto, transitivo indireto e até bitransitivo, ou seja, necessita de complementos para melhor explicitar seu sentido. Tão diversa e complexa quanto o uso gramatical é a prática de perdoar, que remete tanto a relações com o outro — oferecer e pedir perdão — quanto consigo mesmo — o autoperdão.

A empresária Mariana (nome fictício), chegou à idade adulta guardando muita mágoa do pai biológico. "Quando eu tinha três anos, ele foi embora e não manteve contato comigo. Eu sentia falta, mas também tinha mágoa e achava que era obrigação dele me procurar, então nunca tentei buscá-lo. Cresci com esse sentimento, especialmente em datas como Dia dos Pais e Natal, que sempre me lembravam da ausência dele", relata. As mudanças no campo profissional e em sua rotina pessoal motivaram a jovem a criar coragem e ligar para o pai. Ouviu toda a versão dele e, percebendo sinceridade na voz, conseguiu dar o difícil passo de perdoar. A relação com o pai biológico ainda está em construção, mas ela já consegue perceber a diferença na sua vida. "Guardar mágoa só nos aprisiona, só nos faz mal. O perdão nos liberta e traz paz para o coração… Não é só para a outra pessoa, é para você", aconselha.

O professor de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Júlio Rique, vem desenvolvendo pesquisas sobre o perdão desde os anos 1990, quando, depois de trabalhar questões em torno da ideia de justiça, foi convidado por um professor da Universidade de Wisconsin-Madison, nos Estados Unidos, para aprofundar o tema. Os estudos realizados ao longo das últimas três décadas fizeram o pesquisador chegar à seguinte definição: "O perdão é uma decisão voluntária de uma pessoa que foi vítima de uma injustiça, que merece respeito e que pensa que é importante, para continuar com a vida dela, livrar-se ou reduzir significativamente os sentimentos negativos de raiva e ressentimento. Ao mesmo tempo, essa redução de sentimentos negativos levaria ao ressurgimento de sentimentos positivos em direção à pessoa que ocasionou a injustiça".

O docente reforça que perdoar traz benefícios à saúde. Já presenciou muitas pessoas que chegavam ao início do processo terapêutico com uma série de sintomas afetivos e físicos, como pressão alta, diabetes, ansiedade, depressão e síndrome do pânico, e que tiveram significativas melhoras ao longo do tratamento. "As pessoas com pressão arterial alta, ao fim e mesmo no decorrer da terapia do perdão, quando são testadas novamente, apresentam uma pressão arterial regular, não alterada, inclusive quando fazem memória do evento", revela.

Impacto na saúde

O caso que mais o impressionou foi o de uma pesquisa desenvolvida por uma colega com veteranos de guerra que tinham problemas cardíacos, levando-os a trabalhar memórias nas quais se sentiram vítimas, seja de ataques por parte dos inimigos, seja de comportamentos familiares com os quais se sentiram injustiçados. O estudo consistia em monitorar, por meio de ultrassonografias e equipamentos ligados ao coração, a frequência cardíaca entre dois grupos: um que teve acesso à terapia do perdão e outro que não passou por esse tipo de terapia. "Ao longo do processo, o que se verificou é que aqueles que foram capazes de perdoar tiveram uma recuperação significativamente melhor de um músculo específico do coração, que tinha a ver com o sintoma cardíaco para o qual ele buscou tratamento no início, em comparação com aqueles que não tiveram a terapia do perdão", observou o psicólogo.

Nas pesquisas desenvolvidas por Júlio Rique, o perdão é considerado uma ação moral vinculada às questões de justiça, mas não se associam a um dever. "Ninguém é obrigado moralmente a perdoar, ninguém vai tirar da pessoa o direito de se sentir ofendida e de buscar justiça, mas é preciso considerar as consequências da mágoa, se elas são permanentes ou conseguem ser superadas", reforça o professor. Apesar de não ser um ato imposto, na visão do pesquisador, o perdão é uma atitude normativa da sociedade, já que somos injustiçados e também cometemos injustiças em algum momento da vida. "Do mesmo jeito que nós somos vítimas, nós também somos agressores em algumas ocasiões. Se nós temos potencial de agredir, também temos o poder de perdoar. É uma compreensão da nossa condição humana", argumenta. É justamente a partir desse viés que a Psicologia procura trabalhar para minimizar os sintomas biológicos causados pelo ressentimento, tais como insônia, ansiedade ou alterações cardíacas.

> **Guardar mágoa só nos aprisiona, só nos faz mal. O perdão nos liberta e traz paz para o coração**
>
> Mariana (nome fictício)

Decisão individual

Ao longo de seus estudos, o pesquisador também observou que algumas pessoas magoadas costumavam receber sinais daqueles que as magoaram sobre a necessidade de ser perdoado, do mesmo modo que quem perdoava costumava sentir a necessidade de informar sobre o perdão concedido à pessoa que havia lhe ofendido. "Em determinados momentos da vida, uma pessoa que agiu injustamente com outra pede perdão, então esse outro lado também é um fenômeno, no nosso ponto de vista, semelhante àquele da pessoa que perdoa. E quem pede perdão precisa esperar o tempo do outro perdoar, dar ao outro o tempo dele viver a raiva", explica.

Processo inclui redimir-se dos próprios erros

Às vezes, a pessoa que ofendeu pode ser desculpada, mas a vítima não querer mais aproximação. Em outras ocasiões, é preciso reconhecer que o outro pode não perdoar. Neste caso, o psicólogo Júlio Rique afirma que assumir a responsabilidade e procurar corrigir o erro, social ou institucionalmente, é só o que se pode fazer, já que a ação de perdoar não pode ser imposta a alguém. "Mas, se o outro não te perdoa, como conviver com uma espécie de tristeza permanente pelo ato cometido?", questiona Júlio.

Nesse momento, é importante um trabalho de autoperdão: "Perdoado ou não pelo outro, vai ser preciso perdoar também a si mesmo, porque, se nós não perdoarmos a nós mesmos, vamos ser uma pessoa que vai seguir pela vida de maneira amarga, afetando nossos familiares, amigos e mesmo os estranhos com quem a gente lida no dia a dia", defende o especialista.

Para Rique, ainda que suas pesquisas não tenham se debruçado especificamente sobre essas questões, pedir perdão, receber perdão e perdoar a si mesmo estão intrinsecamente relacionados, formando o que ele chama de tríade do perdão. Nos processos grupais desenvolvidos por sua equipe, junto a detentos de uma penitenciária da Paraíba, centrados no aprendizado para perdoar, alguns participantes também expressaram a necessidade de pedir o perdão, por exemplo, à esposa, a um irmão, a um amigo ou mesmo a um familiar de alguém que tivesse sido impactado pelos crimes cometidos, mesmo que fossem de menor potencial ofensivo. A proposta de intervenção foi de que os detentos escrevessem cartas para aquelas pessoas, mas, ao longo do processo, com a espera das respostas às cartas, identificou-se a necessidade de trabalhar também o autoperdão.

> **Se nós não perdoarmos a nós mesmos, seguimos pela vida de maneira amarga**
>
> Júlio Rique

"Eles disseram que, antes de perdoar alguém, tinham que perdoar a si mesmos, porque possivelmente aquela pessoa agiu contra eles por causa de seu comportamento. Ao longo de um procedimento terapêutico vão surgindo nuances que tornam o perdoar, o buscar pelo perdão e o perdoar a si próprio parte de um único processo. A capacidade de eu perdoar pode estar, às vezes, na capacidade que eu tenho de perdoar a mim mesmo quando eu já magoei alguém e não fui capaz de pedir o perdão. Então, você precisa trabalhar isso antes de você dizer que perdoou. Se eu fui capaz de me perdoar, então por que é que eu não sou capaz de perdoar o outro? Se eu não sou capaz de perdoar a mim mesmo, provavelmente eu não serei capaz de perdoar o outro, a não ser que eu tenha tempo e disposição para trabalhar essas questões", esclarece o pesquisador.

Mas, então, quais seriam os passos para se chegar ao autoperdão ou para perdoar alguém? Até que ponto perdoar significa esquecer a ofensa? Como a cultura popular e as religiões estimulam a prática do perdão? Como a prática do perdão foi institucionalizada jurídica e politicamente? São todas questões postas à mesa e que nos fazem pensar!



NÍVEIS DE PERCEPÇÃO

Entender a dor ajuda a superá-la

Pequisador aponta que é possível avaliar a predisposição de uma pessoa para livrar-se da raiva e do ressentimento

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

"Eu perdoo, mas não esqueço!". A expressão que costumamos proferir ou ouvir de amigos e familiares quando a conversa é sobre alguma injustiça sofrida revela que o perdão não é uma atitude uniforme, tampouco universal, direcionado a tudo e a todos. Nesse sentido, o professor Júlio Rique faz questão de pontuar: "O perdão, do mesmo jeito que a dor da injustiça, é produto de uma percepção, ou seja, uma pessoa comete um ato e esse ato é visto tanto como muito sério pela pessoa que foi ofendida ou como não tão sério por outra pessoa que sofreu aquele mesmo ato. Para algumas pessoas, um amigo que contou um segredo confiado pode ser uma dor profunda, uma traição, já para outras, não interessa tanto, não incomoda".

Foi com base nessa percepção que o pesquisador criou um instrumento de avaliação psicológica capaz de medir os níveis de perdão, ou seja, a predisposição para se livrar da raiva e do ressentimento. "Nós consideramos que, de uma maneira geral, o que ocorre com o perdão é uma transformação de sentimentos, julgamentos e comportamentos negativos em positivos", sintetiza Rique. O inventário que guia o processo terapêutico do perdão tende a mostrar níveis diferentes: há quem não perdoou, quem perdoou pouco, quem ainda está considerando perdoar, quem perdoou muito e quem perdoou completamente. Para compreender essa escala, é preciso considerar três dimensões da pessoa: afetivo-emocional, cognitiva e comportamental.

Na dimensão afetivo-emocional, a proposta é que a vítima reconheça como se sente em relação ao agressor, desde os sentimentos de mágoa e raiva ou até os de alegria. Na dimensão cognitiva, a tarefa consiste em fazer com que a vítima tome consciência dos julgamentos que faz da pessoa que o ofendeu — normalmente vista da pior forma possível — e auxiliá-la para que enxergue outros valores. "Ao trabalhar o perdão, esses julgamentos negativos também tendem a ser reduzidos e os julgamentos positivos começam a surgir. Por exemplo: eu acho que ele me fez mal, mas tem lados bons nessa pessoa também", ilustra o psicólogo.

Emoções processadas

A reflexão acerca do outro é fundamental para que o perdão não seja falso ou forçado, daí ser necessário algum tempo para processar cognitivamente as emoções. O histórico da relação com a pessoa, as memórias afetivas do que viveram juntos e os demais comportamentos do outro para com a vítima, no passado, costuma ajudar a processar o ressentimento, por isso que, nos estudos, o docente identificou que é mais fácil perdoar amigos e familiares do que colegas de trabalho ou estranhos.

"Em algumas culturas, os amigos são mais perdoados do que os membros da família. Eu me recordo, por exemplo, que os Estados Unidos mostram esse resultado porque os pares são mais considerados na cultura americana. Nas culturas de tendência latina, a família é muito forte, então os laços familiares são colocados em primeiro lugar. Não é obrigatório, mas a tendência é que familiares e amigos sejam perdoados em maior grau. Colegas de trabalho, por outro lado, quando pisam no nosso calo, são mais difíceis de serem perdoados. E o ressentimento permanece em maior grau com estranhos porque não existe histórico de relação", compara o pesquisador.

> **O que ocorre com o perdão é a transformação de sentimentos e julgamentos negativos em positivos**
>
> Júlio Rique

Por fim, na dimensão comportamental, o trabalho é transformar atitudes em relação ao ofensor, que podem ser tanto de vingança quanto de evitar a sua presença, procurando afastar-se dos lugares onde sabe que ele esteja. Com o perdão, a tendência é que tal comportamento diminua a ponto de se conviver civilizadamente com a presença do outro sem sentir ódio, ressentimento ou aquela raiva inicialmente identificada. "O perdão é algo oferecido a uma pessoa específica e por uma razão específica. A pessoa perdoada também não está perdoada de agora e para sempre, pois se ela continua cometendo o mesmo erro, continua sendo uma pessoa que pode até merecer o perdão, porém não é de se esperar que se tenha comportamentos positivos em relação a ela", pondera Rique. Ele também chama atenção para o fato de que, cometida uma injustiça, não é possível apagá-la da memória, a não ser por consequências biológicas, como em doenças de Alzheimer ou eventos traumáticos. Por isso, a mágoa costuma retornar diante de situações semelhantes, a partir de "gatilhos" que fazem a pessoa lembrar do que sofreu. A opção, então, é controlar as reações a essa memória.

"Quando a pessoa assume isso, ela é levada a responder uma pergunta para si própria: 'Você acha que você merece continuar vivendo dessa forma em respeito a você próprio? Ou você gostaria de tentar algo que possa reduzir tudo de ruim que você está vivenciando no momento, devido a uma mágoa que ocorreu anos atrás?'. Depois, nós passamos a refletir sobre o ofensor. Colocando-se no lugar do outro, a pessoa vai ser levada a um momento de aprofundamento do sentimento empático e chega ao final se perguntando se é capaz de perdoar esse outro", descreve o psicólogo, lembrando que se trata de um processo sofrido e doloroso, com idas e recuos, e que leva algum tempo para se concretizar.


Foto: Arquivo pessoal

Psicólogo ressalta que o processo para o perdão é complexo

Histórico, conflitos e emoções ditam o limite da tolerância

O psicanalista Jhonatan Leal trabalhou com o tema da infidelidade conjugal em sua tese de doutorado e percebeu o dilema entre conceder ou não o perdão. Ele argumenta que, diferentemente da compreensão religiosa que tem o perdão como preceito, a Psicanálise identifica essa prática como benéfica, mas que não pode ser imposta porque cada ser humano é único e lida com as experiências de maneira diferente. Ser obrigado a perdoar acaba sendo a reprodução de um ato violento.

"Existem situações em que o não perdoar pode ser uma forma de o sujeito colocar um limite ou se proteger numa relação com o outro. Nesses casos, o não perdoar é o melhor que ele pode fazer. Para a Psicanálise, o mais importante é que, se chegar à conclusão de que o melhor a fazer é não perdoar, que esse não perdão não fique nele como um ressentimento, porque aí é bastante danoso", defende o terapeuta.

Jhonatan lança o questionamento sobre o perdão em casos de violência contra a mulher praticada por seus companheiros, mas defende que esta é uma decisão subjetiva que cabe a cada pessoa, a partir de sua história, conflitos, emoções e do que o próprio inconsciente tolera. "Se para seguir na vida de uma maneira mais leve vai precisar não perdoar, então que assim seja. Agora, se for para seguir na vida de uma maneira pesada tendo perdoado, então é porque ainda não é o momento de se realizar os perdões. O perdão não é para trazer peso, o perdão é para trazer mais leveza", acentua.

O especialista explica que, na perspectiva psicanalítica, o perdão não diz respeito tanto a ações exteriores e não significa necessariamente voltar a conviver com a pessoa que praticou a ofensa. Trata-se, antes, de um movimento interior de elaboração dos traumas sofridos, de modo a integrar aquele acontecimento à sua própria história, sem se deixar definir por ele. Integrar, para o analista, significa reconhecer o dano provocado e seguir em frente ao invés de ficar lutando contra o que aconteceu.


Foto: Arquivo pessoal

Traumas afetam a saúde física e mental, adverte psicanalista

Ressentimento atrapalha

Independente de perdoar ou não, o importante é trabalhar o ressentimento. Jhonatan compara o sujeito ressentido à criança que, brincando, caiu e machucou-se, mas que decide permanecer chorando, jogada ao chão, e não quer se levantar nem mesmo para brincar com outros amigos. "Para o sujeito ressentido o importante é lembrar que fulano de tal o empurrou, que ele se machucou e caiu. É ficar nesse movimento, que a psicanálise chama de um gozo diante do sofrimento, diante daquele evento traumático", descreve.

Há seis anos atendendo em clínica, o psicanalista identifica alguns marcos da terapia ao longo do processo de superação do ressentimento. O primeiro deles é a queixa em relação ao que aconteceu ou à pessoa que provocou o dano. O trabalho do analista consiste, então, em acolher o que é dito, mas sem se tornar cúmplice da queixa, por isso começa a questionar a responsabilidade do sujeito diante do ocorrido. O segundo marco da terapia costuma acontecer quando o indivíduo passa a se analisar diante daquilo que o angustia e começa a se perguntar qual o seu lugar diante da vida no momento presente. "E aí é quando as chaves podem girar, quando outras formas de se ver podem começar a ser construídas. O sujeito tende a compreender que ele não precisa ficar reduzido àquele acontecimento e que ele pode construir para si uma identidade que não fique restrita ao acontecimento traumático", frisa Leal.

Assumir permanentemente o lugar de vítima repercute na saúde psíquica e física, tanto quanto nas relações interpessoais. O terapeuta cita as crises de ansiedade, insônia e obesidade, como também a psoríase, inflamação da pele caracterizada por escamas e manchas secas que causam irritação e coceira, e até impactos na fibromialgia. Quanto aos relacionamentos, eles tendem a ser adoecidos e muita gente não consegue se entregar por completo a eles em razão de traumas de relações anteriores. As dúvidas em relação ao parceiro ou parceira podem beirar a paranoia de achar que tudo o que ocorreu no passado vai se repetir.

"Na clínica, o sujeito que não consegue perdoar fica muito travado, como se estivesse amarrado a uma bola de ferro. A vida parece que fica ancorada no acontecimento traumático, as coisas não andam e ele tende a assumir uma posição de queixa diante do que aconteceu e diante da vida. É como se o sujeito, de alguma forma, se proibisse de apreciar os sabores daquilo que está sendo servido no momento presente. Já o sujeito que consegue perdoar, mesmo sabendo que não costuma ser algo fácil, é como se ele virasse a página e saísse daquilo para construir uma nova narrativa, como se ele pegasse um alicate e quebrasse a corrente que prende ele àquela bola de ferro. E depois que ele passa por isso, a vida dele anda, ele volta a ter prazer de viver, a ter encanto na vida, a sonhar, a desejar, a vislumbrar um futuro", descreve o analista, atrelando a esse processo a diminuição ou desaparecimento de muitos sintomas físicos e psíquicos relatados.

> **Existem situações em que o não perdoar pode ser uma forma de o sujeito se proteger numa relação**
>
> Jhonatan Leal

SUPORTE EMOCIONAL

Gesto humano amparado pela fé

Diferentes religiões estimulam o perdão como um caminho para alcançar a paz interior e viver em harmonia

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Na oração mais repetida pela humanidade, há um pedido que, desde a primeira vez que foi transmitido, tem desafiado até os indivíduos mais convictos: "Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido". Pelas lentes da fé cristã, o perdão é o símbolo maior da misericórdia de Deus, assim como parte central da evolução humana, por romper com os ciclos de dor e mágoa que aprisionam o ser humano desde que o mundo é mundo.

Perdoar, na visão do teólogo norte-americano Lewis B. Smedes, representa muito bem isso: "É libertar um prisioneiro e descobrir que ele era você". Foi o que fez o paraibano Rafael [que preferiu omitir o sobrenome em razão de sua história], hoje com 27 anos, ao ressignificar o trauma que sofreu nos seus primeiros dias de vida.

Abandonado ainda recém-nascido, foi encontrado por um policial em uma caixa de sapato no meio do lixo, com formigas percorrendo seu corpo. Mas o que definiria sua vida viria depois, quando a enfermeira que o acolheu no hospital decidiu adotá-lo.

Se, na infância, foi-lhe negada qualquer possibilidade de escolha, hoje, como pai de três filhas, Rafael preferiu perdoar a viver ressentido. Ele não nega sua história, tampouco esqueceu o que seus genitores fizeram, mas recusa-se a carregar essa dor. Também não alimenta fantasias sobre o que a vida poderia ter sido. "Perdoei sim, com certeza. Se não tivesse perdoado, só estaria me destruindo", reflete. E, segundo ele, foi a fé que o manteve íntegro diante das lacunas de seu passado.

Espaço simbólico

Embora não ofereça respostas prontas, a espiritualidade apresenta-se como um espaço simbólico de elaboração, em que o indivíduo consegue olhar para as próprias dores com mais clareza. Mas não se trata de algo racional. O perdão, muitas vezes, nasce do choque entre o que é incompreensível e a dor que insiste em permanecer. É nesse espaço que a fé entra como suporte. Crer em algo, seja em uma presença divina, na força da humanidade ou na possibilidade de transformação, é o que abre caminho para perdoar o outro, ou a si mesmo.

Naturalmente, cada religião atribui ao perdão sentidos próprios, que variam conforme seus símbolos, ritos e formas de se relacionar com o sagrado. Ainda assim, há um ponto de convergência entre todas elas: a noção de que o perdão, embora seja uma escolha individual, tem um alcance coletivo. Segundo Cristiano Amarante da Silva, mestre em Ciências das Religiões, perdoar não transforma apenas quem perdoa ou quem é perdoado, mas todo o entorno. "Além de trazer paz a quem recebe ou fortalecer uma virtude a quem oferece, o perdão gera novas correntes dentro das comunidades, impactando diretamente a forma como as pessoas se relacionam", afirma.


Foto: Arquivo pessoal

O perdão gera novas correntes dentro das comunidades, impactando a forma como as pessoas se relacionam

Cristiano Amarante

Libertação

Cristiano também destaca que tanto nas tradições ocidentais quanto nas orientais, como o cristianismo, o judaísmo, o islamismo, o hinduísmo e o budismo, além das religiões de matriz africana, o perdão é compreendido como um caminho para a paz interior. "Trata-se de se libertar de algo que aprisiona, incluindo a angústia e o rancor", completa.

No entanto, essa busca por reconciliação vai além do que as doutrinas pregam nos livros. Ela é vivida de forma intensa pelo povo, muitas vezes fora dos discursos oficiais. Romarias, promessas e gestos de penitência, como subir escadarias de joelhos, são formas de garantir essa proximidade com o divino.

"As pessoas agradecem e pedem perdão de diferentes maneiras. Enquanto a teologia ainda impõe muitas barreiras, o povo encontra, de forma muito própria e natural, seu jeito de se aproximar do sagrado", finaliza Cristiano Amarante da Silva.

Amadurecimento espiritual, renúncia e exercício de caridade

Na fé cristã, o perdão é uma consequência direta do encontro com a misericórdia divina. "A história de Deus com a humanidade sempre foi de perdão. Ele continuou perdoando seu povo através da sua história. E, se já recebemos o perdão de Deus, hoje, podemos dá-lo. No 'Pai-Nosso', estabelece-se uma reciprocidade", afirma o padre Mário Costa Silva, da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, em João Pessoa. Em outras palavras, tornamos-nos capazes de perdoar justamente porque fomos tocados pelo perdão de Deus.


Foto: Arquivo pessoal

A história de Deus com a humanidade sempre foi de perdão. E, se já recebemos o perdão de Deus, hoje, podemos dá-lo

Padre Mário Costa Silva

Desse modo, perdoar exige fé, mas também uma disposição emocional que extrapola a convicção religiosa. Para o sacerdote, o perdão é um mergulho corajoso na própria história — e é aí que muitos travam. Porque querer perdoar não basta; é preciso renunciar ao orgulho, à mágoa e até à vontade de fazer justiça com as próprias mãos. Quando o orgulho fala mais alto, o ofendido acredita que o estrago foi tão grande que perdoar significaria se rebaixar. Por isso, segundo Mario, o perdão é um gesto que só os humildes conseguem dar. "Eles sofrem a ofensa e retribuem com um ato de libertação." E completa: "É como estar preso a alguém por uma corrente — e ter a chave nas mãos. Você pode passar a vida toda carregando o outro ou abrir e deixar a pessoa ir".

Indulgência

No entanto, na tradição católica, o perdão não depende apenas da vontade do indivíduo. Ele assume um papel sacramental, profundamente ligado à doutrina e aos ritos da Igreja. É pela confissão que o fiel se reconcilia com Deus, e é a partir dela que se alcança o chamado "estado de graça". Padre Mário explica que há dois caminhos para se receber o perdão: pela confissão sacramental, que o livra do inferno, e pela indulgência plenária, concedida em ocasiões especiais, como o Jubileu.

Celebrado a cada 25 anos, o Ano Santo — também chamado de Ano do Perdão — é, segundo ele, "a oportunidade que temos para receber o perdão de Deus através da indulgência plenária". É por meio dela que temos a chance de retirar total ou parcialmente a pena do pecado, reduzindo a permanência no purgatório. Padre Mario explica que esse tempo antes da entrada no Céu é fundamental para purgar os males e pavimentar o caminho para o perdão. E para receber a indulgência, três condições são exigidas: confissão, participação na Eucaristia e oração em comunhão com as intenções do papa. Mas o rito, por si só, não basta. É preciso arrependimento verdadeiro e intenção sincera de mudança. "Diante de um arrependimento sincero, todo pecado pode ser perdoado", finaliza Mário.

Visão espírita

Se no catolicismo o perdão envolve inúmeros ritos, no espiritismo ele é compreendido como parte do processo evolutivo do espírito. A lógica muda, mas a essência permanece a mesma: perdoar como um gesto de libertação. José Batista de Azevedo Neto, presidente da Federação Espírita Paraibana (Fepb), explica que, sem o perdão, o ser humano tende a carregar, desnecessariamente, muita culpa pelos erros cometidos ao longo de sua trajetória — que, na visão espírita, atravessa múltiplas existências. "O espírito é criado simples e ignorante e vai aprendendo a cada encarnação. O perdão faz parte desse amadurecimento", complementa. Nesse processo, o ditado "é errando que se aprende" ganha um sentido maior.

Segundo ele, o ponto de partida começa pela troca da culpa pela responsabilidade. "Temos que assumir as regras da nossa existência e trabalhar no sentido de reparar o mal que a gente causou, seja a alguém ou à sociedade", complementa. Perdoar, nesse contexto, não é esquecer nem aprovar a conduta do outro. É deixar de se prender ao que impede o avanço do espírito. Como parte desse processo, a própria reencarnação representa uma oportunidade ímpar de reparar o que não foi possível em vida em uma existência futura. "Pela bênção do esquecimento, Deus nos concede a oportunidade de nos reaproximarmos de quem ferimos ou nos feriu, ainda que não tenhamos consciência disso", complementa Azevedo Neto.

Pendências

O presidente da Fepb explica que, pela visão espírita, é comum que afetos e desafetos do passado estejam presentes na mesma família, como forma de trabalhar as pendências que trazemos na bagagem espiritual. O perdão, nesse contexto, exige do indivíduo maturidade emocional, autoconhecimento e coragem para romper com a dor. Mas cada pessoa tem seu tempo. Por isso, Neto reforça que o perdão amadurece junto com o espírito. Na doutrina espírita, acredita-se que a mágoa e o desejo de vingança criam laços que atravessam encarnações. "É possível que um espírito precise de várias existências para resolver uma inimizade. Já tivemos relatos de espíritos que levaram séculos para se reconciliar", exemplifica.

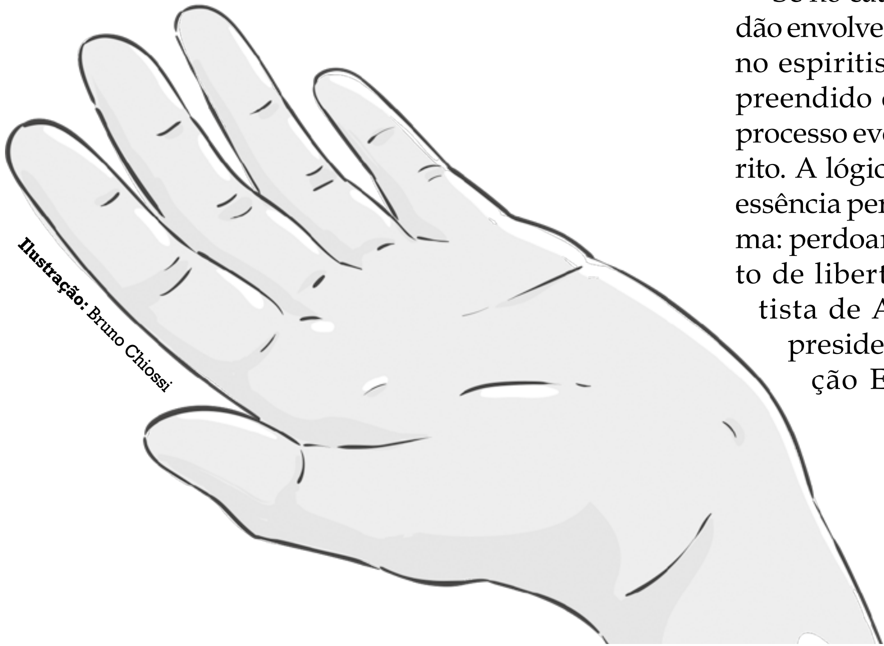

Foto: Arquivo pessoal

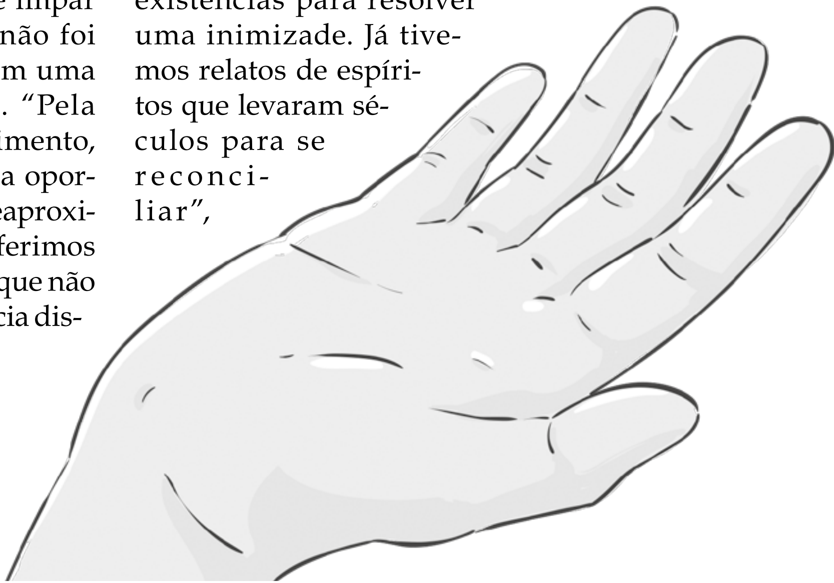
Temos que assumir as regras da nossa existência e trabalhar no sentido de reparar o mal que a gente causou

José Batista Neto

Embora o perdão verdadeiro não repare todas as perdas, ele é capaz de interromper esse ciclo de sofrimento. Para o espiritismo, perdoar é, também, um exercício de caridade. "Na pergunta 886 de 'O Livro dos Espíritos', Allan Kardec questiona qual o sentido da palavra caridade. E a resposta dos espíritos é clara: benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições alheias e perdão das ofensas". Em um mundo cada vez mais julgador, a proposta não é se calar diante do mal, mas escolher não retribuir da mesma forma. "Se alguém bater na tua face, ofereça a outra. Mostre o outro lado, o da bondade", conclui.

■ Mesmo na visão espiritual, perdoar exige também uma disposição emocional que extrapola a convicção religiosa


Ilustração: Bruno Chiossi



RECOMEÇO

É possível dar uma nova chance?

Para quem comete um crime, o retorno à sociedade, após o cumprimento da pena, é uma das etapas mais difíceis

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Há mais de três séculos, o poeta londrino Alexander Pope escreveu que "errar é humano; perdoar, divino", como um lembrete de que a falha é parte da condição humana. Ainda assim, dentro dos limites da lei, existe um território cinzento que a justiça dos homens nem sempre consegue alcançar. Nos primórdios, a sociedade acreditava tanto no castigo como forma de reparação que defendia, sem pudor, o "olho por olho, dente por dente", muito embora essa lógica não se aplicasse a todos da mesma forma. De lá para cá, mesmo com o avanço dos processos legais e a defesa dos direitos humanos, ainda seguimos prontos a condenar e, quase sempre, com a mesma distinção de quem merece, ou não, uma segunda chance.

Benefício seletivo

Para a socióloga Carolina Batista, o perdão continua sendo um benefício altamente seletivo no mundo moderno. Apesar de a Justiça contar com dispositivos legais que validem o direito ao recomeço, como é o caso do indulto — que extingue o cumprimento da condenação —, a sociedade ainda tende a alimentar o estigma da punição, reforçando a ideia de que o perdão é um privilégio.

De acordo com a especialista, isso fica ainda mais evidente entre os grupos historicamente marginalizados. "O perdão é uma ideia universal, disseminada pela tradição cristã, que nos orienta a perdoar o próximo. Mas, na prática, sua distribuição é extremamente contraditória", reflete Carolina, destacando que se trata de uma inflexão mediada por quem sempre ostentou algum tipo de privilégio. E é nesse ponto que o abismo revela-se. "Não são os escravizados que merecem perdão, mas os privilegiados. Esses, sim, recebem o perdão repetidas vezes".

Na prática, esse perdão negado a determinadas pessoas está diretamente ligado ao valor social que se atribui a elas. E essa hierarquia não é nova, segundo a socióloga, foi moldada pelo cristianismo e aprofundada pelo capitalismo. "A ofensa pessoal nunca está na mesma balança que a ofensa pública. O bem público é sempre aquele que pode ser vilipendiado e extorquido, porque a nossa fundação, como cultura, funciona assim desde que os povos colonizadores chegaram nessas terras". De um lado, estavam os que dominavam; do outro, os que eram tratados como inferiores — sem alma ou direito ao erro. E aqui, qualquer semelhança com a atualidade não é mera coincidência.

Essa lógica, como aponta Carolina Batista, mantém-se até hoje e continua sendo aplicada sistematicamente aos menos favorecidos. Pessoas em situação de vulnerabilidade social continuam sendo presas por furtarem comida, enquanto figuras públicas acusadas de corrupção são blindadas por discursos que relativizam seus atos. Ou seja, nas palavras da socióloga, o que é crime — e o que merece perdão — muda conforme o CPF, a cor da pele e a posição que se ocupa na sociedade. "Parece que o que é roubado do Estado não é visto como crime, apenas o que é privado", conclui.

Vida nova

Perdoada pela Justiça, Eduarda Justino da Silva, a Duda, uma mulher trans de 34 anos, conheceu de perto os limites entre o perdão jurídico e o julgamento social. Após três anos de reclusão, foi beneficiada com o indulto, o que lhe permitiu recomeçar, mas há marcas que a lei sozinha não apaga. Por não ter o nome retificado, foi mantida em um presídio masculino. Também sofreu agressões físicas e psicológicas. "Passei por muita coisa, mas esse tanto de sofrimento me fez acordar e não querer mais agir de forma que desabonasse minha liberdade, o nosso bem mais precioso".

Para Duda, esse benefício representou o primeiro passo rumo à reconstrução de sua própria dignidade. "Hoje, posso caminhar na rua sem medo de ser parada por uma viatura. Agora, ando de cabeça erguida. Liberdade é isso", conta com orgulho.

Superado esse capítulo, Eduarda Justino conquistou algo que, três anos antes, parecia-lhe distante devido à vida no presídio: um emprego em uma empresa privada. Ela garante que, no local, todos conhecem sua história. "Nunca escondi nada de ninguém. Quando a gente fala o que sente e o que passou, as pessoas compreendem quem a gente é", reflete, sublinhando que a verdade sempre abre portas.

É com base nessa experiência que ela defende, com firmeza e simplicidade, o direito ao perdão: "Todos merecem ser perdoados. Sem isso, como alguém vai recomeçar?".


Foto: Arquivo pessoal

Eduarda Justino encontrou no perdão um caminho para escrever uma nova história de vida

Indulto garante a liberdade, mas não exclui o julgamento social

Apesar de ainda ser visto por muitos como um "favor" concedido aos apenados, o indulto é, antes de tudo, um direito previsto na legislação brasileira. Para a defensora pública Iara Bonazzoli e a assessora em Execução Penal Ana Carolina de Araújo Rocha, ele representa o reconhecimento público de que uma pessoa, após cumprir parte da pena e manter bom comportamento, tem o direito de voltar a viver em liberdade. "É um gesto de dignidade e, também, uma política criminal que, em certa medida, tenta reparar ou amenizar as mazelas provocadas pelo sistema, como as desigualdades sociais, o racismo e a violência", diz Iara.

Preconceito

À frente da Coordenadoria de Atendimento da Execução Penal e Estabelecimentos Prisionais (Caepep) e presidente do Comitê Estadual de Prevenção e Combate à Tortura (Cepct-PB), a defensora pública reforça que o indulto contribui para romper com o estigma do "apenado", um rótulo que persiste mesmo após o cumprimento da pena. Para se ter ideia, a condenação continua constando nos antecedentes criminais por até cinco anos, o que dificulta qualquer chance de recomeço. Segundo as especialistas, esse preconceito é ainda mais cruel quando se trata de mulheres: elas não apenas são punidas por violarem a lei, mas também — se forem mães — por negligenciarem os filhos. "Mesmo que, com frequência, elas cometam crimes pela necessidade de sustentá-los", complementa Ana Carolina.


Foto: Arquivo pessoal

> **É um gesto de dignidade e uma política criminal que tenta amenizar as mazelas provocadas pelo sistema**
>
> Iara Bonazzoli

Desse modo, ao apagar essa cicatriz, o indulto não só facilita a recuperação dos direitos civis, como ajuda a superar as barreiras que dificultam a ressocialização. Para Iara Bonazzoli, o verdadeiro problema não está no benefício, mas na seletividade do sistema. "Embora pessoas de todas as classes e raças cometam crimes, existem algumas que são muito mais passíveis de sofrer abordagem policial, de serem denunciadas e, depois, condenadas".

Simbolicamente, o indulto representa um ponto de virada na trajetória de quem passou pelo sistema prisional. Mas, sozinho, ele não é capaz de reconstruir a dignidade de pessoas que, antes mesmo da condenação, já viviam à margem da sociedade. A defensora pública reconhece a importância desse mecanismo como política pública, mas ressalta que o perdão da pena não resolve todos os problemas. "É necessário reduzir a segregação social. Um recomeço demanda muito mais do que o fim da pena: exige políticas públicas que coloquem em prática uma série de direitos sociais", sublinha.

Rigor da lei

Sob o ponto de vista jurídico, o indulto é concedido com base em critérios técnicos e legais, definidos por decretos presidenciais. Segundo João Rosas, gerente executivo de Ressocialização da Secretaria de Administração Penitenciária da Paraíba (Seap), são essas decisões que estabelecem as regras para a concessão, como o tempo de cumprimento da pena, a inexistência de reincidência em crimes graves e o bom comportamento carcerário. "O indultado não pode ter cometido falta de natureza grave no ano de publicação do decreto", exemplifica João. Em geral, réus primários que cometeram crimes de menor gravidade podem solicitar o indulto diretamente ao Estado, sem a necessidade de advogado.


Foto: Arquivo pessoal

> **A sociedade ainda fala muito em punição. E esse discurso bloqueia a ressocialização**
>
> João Rosas

Por outro lado, o decreto de 2022 foi bastante controverso ao ampliar o benefício de forma incomum, sem exigir bom comportamento ou excluir certos crimes. "Foi um caso atípico. Bastava ter uma condenação inferior a cinco anos, mesmo com histórico de faltas graves, para ser beneficiado." Já o atual voltou com a rigidez esperada, com a delimitação de crimes impeditivos e a análise da conduta dentro da prisão.

Ainda assim, o julgamento social continua sendo mais severo do que a própria pena, o que, para João Rosas, configura-se em um verdadeiro paradoxo. "Esse estigma acompanha a pessoa, mesmo pós-cumprimento da pena", complementa. Por isso, políticas públicas de reintegração são fundamentais para garantir que o perdão jurídico se traduza, de fato, em recomeço. João cita o Escritório Social — criado para acompanhar os egressos do sistema prisional —, uma iniciativa pioneira na Paraíba, como exemplo dessa estratégia.

Reinserção

O objetivo, segundo o gerente executivo, é garantir uma rede de serviços para que essas pessoas tenham seus direitos concretizados, como acesso à moradia, à educação e ao trabalho. "Isso traz, naturalmente, um reflexo na segurança pública como um todo, na medida em que diminui a reincidência. É um ciclo virtuoso", destaca. Mas Rosas reconhece que essa reconstrução não se faz da noite para o dia, exigindo tempo, investimento e mudança de mentalidade. "A sociedade ainda fala muito em punição. E esse discurso bloqueia a ressocialização. O nosso trabalho é abrir espaço para outro tipo de perdão, o social."

> O indulto representa um ponto de virada na trajetória de quem passou pelo sistema prisional